

ALBA CRISTHIANE SANTANA

**PSICOLOGIA ESCOLAR PARA QUÊ?
A Formação e a Atuação do Psicólogo Escolar em Goiânia**

Programa de Mestrado em Psicologia

Universidade Católica de Goiás

2002

ALBA CRISTHIANE SANTANA

PSICOLOGIA ESCOLAR PARA QUÊ?

A Formação e a Atuação do Psicólogo Escolar em Goiânia

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Goiás como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a **Mercedes Villa Cupolillo.**

Universidade Católica de Goiás
2002

TERMO DE APROVAÇÃO

PSICOLOGIA ESCOLAR PARA QUÊ ?
A Formação e a Atuação do Psicólogo Escolar em Goiânia

Autora: Alba Cristhiane Santana
Orientadora: Dr.^a Mercedes Villa Cupolillo

Aprovada em 04 de Outubro de 2002

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Mercedes Villa Cupolillo (Presidente)

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Novaes Mira (Membro convidado)

Prof.^a Dr.^a Francisco D. Cardoso Mendes (Membro convidado)

AGRADECIMENTOS

À José Humberto pelo amor e companheirismo em todos os instantes.

À minha família pela tolerância e apoio constante ao ato de aprender.

À Mercedes Villa Cupolillo, minha orientadora, que com sensibilidade, criticidade e extrema inteligência participou ativamente dessa construção, respeitando e apoiando minha trajetória.

Às Psicólogas que aceitaram participar dessa pesquisa, dividindo suas experiências e possibilitando uma produção de conhecimentos que possa contribuir com a ampliação da Psicologia Escolar.

À todos amigos que diretamente ou indiretamente apoiaram e acreditaram na realização desse trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I	
O PSICÓLOGO ESCOLAR EM FORMAÇÃO E EM ATUAÇÃO	15
1.1 – A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR NO BRASIL.....	17
1.2 – A CONSTRUÇÃO DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	27
CAPÍTULO II	
METODOLOGIA UTILIZADA NA CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES	40
2.1 – O ESTABELECIMENTO DO PROBLEMA.....	41
2.2 – ELABORAÇÃO DOS EIXOS NORTEADORES PARA A CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES	42
2.3 – SELEÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	43
2.4 – APRESENTAÇÃO DE CADA ETAPA DESENVOLVIDA NO PROCESSO DE PESQUISA	44
CAPÍTULO III	
ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS.....	51
3.1 – A Inserção do Psicólogo Escolar no Contexto Educacional Goianiense	51
3.2 – A Psicologia Escolar no curso de Psicologia da UCG.....	62
3.3 – Conversando com os Professores da área escolar.....	74
3.4 – Conversando com as Psicólogas Escolares.....	119
3.5 – Debate entre Psicólogos Escolares	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	180
ANEXOS.....	186
ANEXO I ENTREVISTAS E DEBATES REALIZADOS.....	187
ANEXO II OFÍCIO PARA A UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (UCG).....	316
ANEXO III GRADES CURRICULARES DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UCG.....	318
ANEXO IV EMENTAS DE DISCIPLINAS DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UCG.....	348

RESUMO

A Psicologia Escolar tem sido tema de muitas pesquisas e discussões, buscando compreender a relação existente entre a Psicologia e a Educação e o papel desempenhado pelo Psicólogo Escolar. Porém, acredita-se que muitas questões sobre a identidade desse profissional ainda se apresentam confusas e contraditórias. O objetivo desse estudo foi tentar compreender algumas dessas questões relacionadas a formação e atuação do psicólogo escolar. O processo investigativo foi permeado por uma visão de homem sócio-histórica, fundamentada na perspectiva de Vygotsky, utilizando-se como metodologia a Epistemologia Qualitativa. A construção das informações foi norteadas por: uma enquete no contexto educacional goianiense, uma análise da presença da Psicologia Escolar nas grades curriculares do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, entrevistas com professores desse curso, entrevistas com psicólogos escolares e um debate com um grupo de psicólogos ligados ao atual curso de especialização em psicologia escolar. A articulação dos diferentes indicadores levantados a partir desses eixos permitiu tecer algumas considerações sobre como se configura, em Goiânia, os processos de formação e atuação profissional, os quais se desenvolvem através de uma rede de relações estabelecidas entre o currículo do curso (o qual abrange as grades curriculares e a ação efetiva do corpo docente junto ao discente) e os referenciais de atuação. Os conhecimentos produzidos nesse estudo suscitaram reflexões acerca da necessidade de se repensar o processo de formação, visando à construção de um profissional com uma postura crítica e transformadora, podendo contribuir com o contexto educacional através de uma atuação significativa, alicerçada em uma fundamentação teórico-metodológica consistente. Acredita-se, portanto, que tal objetivo só poderá ser alcançado pela ação de um grupo de profissionais comprometidos com a ampliação da Psicologia Escolar e com a inserção do profissional no contexto educacional.

ABSTRACT

The School Psychology has been theme of many researchers and discussions, looking for to understand the existent relationship between the Psychology and the Education, and the function carried out by the school psychologist. However, it is believed that a lot of subjects about this professional's identity still come confused and contradictory. The goal of this study was try to understand some of those subjects related with a formation and professional performance. The ivestigative process was permeated by a partner-historical man vision, based in the perspective of Vygotsky, being used as Epistemologic Qualitative methodology. The construction of the information was orientated for: a survey in the Goianiense educational context, one analyse about the presence of the School Psychology in the grating curriculum of the Psychology course in the University Catholic of Goiás, interviews with the teachers of that course, interviews with the school psychologist and discussions with a group of psychologists linked with the actual school psychology specialization course. The articulation of the different lifted up indicators to leave of these axes allowed to weave some considerations on as it is configured, in Goiânia, the formation processes and professional performance, which grow through a net established relationship among the curriculum of those course (which embraces the grating curriculum and the action executes close to the teachers) and references of performance. The knowledge produced is this study raised reflections concerning the need of rethinking the formation process seeking a professional's construction with a critical posture and changed, could contribute with the educational context through a significant performance, found in a conscious theoretic-methodological base. It is believed therefore that such aim will only be able to be reached by the action of a group of professionals committed with the amplification of the School Psychology and with the professional's insert in the educational context.

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende investigar como ocorre a formação e a atuação do Psicólogo Escolar em Goiânia acreditando que, para o desenvolvimento de uma discussão sobre os processos de formação e atuação profissional, é necessário considerar a rede de relações que participa dessa construção, onde cada processo vai se configurando através de um movimento dialético entre si.

Essa rede de relações é constituída por um homem ativo que, através de sua ação, constrói a si mesmo e ao seu mundo, sendo também constituído por esse mundo, composto por contextos sociais, culturais e históricos (VYGOTSKY, 1991).

O caminho traçado nesse estudo é permeado por uma visão de homem sócio-histórica, abordagem construída a partir da perspectiva de Vygotsky. Dessa forma, o tipo de olhar dirigido para os processos de formação e atuação profissional os percebe como processos complexos, não lineares e multideterminados, onde um vai constituindo o outro.

A problemática abordada visa ampliar a compreensão sobre a formação e atuação do Psicólogo Escolar e ressalta que ele é um profissional que lida com o contexto educacional, o qual também deve ser reconhecido como complexo e multideterminado.

Inicialmente, faz-se necessário esclarecer a escolha do termo Psicologia Escolar ao invés dos termos Psicologia da Educação ou Psicologia Educacional, pois,

conforme algumas discussões (MALUF, 1992; MEIRA, 2000), dependendo do paradigma adotado, esse termo remete a uma dicotomia entre teoria e prática. Psicologia Escolar é o termo trabalhado no curso de formação em Psicologia em Goiânia, sendo, portanto, habitual sua utilização.

E a concepção utilizada nesse estudo é de que a Psicologia Escolar refere-se a uma área da Psicologia que integra teoria e prática de forma articulada, prepara o profissional para atuar em diferentes contextos educacionais e promove uma relação entre a Psicologia e a Educação através do estudo das relações que permeiam o processo ensino-aprendizagem.

Acredita-se que tanto a Psicologia quanto a Educação participam da rede de relações que constituem os processos de formação e atuação do profissional. E elas são áreas que vêm sendo construídas a partir de diferentes paradigmas e ideologias que orientam a produção de conhecimento.

Considera-se como paradigma um padrão de pensamento reconhecido e aceito para os critérios de uma comunidade científica, o qual possibilita a elaboração de perguntas e respostas a estudos e pesquisas da área. Conforme GIALDINO (apud SILVA_1, 1998, p.160), uma forma de definir paradigmas, apropriada às ciências sociais e humanas, considera-os como:

marcos teórico-metodológicos de interpretação dos fenômenos criados e adotados por pesquisadores de acordo com: 1) Uma visão filosófica de mundo; 2) A adoção ou elaboração de conceitos ou teorias que se acredita ou que se supõe darem fundamento para o entendimento dos fenômenos; 3) Um contexto social no qual o pesquisador encontra-se; 4) A sua forma de compromisso existencial; 5) A eleição dos fenômenos que se vai analisar.

Um paradigma estabelece os critérios de pesquisa e construção de conhecimentos, incluindo teorias, aplicações e instrumentos fundados a partir das mesmas

crenças, utilizados por estudiosos que partilham de idéias próximas, com visões e concepções semelhantes em relação aos objetos estudados.

Observa-se, assim, que a Psicologia foi se desenvolvendo e se relacionando com a Educação a partir de diferentes paradigmas e através da participação de diferentes grupos de estudiosos, sendo que em determinados contextos, um paradigma se destacava de outros, por ressaltar aspectos diferenciados de seu objeto de estudo. Essa situação promoveu uma diversidade de concepções e atuações na área escolar, tornando complexa a construção da Psicologia Escolar; pois, além de os profissionais estarem atuando fundamentados em paradigmas diferentes, também atendiam a expectativas das ideologias dominantes.

Entende-se que as visões de mundo e de homem compõem a ideologia e, segundo LOWY (1998, p.13), uma visão de mundo corresponde a “...um conjunto relativamente coerente de idéias sobre o homem, a sociedade, a história e sua relação com a natureza”, a qual está associada a interesses de determinados grupos ou classes sociais. Portanto, as relações sociais estão permeadas por tais visões. E estas se manifestam na ação do indivíduo e na sua produção de conhecimento.

Discutir a Psicologia, assim como o contexto educacional, desconsiderando as diferentes concepções de homem que permeiam sua constituição, leva a análises ideológicas, longe de qualquer possibilidade de uma real compreensão dos conhecimentos elaborados e das práticas desenvolvidas. Uma vez que a trajetória desenvolvida por essas áreas de conhecimento não foi linear e neutra, passou por paradigmas, por ideologias, enfim; pelas visões que alicerçavam a ação de seus profissionais.

Nota-se que é importante refletir sobre essas questões para que ocorra a produção de um conhecimento consistente e consciente na Psicologia Escolar, sabendo que é uma área constituída a partir de contextos sociais e políticos.

As mudanças sócio-históricas e econômicas ocorridas na sociedade a partir do século XIX, o desenvolvimento da ciência e os progressos tecnológicos propiciaram o nascimento de uma especialidade psicológica que auxiliasse a Educação a atender às demandas das forças sociais e políticas. Era necessário ampliar o conhecimento acerca do homem em suas relações com o processo de aprendizagem, encarando seu desenvolvimento sob novas óticas.

Segundo BARDON (1975), dentro de uma ciência, uma especialidade é criada quando alguns fatores históricos possibilitam isso e quando surgem necessidades sociais que cobram um novo conhecimento. Partindo desse raciocínio, pode-se refletir que os contextos sócio-político e econômico levaram ao surgimento da Psicologia Escolar.

Os primeiros estudos sistematizados nessa área ocorreram no final do século XIX e início do século XX. Ocorreu a publicação de diferentes obras relatando pesquisas sobre o processo de aprendizagem e o desenvolvimento humano, mostrando educadores e psicólogos se dedicando ao trabalho com crianças com dificuldades escolares, classificando-as e elaborando métodos especiais para adequá-las aos padrões de normalidade definidos pela sociedade (BARDON, 1975; YAZLLE, 1990).

A partir desses estudos, a Psicologia Escolar se desenvolveu vinculada à Psicologia Experimental e a Psicometria, áreas de conhecimento fundamentadas no paradigma positivista, cuja visão de homem é a do liberalismo, a ideologia do sistema de produção capitalista, com idéias criadas pela burguesia, enquanto esta se constituía como classe dominante (COLL, 1999; GOULART, 1999).

Segundo BOCK (1999), dentro desse paradigma, o homem é um ser dotado de capacidade para controlar-se e responsabilizar-se pelo seu próprio desenvolvimento.

Portanto, seu sucesso ou fracasso dependerá de seu esforço e dedicação em desenvolver suas potencialidades, apesar das dificuldades que o meio apresentar.

O crescimento da Psicometria é estimulado a partir dessas visões, já que essa sociedade liberal necessitava de uma ciência que ajudasse o homem a desenvolver suas potencialidades e adaptar-se ao meio. Os testes cumpriam seu papel de classificar e selecionar os homens de acordo com as potencialidades que possuíam, justificando, assim, seu sucesso ou fracasso.

Considerando a escola como uma instituição que divulga as idéias da classe dominante e que legitima seus valores e crenças como leis universais (CHARLOT, 1986), pode-se dizer que esta se tornou um campo fértil para o desenvolvimento de uma prática que usava e abusava de teorias e testes; visto que precisava de um método científico que justificasse a divisão de classes, que reproduzisse, então, a estrutura social mais ampla e ajudasse a mantê-la hegemônica.

Desse modo, a Psicologia Escolar se desenvolve atendendo às necessidades da ideologia dominante, fundamentada no paradigma cientificista, visando compreender o homem, elaborando teorias universais e gerais através de padrões quantitativos e objetivos que apreendessem seu funcionamento, a partir da análise de suas partes constitutivas (FIGUEIREDO, 1998). É um paradigma que se apóia nas exigências do contexto sócio-político e econômico, o qual, num movimento dialético, também se apóia nas teorias cientificistas para explicar o mundo.

No Brasil, conforme GEBRIM (1997, p. 185)

a Psicologia iria contribuir com o campo educacional, por meio da mensuração das potencialidades intelectuais dos educandos, mediante o uso de testes psicológicos (...) havendo uma predominância de aspectos técnicos, secundarizando os problemas sociais e

políticos, uma contribuição que, com objetividade e neutralidade, auxiliava na adaptação do indivíduo à sociedade, conforme os ideais governamentais.

A partir dessa breve discussão, pode-se perceber que a Psicologia e a Educação representam áreas complexas, as quais exigem dos profissionais que nelas atuam uma visão de seus determinantes sócio-históricos e ideológicos. Assim, o Psicólogo Escolar necessita de conhecimentos e habilidades específicas para atuar nesse contexto.

O objetivo geral desse estudo é compreender os processos de formação e atuação desse Psicólogo Escolar. É analisar alguns aspectos que constituem cada processo através do desmembramento desse objetivo geral em específicos, visando investigar a maneira que a formação participa da construção da atuação do profissional e a forma com que essa atuação favorece ou não a inserção do Psicólogo no contexto educacional.

Acredita-se na relevância dessa discussão com o intuito de possibilitar uma ampliação da compreensão da área escolar, visando a uma formação consistente que promova a construção de atuações mais críticas e significativas, as quais tragam uma contribuição efetiva à Educação, em Goiânia, favorecendo, assim, a inserção do Psicólogo Escolar nesse contexto.

O processo de pesquisa fundamentou-se na Epistemologia Qualitativa (REY, 1997), um referencial teórico-metodológico que privilegia as interações vivenciadas no decorrer do processo, num enfoque qualitativo em que são levantados indicadores a partir das informações construídas, as quais permitem uma produção de conhecimentos que dão significado ao fenômeno estudado.

As informações produzidas no decorrer do processo investigativo foram organizadas em quatro capítulos, a saber:

1. O Psicólogo Escolar em formação e em atuação,
2. A metodologia utilizada para a construção das informações,
3. Análise e discussão das informações produzidas e
4. Considerações finais.

As discussões realizadas não pretendem apresentar uma compreensão plena dos processos de formação e atuação do Psicólogo Escolar; visto que a complexidade dessa realidade impossibilita tal proposta. A idéia é suscitar reflexões acerca da configuração desses processos através da interação com os aspectos que participam desse movimento; já que se acredita na necessidade de investir em outros estudos que propiciem a articulação de outras questões que venham a contribuir para o desenvolvimento da Psicologia Escolar.

CAPÍTULO I

O PSICÓLOGO ESCOLAR EM FORMAÇÃO E EM ATUAÇÃO

A presente discussão se fundamenta na visão de um homem dialético, o qual se constitui num movimento em que é “produto” e “produtor” do meio, através de sua ação nas relações sociais vivenciadas num contexto sócio-histórico. Portanto, a ação do homem participa do processo de construção do seu meio e, conseqüentemente, de si próprio.

Segundo VYGOTSKY (1999, p. 98): *“Quando o homem atua dentro desse processo, sobre a natureza exterior e a modifica, também está atuando sobre sua própria natureza e a está modificando.”*

Esse movimento dialético propicia também a construção de um profissional e de sua profissão; pois, na medida em que se relaciona com as pessoas e interage com os conhecimentos e técnicas necessários para sua prática, esse profissional se constrói e participa, através de sua ação, da construção de sua profissão.

Dentro dessa perspectiva, o processo de formação do Psicólogo Escolar não se restringe às experiências no curso de graduação em Psicologia. Esse momento pode ser considerado como uma das etapas iniciais que, juntamente com a experiência pessoal desse indivíduo, possibilita a construção da visão de mundo que vai alicerçar sua prática.

O curso de graduação oferece teorias e técnicas que possibilitam a formação teórica e a instrumentalização do profissional; porém, consideram-se importantes as relações que são estabelecidas nesse processo de aprendizagem. A grade curricular é

importante, mas os valores vivenciados nas relações com os colegas, com os professores, com o conhecimento, interrelacionados com as suas vivências, é que vão gerar a sua aprendizagem e promover o seu desenvolvimento.

Acredita-se que, ao iniciar um curso profissional, o indivíduo já possua uma história durante a qual desenvolveu concepções e valores sobre o mundo, o homem e, inclusive, sobre a profissão que almeja. Essas concepções propiciam motivações em relação ao estudo e à formação profissional.

E, além da graduação, considera-se que também a atuação participa da construção do profissional; pois, à medida que vai desenvolvendo suas atividades, relacionando-se com as questões referentes à sua profissão, revendo concepções e ações, o indivíduo continua seu processo de formação.

Nesse sentido, os modelos de atuação presentes no contexto em que o profissional está inserido possuem papel importante e contribuem com a sua formação.

E devido a situações complexas presentes na trajetória da Psicologia Escolar no Brasil, existem contradições nos referenciais de atuação nessa área, de acordo com GUZZO (1996, p.83), *“um modelo de atuação profissional para o Psicólogo Escolar brasileiro ainda não foi largamente defendido e estudado, tendo em vista as condições ainda não adequadas de trabalho desse profissional.”*

Portanto, se na construção do Psicólogo Escolar participam sua formação acadêmica e sua atuação no contexto educacional, torna-se necessária uma maior discussão sobre essas questões. Sabendo-se que formação e atuação são processos interdependentes, não há como falar das questões relativas à formação sem analisar a atuação resultante e vice-versa (TANAMACHI, 2000, p.99).

Nestes 40 anos de regulamentação da profissão, inúmeros estudos foram desenvolvidos acerca do processo de formação e do exercício profissional do Psicólogo Escolar; porém, observa-se que muitas discussões foram realizadas e os progressos na área são reduzidos; uma vez que existem muitas questões sem respostas e muitos pensamentos contraditórios.

A ideologia está presente, como em toda ação humana, na organização dos cursos de formação e na atuação dos profissionais, caracterizando a Psicologia como uma área de conhecimentos que tem contribuído com as ideologias dominantes a partir da visão liberal de homem dentro do paradigma positivista (PATTO, 1999).

Com o intuito de fazer uma discussão maior, inicialmente será abordado o processo de formação em Psicologia Escolar no Brasil, isto é, será feito um breve resgate histórico com o objetivo de se refletir sobre o profissional que está sendo formado. Posteriormente, será feita uma pequena análise sobre as formas de atuação predominantes nesse contexto.

1.1 – A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR NO BRASIL

Antes da regulamentação da profissão e da implantação dos cursos superiores em Psicologia, o conhecimento dessa ciência era utilizado e estudado no país por diferentes profissionais, como médicos, pedagogos, advogados e engenheiros. Principalmente pelos médicos, que desenvolveram algumas teses sobre o assunto, iniciando a Psicologia no Brasil via modelo médico (YAZLLE, 1990).

Nesse período, que remete à primeira metade do século XX, existia a disciplina de Psicologia, que era ministrada nos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e

em todos os cursos de licenciatura (ibid., p. 17). Portanto, muitos profissionais desenvolviam pesquisas e publicavam estudos fundamentados na Psicologia. O que gerou o crescimento de seu conhecimento no país.

Por volta de 1958 as pesquisas e aplicações da Psicologia no Brasil eram realizadas em instituições de saúde e educação, desenvolvidas por profissionais oriundos das Escolas Normais, de cursos superiores onde se estudava a disciplina de Psicologia e de formações realizadas no exterior. O Psicólogo, enquanto profissional liberal e com formação no país, ainda não existia.

A partir do momento em que o conhecimento psicológico é utilizado em muitos estudos e práticas e legitimado pela sociedade, surge a necessidade da organização da Psicologia como profissão. Assim, grupos compostos por professores de Psicologia, pela Sociedade de Psicologia de São Paulo, pela Associação Brasileira de Psicologia e por profissionais de diferentes estados, iniciaram a campanha, junto ao Congresso Nacional, para a regulamentação da profissão (PFROMM NETO, 1996).

Segundo ANGELINI, em entrevista dada a WITTER (1998), a lei que foi sancionada em 27 de agosto de 1962, de n.º 4119/62, sofreu muitas resistências da área médica, que não admitia o psicólogo como profissional independente, trabalhando com psicoterapia e clínica, como diz esse autor “... *por isso, estas expressões não constam do texto legal e tiveram que ser substituídas por ‘solução de problemas de ajustamento’, para melhor aceitação por parte dos médicos*” (ibidem, p. 61).

Percebe-se que a participação da medicina na construção da Psicologia no Brasil foi intensa, presente, inclusive nos estudos e pesquisas realizados no âmbito educacional acerca das dificuldades de aprendizagem, fundamentados na neuropsiquiatria, na psicofísica experimental e na psicanálise.

De acordo com PATTO (1999, p. 106),

o círculo de influência da vertente médica da Psicologia nos meios educacionais completou-se quando médicos passaram a lecionar nas escolas normais, nos cursos de especialização em Psicologia nas faculdade de Filosofia e, nos próprios cursos de graduação em Psicologia, participando, assim, da formação dos primeiros Psicólogos não-médicos

Tal situação tornou-se um dos fatores que dificultam a construção da identidade do Psicólogo brasileiro, principalmente se o olhar é dirigido para a Psicologia Institucional, quando se percebem práticas oriundas da área clínica, onde se privilegia a relação saúde-doença, com enfoque no indivíduo e suas patologias, visando à resolução de conflitos interiores num espaço em que o coletivo deveria prevalecer, considerando-se os contextos presentes.

A partir de 1945, a Universidade de São Paulo oferecia aos alunos de Filosofia, Pedagogia e Ciências Sociais, cursos de especialização em Psicopatologia e Psicologia Clínica. E especificamente aos alunos de Pedagogia, era oferecida uma especialização em Psicologia Educacional. Segundo MALUF (1996, p.34) *“Em 1952, Madre Cristina Sodré Doria criou no antigo Sedes Sapientiae o primeiro curso de Psicologia Clínica do Brasil. Em 1958, o curso de formação em Psicologia foi implantado na Universidade de São Paulo”*.

Então, a influência da visão médica esteve presente oficialmente na formação dos cursos de Psicologia que, com a regulamentação da profissão, foram instituídos pelo parecer n.º 403/62 do Conselho Federal de Educação, que estabeleceu um currículo mínimo com duração de cinco anos. A partir dessa regulamentação, a Psicologia atingiu o status de profissão liberal no Brasil, podendo investir na sua construção, administrando a influência que recebia de diferentes áreas de conhecimento e de pensamentos vindos do exterior.

Após a regulamentação da profissão, muitos cursos de Psicologia foram criados no país. Em 1968, já havia cerca de dois mil alunos matriculados em cursos já reconhecidos (COUTINHO, 1985, p. 296). Foi um período marcado por intensos movimentos políticos caracterizados pela repressão violenta das idéias. O reflexo de tudo isso foi o golpe militar e o controle explícito do conhecimento produzido no país e nas instituições de ensino superior.

No contexto sócio-político que se formou na época, era perigoso questionar a situação da sociedade e das relações de poder; o ideal era passar o mínimo de informação possível à população para que não se voltasse contra o governo. Nessa situação, a Psicologia focalizou seu olhar no estudo do indivíduo a partir de uma visão de homem abstrato, individualista e a-histórico.

Segundo DIAS (2001, p. 38), “... se fazia necessário uma adaptação das grades curriculares dos cursos de Psicologia ao contexto, para que não fossem abortados, ao contrário, pudessem se desenvolver de forma livre e autônoma”. Nesse momento, os estudos psicanalíticos, voltados para os aspectos intrapsíquicos dos indivíduos, tiveram campo fértil para se desenvolverem, assim como os estudos behavioristas.

Num período de extrema repressão política, é difícil aceitar uma concepção que considera a relação dialética do indivíduo com o meio, vendo-o como “produto” e “produtor” da sociedade, provocando questionamentos e críticas sobre o que se está fazendo. Conforme DIAS (2001, p. 40), “... tínhamos que acreditar ou que somos o resultado de experiências não resolvidas de nossa infância, ou o resultado das múltiplas contingências criadas pelo meio, a fim de que nos tornemos em sujeitos programados”, desconsiderando a relação dialética vivenciada no contexto sócio-cultural que nos rodeia.

Tal contexto possibilitou uma formação em Psicologia engendrada pelo positivismo e pela visão liberal de homem a partir da perspectiva de natureza humana em que o homem é concebido como apriorístico, ou seja, que tem seu desenvolvimento previsto pela sua condição humana, a qual determina, desde seu nascimento, suas possibilidades. Perspectiva que tem um caráter ideológico, pois camufla a participação da realidade social na constituição do indivíduo (CHARLOT, 1986; BOCK, 1997).

Somando às imposições colocadas pelo contexto sócio-cultural e político, os cursos de Psicologia também passaram pela reforma universitária ocorrida no Brasil em 1968, a qual direcionou a Educação rumo à tecnocracia, satisfazendo o contexto econômico voltado, na época, para o capitalismo internacional, visando à formação de tecnocratas preparados para as exigências de um mercado de trabalho competitivo e escasso (BRANCO, 1998).

Desse modo, o início da estruturação dos cursos de Psicologia no Brasil, durante as décadas de 60 e 70, viveu um contexto sócio-cultural, político e econômico que levou à construção de uma formação técnica cheia de contradições, com uma grade curricular fragmentada e desvinculada da realidade.

O psicólogo interessado na área educacional se preparava somente para aplicação de testes e técnicas que promoviam o ajustamento do indivíduo ao grupo, patologizando as dificuldades dos alunos. A partir dos contextos em que estava inserida, a Psicologia Escolar atendia às demandas da classe dominante, utilizando-se da Psicometria para selecionar e classificar os alunos, baseando-se em um padrão de normalidade que escondia as determinações sociais e priorizava as determinações biológicas (PATTO, 1999).

Atualmente, existem muitas críticas aos cursos de Psicologia (MALUF, 1996;

GUZZO, 1996; NOVAES, 1996; PATTO, 1997) que têm formado profissionais pouco preparados para as demandas sociais, com um conhecimento fragmentado, baseado em sistemas teóricos fechados e abstratos, desvinculados das experiências de vida, havendo uma distância entre a formação acadêmica do psicólogo e o seu compromisso social com a cidadania (NOVAES, 1996, p. 130).

Partindo de tais considerações, é possível ponderar que a formação do Psicólogo Escolar segue a mesma trajetória; visto que poucos currículos possuem um enfoque específico na área, promovendo, então, um profissional sem domínio sobre o contexto educacional e suas especificidades. Conforme LIBÂNEO (1984, p. 155), o conhecimento do psicólogo escolar “...se restringe ao contexto psicológico, sem chegar ao pedagógico propriamente dito e, muito menos, ao social”.

A proposta dos cursos de Psicologia é formar o “psicólogo generalista”, podendo desenvolver sua prática em áreas específicas de atuação, sendo as mais tradicionais, a clínica, a organizacional e a escolar (GUZZO e WECHSLER, 1993).

Tais cursos possuem um currículo mínimo e enfatiza uma visão patologizante, com a adoção de um modelo clínico que tem sido hegemônico na atuação profissional, fundamentado em uma visão de homem como interioridade, enfraquecendo as abordagens que o situam como sujeito coletivo (CATHARINO, 1998, p. 10). Essa visão compromete a formação do Psicólogo Escolar, o qual atuará num contexto onde não cabe a visão clínica, pois o processo ensino-aprendizagem é multideterminado, não se restringindo ao indivíduo que aprende.

O currículo é um dos eixos de estudos que pode ser utilizado para compreender mais especificamente a formação que se dá nos cursos de Psicologia ao Psicólogo Escolar e, para fundamentar uma breve análise dos currículos de Psicologia, recorre-se a duas

concepções que apóiam a elaboração de currículos, apresentadas por alguns autores (CATHARINO, 1998; SILVA_2, 2000). A concepção tradicional, que se dedica às questões técnicas de seleção e organização da estrutura da grade curricular, enfatiza os conteúdos necessários para o desenvolvimento de habilidades específicas, definidas previamente.

E a baseada nas teorias críticas, que parte do pressuposto de que nenhum conhecimento é neutro e que toda produção ocorre de acordo com contextos sócio-históricos específicos. A preocupação recai sobre os processos nos quais os currículos são formados; pois eles expressam a ideologia dominante, propiciando a reprodução cultural. Nessa perspectiva, o currículo é visto em movimento entre os aspectos explícitos e os ocultos.

Considerando, como aspectos explícitos, aqueles conhecimentos determinados pelas grades curriculares. E como aspectos ocultos, aqueles conhecimentos oriundos de experiências vividas entre alunos e professores, com valores que são transmitidos de forma implícita nas salas de aula (SILVA_2, 2000).

A partir dessas concepções, observa-se que o sistema educacional brasileiro, durante muito tempo, tem elaborado seus currículos fundamentados na concepção tradicional, a qual se preocupa com um somatório de disciplinas, organizadas segundo determinados critérios. Esses critérios são desenvolvidos de forma verticalizada, pois sua elaboração é feita por especialistas, sem a participação dos professores que os aplicam sem a participação ativa dos alunos.

Desse modo, não há construção coletiva, com discussão de idéias; o currículo é imposto de cima para baixo, sem considerar professores e alunos. E os processos de ensinar e aprender ocorrem de forma dicotomizada, desconsiderando sua interdependência.

Segundo LEITE (1998, p. 51), essa concepção de currículo se mantém devido à complexidade do assunto, pois “... a questão do currículo sempre envolveu grandes interesses políticos e econômicos, uma vez que esbarrou continuamente na questão do lucro das instituições particulares e na questão do controle do poder político-institucional”. São forças do contexto político e econômico direcionando a prática educativa.

Devem-se considerar as questões relativas à força política, a qual possui os profissionais que formam o corpo docente e que selecionam as disciplinas e suas ementas conforme suas experiências e posturas teóricas. Fato este que se agrava na Psicologia, devido à diversidade teórica que a compõe.

Nesse sentido, a preocupação do currículo não tem sido com o ambiente sócio-cultural em que está inserido o curso e no qual os profissionais irão atuar, mas com interesses políticos, econômicos e individualistas dos especialistas que o elaboram e das instituições em que irão funcionar (DIAS, 2001).

Quando se privilegia os interesses de pequenos grupos na elaboração dos currículos e se considera o estabelecimento de relações de poder entre os especialistas e suas teorias, o diálogo fica difícil. Assim, é possível compreender mais um fator que propicia a fragmentação nos cursos de Psicologia, que prioriza determinadas teorias e áreas de atuação.

Conforme CATHARINO (1998, p.11), “Sabemos o quanto a Psicologia se esforçou e se esforça, ainda hoje, para colocar seus especialistas dentro das indústrias, empresas e escolas. No entanto, as estatísticas insistem em mostrar o quanto essas áreas são deficientes quanto à ação desses profissionais”.

O que se observa nos cursos de Psicologia é a falta de investimento nas áreas de atuação institucional, sobretudo, na Psicologia Escolar, e o enfoque na área clínica. Estudos de análise curricular demonstram um maior número de disciplinas que privilegiam a preparação para o atendimento individual e clínico, além da hegemonia de enfoques “uniteóricos”, onde só um sistema teórico é trabalhado (OLMOS, 1998; WITTER_2, 1999; CALAIS e PACHECO, 2001).

Observando a presença de disciplinas que preparam o Psicólogo Escolar no currículo dos cursos de Psicologia, verifica-se a existência, em muitos casos, de apenas uma disciplina, a Psicologia Escolar / Educacional, e o oferecimento de campos de estágio curricular na área. Algumas universidades apresentam em seus cursos de Psicologia mais uma ou duas disciplinas que enfocam o sistema educacional, além das contidas no núcleo comum; sendo que estas oferecem subsídios para a Psicologia Escolar, como a Psicologia do Desenvolvimento, Social e da Aprendizagem.

De forma geral, conforme diferentes estudos (YAZLLE, 1990; OLMOS, 1998; WITTER_1, 1999), destacam-se alguns aspectos que caracterizam a formação na área escolar nos cursos de Psicologia:

- no conjunto das disciplinas oferecidas nos cursos de Psicologia, não se percebe um corpo teórico definido para a área, com diversidade de visões em relação ao objeto e papel do profissional;
- são propiciados conhecimentos insuficientes em relação ao contexto educacional e ao processo ensino-aprendizagem.

Algumas questões emergem ao se pensar na formação do Psicólogo e envolvem: a demanda exigida pela realidade social, a situação do ensino universitário no

Brasil e as especificidades dessa ciência, a qual apresenta diversidades teóricas e metodológicas. Percebe-se que muitos cursos atuais privilegiam este último aspecto, envolvendo-se egoisticamente em seu mundo particular e fechando os olhos para outros contextos.

O resultado dessa opção, muitas vezes, é a formação de profissionais despreparados; ou seja, iludidos com o consultório particular e com a profissão liberal, sem recursos materiais e clareza do seu papel para lidar nas áreas institucionais, descompromissados com a transformação social. Além de muitos apresentarem-se “preconceituosos” em relação ao trabalho na Educação; pois, consideram um trabalho “solitário”, sem retorno financeiro e sem resultados efetivos; devido a uma desvalorização social que essa área sofre no país (TANAMACHI, 2000).

Há uma distância entre o profissional que se tem formado e o que seria necessário formar. Por isso, muitas discussões têm ocorrido em relação à formação em Psicologia com o objetivo de se buscar uma melhoria na qualidade de ensino, a qual resulte em práticas mais críticas e atue de forma interdisciplinar, atendendo à demanda social.

Tem havido discussões que vêm levantando a necessidade de revisão nos cursos e nos currículos e que foram reforçadas com a proposta do MEC quanto à implantação de novas Diretrizes Curriculares (BRASIL, 1999) para o ensino superior, cujo documento em relação aos cursos de Psicologia foi publicado em dezembro de 1999, após um movimento intenso de reflexões e discussões de toda a categoria buscando consensos.

Questões em relação a uma formação plural e generalista comprometida com a realidade social e a melhoria na qualidade de vida, através de um trabalho integrado entre

ensino, pesquisa e extensão, não foram ainda atendidas (HOFF, 1999). Não cabe nesse espaço a discussão das diretrizes, mas se acredita que as reflexões ocorridas e a elaboração das novas diretrizes demonstraram um avanço da Psicologia no que diz respeito ao envolvimento da classe, embora se perceba que muito ainda há por fazer e discutir.

A formação do Psicólogo escolar que ocorre nesse contexto é marcada pela presença de personagens valiosos, os quais buscam contornar as dificuldades sem desistir da Educação que, por sua vez, também teve sua história inserida num contexto complexo dentro do país. Personagens que, em sua maioria, desenvolvem trabalhos a partir de diferentes paradigmas, sem conseguir, contudo, uma construção coletiva e significativa da categoria, devido à existência de contribuições isoladas (PFROMM NETO, 1996, p.31).

1.2 – A CONSTRUÇÃO DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Após discutir a situação da formação do Psicólogo Escolar no Brasil por meio de cursos que, desde sua fundação, apresentam diversidade de concepções, contradições no discurso e desconsideração com a demanda social, questiona-se: que profissional está sendo formado? Que modelo de atuação está ocorrendo? Como a prática do Psicólogo Escolar tem contribuído para a construção da sua identidade?

Considera-se que essas questões estão intimamente vinculadas à formação que, junto com a atuação, constituem processos que são interdependentes e que são responsáveis pela situação da profissão no país. De acordo com pesquisas (WITTER_1,1999; CFP, 2001), sabe-se que a Psicologia, após quarenta anos de regulamentação, ainda luta para ocupar espaços de atuação e conquistar credibilidade da sociedade, principalmente nas instituições.

Ao se tentar responder a questões sobre a atuação do Psicólogo Escolar, é necessário observar o contexto, ressaltando suas características e suas exigências. Pois se acredita que essa atuação não tem sido feita a partir de uma visão de homem dialético, inserido em um contexto sócio-histórico, já que, conforme VYGOTSKY (1991, p.69), *“A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças provocadas por ele na natureza, novas condições naturais para sua existência”*.

Dentro dessa perspectiva, não é possível teorizar sobre a ação do homem e suas características desconsiderando a situação do meio, porque um constitui o outro. A prática do Psicólogo Escolar participa da construção do contexto social e educacional. E as características desses contextos influenciam, principalmente, na ação do profissional.

A prática em Psicologia Escolar iniciou seu caminho no Brasil engendrada em concepções que buscavam leis universais, considerando o homem a-histórico e descontextualizado, não valorizando o caráter multideterminado de sua constituição, ressaltando somente seu aspecto cognitivo. Essas concepções baseavam-se no paradigma positivista e utilizavam técnicas da Psicometria para classificar e selecionar os indivíduos.

A atuação do Psicólogo Escolar, durante meio século, se caracterizava pela avaliação de prontidão escolar, diagnósticos, organização de classes e encaminhamento para o atendimento clínico. Apresentava um caráter remediativo, apoiado no modelo médico, com uso abusivo de testes e uma desconsideração em relação ao sistema educacional e suas estratégias (GUZZO e WECHSLER, 1993).

O Psicólogo Escolar atendia as exigências ideológicas de adaptar o indivíduo ao meio, excluindo os que apresentavam algum tipo de alteração em sua forma de aprender ou de se comportar. O objetivo era manter a sociedade organizada, utilizar uma

prática adaptacionista, a qual atendia aos interesses da classe dominante e explicava cientificamente as desigualdades sociais (MALUF, 1992).

Até a década de 50, o trabalho de Psicologia Escolar era desenvolvido nos laboratórios vinculados às escolas normais ou às faculdades, em Centros Clínicos de Orientação Infantil e em Serviços de Orientação e Seleção Profissional.

ALMEIDA e GUZZO (1992) apresentam a história da Psicologia Escolar no Brasil a partir de cinco momentos que marcaram um determinado modelo de atuação de acordo com o paradigma adotado.

No primeiro momento descrito por essas autoras os Psicólogos Escolares realizavam investigações sobre os processos psicológicos envolvidos nas dificuldades de aprendizagem, através de diagnósticos e a partir da visão da saúde mental. O segundo momento, refere-se ao trabalho de Orientação Vocacional, com o intuito de colocar o homem certo no lugar certo, através de testes de aptidão e levantamento de interesses.

No terceiro momento discutido por ALMEIDA e GUZZO (1992); o Psicólogo se insere, de forma sistematizada, no ambiente escolar, procurando explicar na teoria e na prática a aprendizagem escolar. Todavia, mesmo estando dentro do contexto educacional, o profissional ainda atuava com uma visão conservadora e adaptativa, focalizando as dificuldades no indivíduo, tendo como função tratar o aluno com problemas e ajustá-lo à escola.

No decorrer desses três primeiros momentos, percebe-se a presença da visão liberal, a qual responsabiliza o indivíduo por seu desenvolvimento e baseia-se, principalmente, na Psicologia Experimental. As ações do profissional se relacionavam à diagnósticos apoiados na Psicometria, à orientação psicopedagógica e à seleção e orientação profissional.

Segundo PATTO (apud TANAMACHI, 2000), a produção teórica da Psicologia Escolar nesse contexto seguia pressupostos objetivistas que privilegiavam as determinações do meio sobre o indivíduo, ou pressupostos subjetivistas que privilegiavam as determinações dos indivíduos sobre o meio. Essa situação proporcionou o surgimento de diferentes paradigmas, escolas, teorias e modelos de atuação, revelando uma grande diversidade e dificultando a construção de sua identidade profissional.

De acordo com TANAMACHI (2000, p. 77), *“tanto partindo de pressupostos objetivistas, quanto de abordagens subjetivistas, a Psicologia caracteriza-se por uma visão adaptacionista que instaura no interior de seus estudos a dicotomia entre indivíduo e sociedade”*. A atuação do Psicólogo Escolar ora valorizava o indivíduo, ora valorizava o social, não considerando a relação dialética entre o indivíduo e o contexto social.

Um profissional oriundo de uma formação que trabalha os conteúdos de forma fragmentada, focalizando o olhar na área clínica, apresenta, portanto, uma atuação deficitária, alicerçada em uma visão de homem também fragmentada, sem recursos para lidar com um contexto complexo e multideterminado como o educacional.

Dessa forma, no início da década de 1970, a Psicologia Escolar não conseguia contribuir de maneira significativa com o sistema educacional brasileiro que apresentava um quadro de altos índices de fracasso, evasão e repetência escolar. Logo, essa situação provocou questionamentos tanto em relação à prática do Psicólogo Escolar quanto em relação a todo o trabalho desenvolvido na educação.

A partir das críticas surgidas no final da década de 1970 à Psicologia Escolar, cobrando atuações que promovessem transformações sociais, iniciou-se um período de reflexões e análises epistemológicas, visando redefinir seu objeto de estudo,

identificando seu papel em relação a outras áreas de conhecimento ligadas à educação (MALUF, 1992).

Nesse período, ocorre o quarto momento de atuação do Psicólogo Escolar, descrito por ALMEIDA e GUZZO (1992), visando à qualidade de vida dos indivíduos, promovendo seu desenvolvimento psicológico através da prevenção. Objetiva-se, então, compreender como a prática educativa pode afetar, positivamente ou negativamente, o desenvolvimento humano. O profissional desenvolvia consultorias junto a outros profissionais da escola, fazendo intervenções que propiciassem o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores.

E o quinto momento discutido por essas autoras apresenta uma Psicologia Escolar dirigida para as relações e os sistemas de interações existentes no interior da escola, na comunidade e no contexto social. É um momento ainda em construção de uma área muito recente no país, a qual teve seu primeiro Congresso Nacional na década de 1990, necessitando, portanto, de muitas discussões, estudos e pesquisas para o seu desenvolvimento.

De acordo com pesquisas realizadas pelo Conselho Federal de Psicologia, em 1992 (GUZZO e WECHSLER, 1993), as áreas que se destacavam em relação à quantidade de profissionais atuando eram a clínica (37,2%), a organizacional (29,6%) e a escolar (24,4%). Porém, na última pesquisa encomendada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2001), para detectar a realidade do Psicólogo no Brasil, percebem-se alterações nesse quadro, pois a Psicologia Escolar apresenta-se em quarto lugar como área de atuação, com 9,2% de profissionais, antecedida pela área clínica (54,9%), a Psicologia da saúde (12,6%) e a área organizacional (12,4%).

Nota-se que em nove anos, a área clínica absorveu o maior número de

profissionais, confirmando o direcionamento existente nos cursos de formação para esta área, além do crescimento da área da saúde, intimamente ligada ao modelo médico.

A área organizacional perdeu espaço e, principalmente a área escolar que, em 1992, abarcava 24,4 % dos profissionais do país e, no decorrer de nove anos, passou para 9,2%. É necessário realizar discussões acerca dos motivos que provocaram essa situação, visando a uma análise crítica que possa mudar os rumos do desenvolvimento da área; uma vez que, de acordo com a revisão da literatura, podem-se levantar alguns fatores que dificultam a situação.

Acredita-se que um dos fatores que dificultam a inserção desse profissional no contexto educacional deve-se à pouca credibilidade que a sociedade dá à sua atuação. E tal situação foi construída no decorrer da história da Psicologia Escolar no Brasil relacionada a práticas reducionistas e ineficientes, isto é, a partir de conhecimentos fragmentados acerca da complexidade do contexto educacional (MALUF, 1992).

Outro fator a ser considerado é o fato de muitos Psicólogos Escolares desenvolverem seu trabalho na Educação como uma atividade complementar tendo, como atividade principal, trabalhos na área clínica ou em outra área mais valorizada e “rentável” economicamente (WITTER et al_1, 1992).

E é importante ressaltar a situação do Sistema Educacional Brasileiro; pois, segundo OAKLAND e STEMBERG (1993), a inserção e a qualidade dos serviços de Psicologia Escolar dependem do valor que o país dá à Educação e do nível de desenvolvimento de seu sistema educacional, atentando para sua realidade econômica. Dirigindo o olhar para o Brasil, constata-se que os governantes não priorizam a educação, porque a maioria da população depende de um ensino público que se encontra precário e desvalorizado.

Além das dificuldades específicas do contexto de atuação do profissional, assinala-se a estrutura dos cursos de formação em que a área clínica se destaca em detrimento das demais áreas. E em relação à Psicologia Escolar, GONÇALVES (1999, p.167) afirma que:

há necessidade de melhor utilização dos conhecimentos decorrentes das várias áreas da Psicologia no âmbito da escola, bem como de melhor desenvolvimento de espaços no currículo, que trabalhem o conhecimento sobre o sistema educacional do país; sobre o papel dos profissionais que atuam na área da educação; sobre a escola como organização e instituição; sobre as relações escola-comunidade, influências familiares e socioculturais, técnicas educacionais, metodologia, formação para serviços indiretos, com ênfase em trabalhos proativos, bem como em trabalhos interdisciplinares.

Enfim, é necessário investir em uma formação que, além dos conhecimentos psicológicos, invista nos conhecimentos sobre a Educação e o contexto social.

Portanto, para compreender a dificuldade de inserção do Psicólogo no contexto educacional, podem-se enumerar fatores relacionados à falta de credibilidade da sociedade, problemas no sistema educacional e pouca valorização da educação no Brasil, além de deficiências na formação do profissional.

Convivem no cenário educacional atualmente propostas de atuação do Psicólogo Escolar contraditórias e até opostas. Por um lado existem propostas que focalizam o indivíduo, responsabilizando-o por todo o processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo atividades de: diagnóstico de alunos, treinamento de professores e palestras com a família, realizadas de forma descontextualizada e direcionando as dificuldades para o indivíduo.

Por outro lado existem propostas que consideram o sistema e o coletivo, desenvolvem atividades com todo o grupo que compõe a escola, trabalham as relações

interpessoais e a subjetividade. Essa situação representa uma grande variação nas atuações e dificulta a construção da identidade do Psicólogo Escolar e de modelos de atuação (GOMES, 1999).

A situação da Psicologia Escolar, portanto, encontra-se difícil, segundo NOVAES (1999, p.95),

A questão central seria como dinamizar a relação entre o psicólogo, o contexto social e a educação, evitando um 'olhar' e uma 'escuta' meramente psicologizantes, interpretações reducionistas e artificiais ou atitudes profissionais alienadas e radicais, conciliando teoria e prática numa atuação criativa que leve a saber conviver com o imprevisível, a resolver problemas e assumir, adequadamente, as contradições da complexidade social.

O desafio é grande e as possibilidades existem; desde que se invista na construção do Psicólogo Escolar, que se busque uma atuação mais crítica, fundamentada em concepções que valorizem o homem sócio-histórico, comprometida com as questões sociais. Para atingir tais objetivos, é necessário rever paradigmas e se conscientizar sobre as ideologias dominantes.

Analisando o contexto educacional brasileiro, verifica-se a necessidade de mudanças devido a exigências da realidade contemporânea. Essas mudanças propiciam espaços para a contribuição da Psicologia, já que a Educação está sendo levada a repensar seu papel frente às novas configurações sociais.

O mundo contemporâneo tem vivenciado situações em que conceitos, valores e significados têm sido redefinidos de uma forma muito rápida. Essas situações promovem alterações constantes e significativas nas relações sociais, nas instituições, na política, nas relações de trabalho, nas áreas de conhecimento; enfim, levam o homem a se deparar com diferentes fenômenos, como o poder do capitalismo, o domínio do consumismo e a relativização dos valores. Fenômenos estes que geram situações complicadas e difíceis

para a vida em sociedade, como a miséria, a violência, a corrupção, as crises nas instituições (NOVAES, 1996).

Um contexto dominado pela ideologia neoliberal promove relações que valorizam o individual e desconsideram o cultural e o social, estimulam a competição e a solidariedade, inclusive, tem mais valor econômico do que afetivo. O poder do mercado econômico é fortalecido, operando transformações nos homens e em suas relações com o mundo.

Destacando que tais transformações acontecem nas relações entre as pessoas, pois *“a única coisa que mudou e se deslocou numa direção específica foi a forma da vida comunitária, a estrutura da sociedade ocidental e, com ela, a influência social sobre o indivíduo e sobre a forma de suas funções psíquicas”* (ELIAS, 1994, p.45).

As mudanças ocorridas na organização da vida em sociedade geram novas relações entre os homens, criando exigências diferentes para as instituições sociais, dentre elas, a escola, que participa da constituição da subjetividade do homem. Considera-se como subjetividade um conjunto complexo e dinâmico de significados e sentidos, constituídos na relação contínua e dialética do homem com o meio, representando sua psiquê (REY, 1997, p.42), que compreende toda a complexidade de seu comportamento, suas relações com o mundo, suas funções psíquicas; enfim, suas capacidades de viver, aprender e ensinar.

E esse homem que surge cria também uma sociedade diferente; a qual faz novas exigências à instituição educacional. E esta necessita repensar o seu papel, assumir novas responsabilidades na formação de seu aluno, rever questões e ações relacionadas à compreensão e valorização das relações interpessoais, a estudos sobre o desenvolvimento humano, à qualificação do processo ensino-aprendizagem, à revisão de seus conteúdos.

Segundo LEONTIEV (s.d., p.29), quanto mais a sociedade progride e acumula conhecimentos, mais cresce o peso específico da educação e mais se complicam as tarefas educacionais; pois estas exigem novos métodos pedagógicos, novas formas de especialização, novos olhares para as relações entre o ensinar e o aprender. O progresso histórico implica no progresso educacional.

A educação vive, portanto, um momento de intensos questionamentos, visando rever sua função na formação do homem e da sociedade. Conforme LIBÂNEO (2000, p.23):

As instituições escolares vêm sendo pressionadas a repensar seu papel diante das transformações que caracterizam o acelerado processo de integração e reestruturação capitalista mundial. De fato, os avanços científicos e tecnológicos, a reestruturação do sistema de produção e os novos paradigmas de desenvolvimento econômico afetam a organização do trabalho e o perfil dos trabalhadores, repercutindo na qualificação profissional e, por consequência, nos sistemas de ensino e nas escolas.

O cotidiano escolar está sendo afetado em suas estruturas, o discurso recorrente nos corredores escolares é de que “o aluno não é mais o mesmo, as famílias não são as mesmas, as aulas não são as mesmas”, enfim, a escola precisa construir novas estruturas, novos caminhos para alcançar o homem contemporâneo e, sem dúvida, adequar-se às novas exigências sociais, políticas e econômicas.

É nesse contexto que o Psicólogo Escolar atuará, devendo estar preparado para lidar com fenômenos que transcendem as teorias psicológicas aprendidas na formação; são exigidos conhecimentos que relacionam tais teorias com os diferentes contextos em que o homem está inserido, principalmente o contexto educacional, além de dominar as especificidades do processo ensino-aprendizagem.

Segundo DEL PRETTE (1999) a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação

considera essas transformações sociais e também a necessidade de repensar o papel e a atuação educacional. E, em relação ao Psicólogo Escolar, essa autora discute que a nova lei reconfigura a relação entre a Psicologia e a Educação, abrindo possibilidades de atuação, pois, apesar de excluir esse profissional do quadro funcional da escola, apresenta lacunas e contradições em seu texto, que remetem à aplicação do conhecimento psicológico na Educação.

A situação de exclusão propiciada pela nova LDB ao Psicólogo Escolar não muda o que já existe em relação a esse profissional no sentido de não considerá-lo como componente da equipe escolar. Porém, as novas exigências feitas à instituição escolar abrem espaço para a contribuição desse profissional através de teorias e práticas que consideram o homem em todas as suas dimensões, isto é, participando ativamente do processo ensino-aprendizagem.

Uma grande porcentagem de Psicólogos que atuam na Educação ainda apresentam uma atuação que responsabiliza o indivíduo por seus fracassos, encaminhando-os para clínica e livrando a instituição de qualquer responsabilidade. Esse é o modelo de atuação que tem sido passado para os Psicólogos em formação e também para a sociedade.

A definição de Psicólogo Escolar divulgada no Manual do Psicólogo (CRP, 1998, p. 27), elaborado pelo Conselho Regional de Psicologia, da 9.^a região, que atende Goiânia, apresenta contradições quando, após a descrição das atividades pertinentes a esse profissional no contexto educacional, tais como: pesquisa, diagnóstico e intervenções psicopedagógicas individuais ou grupais, encerra o texto dizendo que, entre suas ações, também há atendimento psicoterápico.

A discussão apresentada pelo Manual, durante o texto, fala de um profissional

preocupado com o processo ensino-aprendizagem, com as relações interpessoais, considerando as dimensões política, econômica, social e cultural através de uma atuação em equipes multiprofissionais. Porém, quando termina a discussão falando de atendimento psicoterápico, percebe-se um equívoco. No mínimo, faltou esclarecer se esse atendimento psicoterápico seria realizado no contexto educacional.

Outro exemplo de contradições em relação à identidade e ao papel do Psicólogo Escolar em Goiânia foi a defesa de um Projeto de Lei (GOIÂNIA, 2001) elaborado por um vereador, na Câmara Municipal da cidade. Esse projeto defendia a obrigatoriedade da presença desse profissional em escolas públicas e particulares que possuíssem mais de 200 alunos, visando oferecer acompanhamento psicológico a esses alunos.

A justificativa elaborada pelo vereador em relação a esse Projeto de Lei incluía, entre outros argumentos, o de que:

muitas vezes os pais não possuem condições de financiar o acompanhamento de seus filhos por um profissional capacitado, e jovens que possuem conduta questionável poderiam ser orientados por psicólogos e se tornar pessoas melhores, resolvendo futuros problemas na vida social da comunidade, bem como na vida familiar. (GOIÂNIA, 2001).

É interessante observar que, em pleno século XXI, ainda exista essa concepção de Psicologia Escolar presente no país desde o início do século passado. Essa situação explicita a dificuldade de construção desse profissional, já que as instituições que participam desse processo, como a Universidade e o Conselho Regional apresentam contradições e equívocos em seu discurso, reforçando visões distorcidas também da sociedade, como a visão do vereador que apresentou esse projeto, um advogado.

Nesse sentido, acredita-se que falta o trabalho coletivo dos Psicólogos Escolares; os quais deveriam promover discussões e socializar pesquisas e estudos que

visassem definir essa área da Psicologia, que questionassem as formações existentes nos cursos de graduação e pós-graduação e unissem os profissionais que estão atuando nesse contexto, a fim de que pudessem trocar conhecimentos sobre sua prática.

A ABRAPEE (Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional) tem desempenhado esse papel de divulgação de pesquisas e estudos na área, além da organização de eventos que promovam o encontro dos profissionais do país. Todavia, percebe-se a necessidade de um investimento coletivo maior, para que seja possível a realização de um desenvolvimento efetivo e significativo da Psicologia Escolar no Brasil.

Assim, acredita-se que é de fundamental importância o papel das instituições formadoras, dos Conselhos Federal e Regional de Psicologia e das Associações relacionadas à área na construção desse profissional; uma vez que todos esses órgãos revejam a formação e a atuação do Psicólogo Escolar, respeitando a importância da Educação e valorizando a sua relevância na construção social. Tal papel está de acordo com MEIRA (2000, p. 67) quando afirma que *“temos o privilégio de estarmos inseridos em um dos processos mais vitais e fundamentais da humanização do homem: o momento em que ele pode apropriar-se do conhecimento e fazer dele um instrumento de desenvolvimento de suas potencialidades.”*

CAPÍTULO II

METODOLOGIA UTILIZADA NA CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

O processo investigativo ocorreu a partir de uma pesquisa qualitativa, em termos de paradigma, considerando, conforme GAMBOA (1989, p.101), que “*a produção científica é uma construção que serve de mediação entre o homem e a natureza*”, possibilitando a construção de zonas de sentido* da realidade que levam o homem a se conscientizar de sua ação transformadora em relação à realidade e a si próprio.

Essa realidade, sem dúvida, precisa de uma metodologia que considere seu movimento nos contextos sócio-históricos e as relações existentes entre o homem e o meio, concordando com LUNA (1997, p.10): “*a metodologia é um instrumento poderoso justamente porque representa e apresenta os paradigmas de pesquisa vigentes e aceitos pelos diferentes grupos de pesquisadores, em um dado período de tempo.*”

Assim, em coerência com os paradigmas adotados, utilizou-se como metodologia de pesquisa a Epistemologia Qualitativa, construída por Rey, a qual buscou novas formas de produção de conhecimento dentro das ciências sociais (REY 1997 e 1999).

A concepção de homem e realidade adotada fundamenta-se na teoria sócio-histórica a partir dos estudos de Vygotsky. Esse estudioso percebe o homem constituído por um conjunto de relações sociais e participante de uma realidade

* Conceito elaborado por REY (1997), que se refere a um espaço epistemológico, onde as informações construídas dão sentido à realidade.

opaca; a qual não está posta e visível para ser descrita objetivamente; pois, conforme esse autor (1999, p.278), “... *o conhecimento científico e a percepção direta não coincidem em absoluto*”. Assim, através de uma interação contínua entre pesquisador e sujeitos participantes da pesquisa e o estabelecimento de uma relação de comprometimento mútuo com a produção de conhecimentos, pode-se sair da superficialidade da realidade e chegar à sua essência.

O pensamento de VYGOTSKY (1991) atenta para a importância de se buscar um método em psicologia que abarque toda a complexidade do fenômeno estudado, considerando-o não de forma isolada, reduzido em dados coletados, mas na sua relação com o meio, fundamentado em uma concepção de mundo e na realização de uma análise da constituição do processo e não de objetos descontextualizados.

O referencial metodológico adotado, a epistemologia qualitativa, propõe trabalhar com um processo de produção de conhecimentos acerca do fenômeno estudado, buscando sentidos e significados e não uma descrição estática da realidade.

2.1 – O ESTABELECIMENTO DO PROBLEMA

Os questionamentos sobre a prática do Psicólogo Escolar foram engendrados na vivência da pesquisadora, atuando na interface Psicologia e Educação, onde a dificuldade de inserção do profissional no contexto educacional era evidente, além das dúvidas em relação ao papel a ser desempenhado.

No momento em que a pesquisadora começou a desenvolver um trabalho na formação do psicólogo, ministrando a disciplina Psicologia Escolar na Universidade Católica de Goiás, emergiram os questionamentos em relação à formação, a qual convive

com uma grande diversidade de concepções e com dificuldades na realização de estágios na área, devido à escassez de campos.

A partir dessas experiências, foi nascendo a idéia de investigar a formação e a atuação do Psicólogo Escolar em Goiânia, idéia esta que foi sendo construída e melhor definida no decorrer do processo de pesquisa, cujos indicadores levaram à sua ampliação, visando compreender a situação do profissional no contexto goianiense de acordo com os conhecimentos produzidos acerca de sua formação e atuação.

2.2 – ELABORAÇÃO DOS EIXOS NORTEADORES PARA A CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Na medida em que a pesquisadora interagiu com o fenômeno a ser estudado através da revisão bibliográfica e das reflexões sobre o problema, eram construídos eixos norteadores do processo de pesquisa, sendo constantemente repensados de acordo com os indicadores que surgiam e as questões que eram levantadas, num trabalho contínuo de produção de idéias da pesquisadora juntamente com sua orientadora.

O processo investigativo foi norteado por:

- uma enquete inicial no contexto educacional goianiense através de contatos telefônicos;
- uma análise documental das grades curriculares do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás (UCG) e de ementas de disciplinas relacionadas à Psicologia Escolar;
- entrevistas com professores da UCG que desenvolveram algumas atividades na área escolar;

- entrevistas com Psicólogos graduados na UCG e que atuam em escolas em Goiânia;
- um debate com um grupo de Psicólogos ligados ao atual curso de especialização *lato sensu* em Psicologia Escolar.

O trabalho de pesquisa foi desenvolvido no período de agosto de 2000 a dezembro de 2001. Em um primeiro momento ocorreram o contato com as escolas e a análise das grades curriculares e das ementas. E num segundo momento ocorreram as entrevistas, através de um processo interativo entre pesquisador e sujeitos participantes.

2.3 – SELEÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A seleção dos professores convidados para participar da pesquisa ocorreu seguindo alguns critérios:

- que tivessem disponibilidade e interesse em participar da pesquisa;
- que fossem professores efetivos da universidade;
- que tivessem desenvolvido alguma atividade relacionada com a área escolar, como: ter ministrado a disciplina Psicologia Escolar, ter trabalhado na área de estágios; ter desenvolvido alguma pesquisa na área.

Participaram da pesquisa seis professores; dos professores efetivos que trabalharam por um período maior com a disciplina Psicologia Escolar na UCG, somente dois não participaram, um por estar afastado da universidade por questões de saúde; e o outro por falta de disponibilidade de tempo do mesmo.

A seleção dos Psicólogos que atuam na área escolar ocorreu seguindo a pesquisa realizada através dos contatos telefônicos. De acordo com a listagem das escolas que possuíam Psicólogo Escolar, eram feitos os contatos e o convite para o profissional participar da pesquisa. Houve dificuldades na realização dos contatos e na aceitação dos profissionais, devido à falta de disponibilidade de tempo dos mesmos.

Os profissionais que participaram do debate foram convidados devido à sua relação com a primeira turma de especialização em Psicologia Escolar, promovida pelo CAEP em parceria com a UCG, sendo que essa atividade ocorreu durante a aula inaugural do curso.

2.4 – APRESENTAÇÃO DE CADA ETAPA DESENVOLVIDA NO PROCESSO DE PESQUISA

2.4.1 – OS CONTATOS TELEFÔNICOS

A pesquisa desenvolvida no contexto educacional goianiense teve a intenção de conhecer a situação de inserção do Psicólogo nesse espaço e a forma de atuação que era divulgada. Foi realizada através de contatos telefônicos com algumas escolas da cidade. Os telefones das escolas particulares foram conseguidos através da lista telefônica e as informações sobre as escolas públicas foram conseguidas de forma verbal, através de ligações telefônicas nas Secretarias Estadual e Municipal de Educação, devido à dificuldade de acesso a essas escolas via telefone.

Os contatos foram feitos pela pesquisadora entre agosto de 2000 e março de 2001. No primeiro momento da ligação, a pesquisadora apresentava a pesquisa com o objetivo de conhecer a situação de inserção do Psicólogo no contexto educacional. Após o consentimento da pessoa que atendia ao telefone, eram feitas algumas perguntas, como: se

havia psicólogo trabalhando na escola, em que horários ocorria o trabalho e se sabiam informar como era a atuação do profissional.

Em algumas situações foi necessário ligar para a mesma escola duas ou três vezes, até que fosse possível ser atendida por alguém, alguns números eram inexistentes ou não atendiam. E houve algumas pessoas que não quiseram responder às perguntas por telefone, só atenderiam pessoalmente, na escola. Em poucas situações foi possível conversar com o próprio psicólogo; em outras, a conversa aconteceu com o coordenador pedagógico e, na maioria das vezes, o atendimento foi feito pela telefonista ou secretária da escola. Tais situações serão descritas e discutidas posteriormente.

2.4.2 – A ANÁLISE DOCUMENTAL

Foi selecionada a Universidade Católica de Goiás para a pesquisa, por ser a única universidade em Goiânia cujo curso de Psicologia já formou profissionais que estão atuando no mercado, possibilitando a análise da formação e da atuação. O material utilizado na análise documental consta do projeto elaborado para a implantação do curso, a primeira grade curricular oficial, de 1975, e as grades curriculares posteriores que vão de 1975 à 1999, totalizando sete grades e cinco ementas de disciplinas relacionadas com a Psicologia Escolar, sendo três de Psicologia Escolar, uma de Psicologia da Aprendizagem e uma de Teorias da Aprendizagem.

É importante destacar que o acesso a tal material foi difícil, pois o Departamento de Psicologia não possui um arquivo da história do curso, não possuindo material antigo, arquivando somente as ementas das disciplinas das grades curriculares em vigência e as grades mais recentes. A Vice-Reitoria Acadêmica forneceu todas as grades curriculares do curso e o projeto de implantação. Nenhum dos dois locais possui as

ementas das disciplinas das grades curriculares antigas. De acordo com alguns funcionários, talvez esse material esteja no arquivo morto da universidade, um local de difícil acesso.

Para conseguir o material foi feita uma solicitação verbal no Departamento de Psicologia, cuja secretária geral atendeu prontamente a essa solicitação; porém afirmando que não possuía um arquivo específico. O contato com a Vice-Reitoria Acadêmica foi realizado via ofício*, onde se explicava a natureza do trabalho, uma pesquisa de mestrado, constando os objetivos do estudo e a solicitação das grades curriculares e ementas das disciplinas da área de Psicologia Escolar; cuja resposta foi enviada para o diretor do Departamento de Psicologia, afirmando não possuir tal material e sugerindo uma busca, pela pesquisadora, ao arquivo morto da universidade, ressaltando a complexidade de tal ato, devido ao abandono em que se encontra tal material.

Em um segundo momento, foi feita uma solicitação verbal à Vice-Reitoria Acadêmica, que foi atendida por um funcionário disposto a vasculhar os documentos ali arquivados. Nessa busca, foi encontrado o projeto de implantação do curso e a primeira grade curricular. Em outro momento, novamente foi feita uma solicitação verbal à Vice-Reitoria, com outra funcionária, visando encontrar ementas antigas. A solicitação foi atendida, mas novamente não foi encontrado nenhum material, a não ser o que já tinha sido encontrado. Os contatos com o Departamento de Psicologia e com a Vice-Reitoria Acadêmica ocorreram entre outubro de 2000 a março de 2001.

2.4.3 – AS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

O primeiro contato com os professores foi realizado através de ligação

* Encontra-se em anexo uma cópia do ofício enviado à Vice-Reitoria Acadêmica da UCG.

telefônica, apresentando a pesquisa e seus objetivos, fazendo o convite para que participassem com um relato de sua experiência. Foram contatados sete professores, seis atenderam ao convite e com um professor não foi possível a realização da pesquisa, devido a disponibilidade de tempo do mesmo.

Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com cada professor com uma duração média de uma hora e meia, a qual foi registrada em gravador, com o consentimento escrito dos mesmos. As entrevistas foram realizadas através de um diálogo interativo, visando compreender as concepções em relação à formação na área, as experiências desenvolvidas por cada professor e a presença do currículo oculto. Não foi seguido um roteiro rígido, mas um caminho em que questões levantadas nos indicadores iniciais eram colocadas e discutidas de forma espontânea e flexível, a partir da relação que era estabelecida entre a pesquisadora e o sujeito participante.

As entrevistas foram realizadas entre março e agosto de 2001; e o local de realização das mesmas, assim como seu contexto, foram muito específicos, dependendo da relação estabelecida entre a pesquisadora e o sujeito participante, ocorrendo situações variadas e possibilitando a construção de diferentes indicadores. A identificação dos sujeitos, utilizando-se nomes fictícios, e a descrição do contexto de cada entrevista é discutida na análise das informações.

2.4.4 – AS ENTREVISTAS COM OS PSICÓLOGOS

Participaram da pesquisa três psicólogas, sendo uma psicóloga de uma escola particular e duas de uma escola estadual, conveniada com a Polícia Militar do Estado de Goiás. As entrevistas ocorreram no período de agosto a novembro de 2001, nas respectivas escolas.

Com a psicóloga Thais*, da escola particular, foram realizados dois encontros, visto que o primeiro contato ocorreu pelo telefone, quando foi feito o convite para participar da pesquisa, e o encontro foi marcado, com interesse e disposição, para a semana seguinte. No primeiro encontro, a psicóloga tinha se esquecido do que havia marcado, mas recebeu a pesquisadora com disponibilidade e, concordou em participar da pesquisa, mas não foi possível realizar a entrevista porque tinha marcado horário com alguns pais de alunos da escola.

A entrevista aconteceu duas semanas depois, quando a psicóloga fez seu relato e ficou de marcar uma visita posteriormente, para que a pesquisadora pudesse realizar uma observação de sua atuação na escola. Porém, após muitas ligações telefônicas para Thais, percebeu-se que não seria possível fazer a observação, devido à falta de disponibilidade de tempo da mesma.

Na escola estadual, o primeiro contato foi com a psicóloga que coordena a equipe de Psicologia da instituição, a qual se mostrou interessada pela pesquisa, principalmente para poder aprender um pouco mais sobre a Psicologia Escolar, segundo ela. Marcou-se uma entrevista para a semana seguinte, quando iria convidar as outras psicólogas da equipe.

No dia marcado, estavam esperando na escola as psicólogas Valéria, coordenadora da equipe, e a Sônia, ressaltando que elas se esqueceram de chamar duas outras colegas. Então, foi realizada a entrevista com as duas, quando puderam relatar sobre a experiência desenvolvida na escola pela equipe. A discussão das entrevistas com seus contextos estão em anexo.

* Serão utilizados nomes fictícios.

2.4.5 – O DEBATE ENTRE AS PSICÓLOGAS ESCOLARES

O debate com o grupo de Psicólogas ligado ao atual curso de especialização em Psicologia Escolar ocorreu através do CAEP, um Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos que promove o curso, em convênio com a UCG. O encontro foi filmado e teve como objetivo compreender a concepção desses profissionais em relação a área escolar e a motivação para a realização de uma especialização.

Foi combinado com a professora responsável pelo curso de especialização, que é a orientadora dessa pesquisa, que durante a aula inaugural, quando seria realizado um debate entre os alunos sobre a Psicologia Escolar, seria possível fazer o convite para que participassem da presente pesquisa, quando a pesquisadora participaria também, levantando questionamentos pertinentes ao estudo e filmando o encontro.

No mês de novembro de 2001, aconteceu o debate, com uma duração de duas horas, com a participação de oito psicólogas, duas coordenadoras do curso e a pesquisadora. Todos concordaram plenamente em participar da pesquisa, interessados em ampliar a discussão sobre a Psicologia Escolar no Estado de Goiás. Todos participaram ativamente do debate, discutindo concepções acerca da Psicologia Escolar e relatando suas experiências no contexto educacional.

As oito psicólogas, estudantes da especialização, que participaram do debate realizaram sua graduação na Universidade Católica de Goiás, em épocas diferentes. Algumas estão atuando na área escolar, outras formaram há pouco tempo e ainda não estão inseridas no mercado de trabalho. A discussão do contexto do debate, com a identificação dos sujeitos participantes encontra-se na análise da informações.

2.4.6 – INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES CONSTRUÍDAS

A interpretação das informações ocorreu durante todo o processo de pesquisa, período este em que vão sendo atribuídos sentidos às expressões do sujeito participante e do fenômeno de forma ampla e flexível, permitindo novas interpretações em momentos diferentes, através de um trabalho construtivo-interpretativo, realizado com os indicadores levantados. Segundo REY (1997, p. 300):

La definición de indicadores no es un proceso rígido y lineal donde los sentidos aparezcan de forma directa al primer contacto com el material interpretado. La definición de indicadores es un momento dentro del proceso de interpretación y, como tal, los indicadores son parte del mismo, van apareciendo por el sentido que el próprio proceso de interpretación va definiendo no por el valor aislado que los diferentes elementos defícidos como indicadores puedan tener.

A produção de conhecimentos, portanto, foi contínua; alimentando todo o processo investigativo que resultou em uma grande quantidade de informações, as quais foram organizadas de acordo com os significados atribuídos pela pesquisadora, definindo novas zonas de sentido sobre a formação e a atuação do Psicólogo Escolar.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS

As informações foram construídas no decorrer do processo investigativo a partir de: uma enquete sobre a inserção do Psicólogo no contexto educacional goianiense, uma análise documental das grades curriculares do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás e de algumas ementas relacionadas à Psicologia Escolar, entrevistas com professores da UCG, na área escolar, entrevistas com Psicólogos Escolares e um debate com Psicólogos ligados ao atual curso de especialização em Psicologia Escolar.

A produção de conhecimentos propiciada por cada eixo será apresentada em capítulos separadamente, visando a uma maior organização das informações, cuja complexidade possibilitou a construção de diferentes categorias; as quais deram sentido à compreensão sobre a formação do Psicólogo Escolar.

É importante ressaltar que, a partir da Epistemologia Qualitativa, que fundamenta a presente discussão, a análise e discussão das informações construídas no decorrer do processo investigativo promovem uma construção teórica constante, em que o diálogo é fundamental, pois os significados e sentidos são atribuídos constantemente pelo pesquisador e pelos sujeitos participantes da pesquisa.

3.1 – A INSERÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR NO CONTEXTO EDUCACIONAL GOIANIENSE

As informações construídas durante as ligações telefônicas propiciaram o delineamento de diferentes indicadores sobre a situação de inserção do Psicólogo Escolar

no contexto educacional goianiense. Esses indicadores reforçaram os questionamentos sobre a relação entre a formação e a atuação do profissional. Portanto, considerou-se a necessidade de realizar uma discussão sobre tais indicadores.

As ligações levaram a indicadores sobre a percepção de funcionários da escola em relação ao Psicólogo; diante da pergunta sobre a existência ou não do profissional na instituição, surgiu uma série de concepções sobre o psicólogo escolar, a relação deste com outros profissionais da escola, assim como, sobre sua forma de atuação.

Algumas pessoas que atenderam as ligações mostraram-se receptivas diante da proposta de participar de uma pesquisa, favorecendo um diálogo e se disponibilizando para fornecer informações e, em alguns casos, detalhando o seu conhecimento sobre o assunto ou buscando pessoas na escola que pudessem dar maiores esclarecimentos sobre ele. Nessas situações fluiu a troca de conhecimentos, facilitando um diálogo sobre a presença do Psicólogo na escola e sua forma de atuação.

Outras pessoas não se interessaram em participar da pesquisa, responderam às questões de forma rápida, sem maiores envolvimento e com pouca disponibilidade para o diálogo; pelo contrário, tentaram se desvencilhar logo da situação. Diante da tentativa da pesquisadora de estabelecer um diálogo foi percebido, em muitos casos, respostas evasivas ou contraditórias, podendo estar demonstrando a falta de interesse das pessoas abordadas e, inclusive, pouco conhecimento sobre o assunto.

Observou-se que as relações estabelecidas durante as ligações participaram do processo de construção de informações, facilitando ou dificultando o diálogo; pois,

mesmo as relações em que houve pouca disponibilidade para troca possuem seu significado na compreensão do fenômeno; ressaltando que a importância da produção do conhecimento nesse tipo de pesquisa não se resume na quantidade das informações, mas na relação intersubjetiva que é vivenciada e nos significados que lhes são atribuídos (REY, 1997).

Assim, o fato de as pessoas se interessarem ou não pelo assunto pode demonstrar a visão que possuem do papel do Psicólogo na escola, tanto em relação à sua inserção quanto à sua forma de atuação; possibilitando questionamentos sobre contextos e situações vivenciadas que participaram da construção dessas visões. Situações estas que contaram com Psicólogos atuando de acordo com as formações realizadas e que contribuíram para a construção de visões equivocadas e para a falta de espaço nos meios educacionais.

Foram contatadas 237 escolas da rede particular de Goiânia, número este que não corresponde a totalidade dessas instituições na cidade, apenas representam as escolas que estavam na listagem consultada e que atenderam as ligações. Contudo, o estudo encerrou com este número por acreditar que as informações construídas são significativas para a compreensão do fenômeno pesquisado; visto que criaram zonas de sentido que possibilitaram a produção do conhecimento. Segundo informações obtidas junto ao Sinepe (Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de Goiás) existem em Goiânia, aproximadamente, 400 escolas particulares.

Em relação às escolas públicas constatou-se, através de informações verbais, conseguidas através de ligações telefônicas para a Secretaria Municipal de Educação, que

no município ainda não houve concurso para Psicólogo na área da Educação, apenas da saúde. Portanto, nas escolas municipais não existe registro oficial de atuação de Psicólogo Escolar especificamente. A presença do Psicólogo na Educação municipal está relacionada à docência ou ao desempenho de outras funções administrativas ou pedagógicas.

E no Estado, segundo a Secretaria Estadual de Educação, também através de ligação telefônica, já realizaram concurso para Psicólogo. Atualmente existem cerca de 50 profissionais atuando na área de Psicologia Escolar, em sua maioria, junto à Superintendência de Ensino Especial e nas escolas de Educação *inclusiva*. E existem Psicólogos trabalhando em outras funções, como professores do ensino fundamental, médio e técnico, e compondo equipes administrativas e pedagógicas .

A pesquisa não se estendeu junto ao ensino público, porque o interesse era conhecer a situação da inserção do Psicólogo Escolar na rede particular; pois, segundo diferentes estudos (YAZLLE, 1990; WITTER_2, 1992), esse é o espaço de maior receptividade para esse profissional. Além disso, existem dificuldades em realizar uma ligação telefônica para muitas escolas públicas em Goiânia, devido ao fato de não possuírem telefone, ou possuírem apenas um telefone público, e também por não possuírem um funcionário específico para atender as ligações, dificultando o acesso às informações sobre a escola.

Portanto, a pesquisa se restringiu às escolas particulares e, a partir das informações construídas nas ligações, foram levantadas categorias em relação à presença ou não do Psicólogo na escola, que podem ser observadas no quadro a seguir:

Quadro 1: Presença ou não de Psicólogo na escola

Categorias construídas			Porcentagem
- A escola não possui Psicólogo;	Análise da categoria	%	73%
	- não possui Psicólogo;	54%	
	- a escola realiza encaminhamentos para Psicólogos da área clínica;	22%	
	- a escola possui Psicopedagogo, que não é Psicólogo;	11%	
	- a escola solicita assessoria de um Psicólogo, quando é necessário;	07%	
	- há Psicólogos na escola atuando em outras funções (direção, coordenação e professores);	06%	
- A escola trabalha com Psicólogo;	Análise da categoria	%	20%
	- há Psicólogo no quadro de funcionários da escola;	94%	
	- a escola apresenta o profissional como Psicólogo Escolar;	02%	
	- a escola trabalha com Psicólogos que fazem assessoria;	04%	
- A escola não fornece informações por telefone;			04%
- Outros profissionais na escola são Psicólogos (direção, coordenação, professores);			02%
- A escola possui Psicopedagogo (não diferencia do Psicólogo);			01%
Total das escolas pesquisadas			237

Em relação às categorias *A escola não possui Psicólogo* e *A escola trabalha com Psicólogos*, foi preciso fazer um detalhamento das respostas, verificando diferentes sentidos para cada situação apresentada. Considerando a complexidade do tema abordado, não é possível reduzir as respostas a questões simples, do tipo *tem* ou *não tem* Psicólogo, sendo necessário buscar o significado de ter ou não tal profissional na escola.

As porcentagens apresentadas mostram que a maioria das escolas, 73%, não possui Psicólogos em seu espaço, apenas 20% desenvolvem algum tipo de trabalho com tal profissional, demonstrando que essa é uma área da Psicologia que necessita de estudos e investimentos que consigam desvelar os significados dessa situação.

Acreditando na complexidade da realidade, pode-se observar que, apesar de 73% das instituições não trabalharem com Psicólogos, existe uma concepção sobre a necessidade desse profissional; pois, no momento em que a escola diz que não possui Psicólogo, mas encaminha alunos com dificuldades para um Psicólogo da área clínica, está dizendo também que a Psicologia pode auxiliar de alguma forma, mesmo que o foco seja o indivíduo e não a escola e o processo ensino-aprendizagem.

Verifica-se, portanto, que algumas escolas estão fundamentadas na idéia do Psicólogo como agente de saúde, com função “curativa”, sob a perspectiva do modelo médico, atuando junto ao indivíduo que sofre. O foco do Psicólogo, nesses casos, seria o indivíduo e não a instituição. E a forma de atuação se refere à assessoria, sem um envolvimento mais efetivo, como componente da equipe da escola. Questiona-se sobre qual modelo de atuação do P. E. essas escolas estão solicitando, remetendo ao modelo curativo e corretivo.

É possível ponderar as contradições e o pouco conhecimento sobre o papel do Psicólogo Escolar também quando este é apresentado desempenhando diferentes funções, como Diretor e Psicólogo, ou Coordenador Pedagógico e Psicólogo, como se essas funções permitissem tal articulação com a mesma pessoa. Nesse contexto fica o questionamento de como ocorrem as relações intersubjetivas entre esse Psicólogo, que também é Diretor, Coordenador ou Professor, e as pessoas que compõem a escola, já que são papéis que impõem atividades e relações diferentes e, por vezes, opostas.

Diferentes discussões podem ser levantadas sobre esse assunto, relacionadas tanto à direção quanto a outras funções que são divididas por alguns Psicólogos na escola, acreditando-se que uma das atividades que poderiam ser desempenhadas pelo Psicólogo Escolar seria a análise da função de cada componente do processo ensino-aprendizagem, esclarecendo participações e diferenciando atuações que, às vezes, encontram-se misturadas e confusas no contexto educacional.

Questiona-se o fato do Psicólogo ser contratado para outras funções na escola, como coordenador, privilegiando o conhecimento da Psicologia, mas não a atuação do Psicólogo Escolar. Uma situação que visa, muitas vezes, uma ação de controle e correção dos alunos com problemas escolares, negando a necessidade do envolvimento de todos os componentes da instituição na solução de tais problemas.

A Psicopedagogia, enquanto especialização de diferentes profissionais, também se mostra presente no espaço escolar, gerando confusão em relação à Psicologia Escolar, promovendo dificuldades na definição dos papéis de cada área. Muitas discussões precisam acontecer para que sejam explicitadas as funções de cada especialista.

Percorrendo a literatura, observa-se que a Psicopedagogia vem crescendo muito no Brasil, visando trabalhar com as dificuldades no processo ensino-aprendizagem, ocupando um espaço em que a Psicologia, no decorrer de sua história na Educação Brasileira, tem se dedicado mais à teorização dos problemas do que à intervenção junto a eles, devido à complexidade da presença do profissional na área (BOSSA, 1994).

Quando é afirmado que a Psicologia tem se dedicado mais à teorização dos problemas escolares, está sendo destacado, principalmente, o espaço que ela tem ocupado, que é distante das escolas, muitas vezes encerrado nas universidades, desenvolvendo pesquisas que são pouco socializadas no âmbito escolar (GUZZO, 1999). E, na maioria

das vezes, isolada nos consultórios, realizando atendimentos a indivíduos, longe do contexto escolar e das relações que são estabelecidas com os outros componentes do processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, fica um espaço vazio dentro das escolas, ou seja, falta um profissional que possa contribuir com conhecimentos que façam a mediação das relações existentes no processo ensino-aprendizagem, considerando os aspectos cognitivos e afetivos, de homens inseridos em diferentes contextos. Nos últimos anos esse espaço tem sido pleiteado, além da Psicologia Escolar, também pela Psicopedagogia.

Porém, o fato de 20% das escolas desenvolverem algum trabalho com Psicólogo, insinua que há uma parcela de profissionais que está em busca de seu espaço; pois, apesar dos obstáculos e da dificuldade da situação, é necessário explicitar um papel sobre o qual as pessoas possuem visões equivocadas e cobram o atendimento a expectativas que não condizem com a proposta da Psicologia Escolar.

No momento em que somente 2% das escolas identificam o Psicólogo como “Escolar”, pode-se dizer que é confirmada a idéia de que há muito por fazer dentro dessa especialidade, defendendo uma visão de homem e de Educação que considera a multiplicidade de fatores envolvidos no processo de ensinar e de aprender, retirando, assim, o foco do indivíduo.

Para ampliar a discussão de tal situação, é interessante observar as formas de atuação do Psicólogo Escolar que foram mencionadas durante o diálogo realizado nas ligações; porque ficou evidente nessas situações a dificuldade da maioria das pessoas em discutir sobre o assunto. Grande parte dizia que, para obter maiores informações, era necessário ir à escola para conversar com a direção ou a coordenação.

As poucas pessoas que atenderam as ligações e conseguiram dialogar sobre a atuação do Psicólogo Escolar, demonstraram insegurança. Em dois casos, foi o próprio Psicólogo que atendeu a ligação e participou da conversa; em outros quatro casos, foi o Coordenador Pedagógico. Nessas situações houve uma troca de informações mais rica de detalhes, porém reforçando as contradições quanto ao papel desse especialista.

As pessoas que discutiram as formas de atuação do Psicólogo Escolar descreveram as seguintes atividades:

- orientação vocacional/ocupacional;
- atendimento a alunos com “problemas”;
- diagnóstico de alunos, com utilização de testes;
- atendimento à família do aluno com “problema”;
- acompanhamento ao aluno com necessidades especiais;
- treinamento e atendimento a professores;
- realização de encaminhamento para psicólogo clínico.

Muitos Psicólogos parecem estar na escola realizando orientação vocacional, aplicando testes e fazendo atendimento a alunos com problemas, apresentando uma forma de atuação semelhante à da década de 1960 no Brasil, quando houve um grande crescimento da Psicometria e a Psicologia colaborou com a ideologia dominante, reforçando a idéia da época, que era de promover a adaptação do homem ao seu ambiente, seja escolar ou de trabalho (GOULART,1999). No decorrer da história da Psicologia Escolar, tais atuações foram discutidas e refletidas, construindo novas maneiras de olhar e trabalhar o contexto educacional.

Percebe-se que algumas das realidades apresentadas em Goiânia refletem uma prática que focaliza o indivíduo e não a instituição, desconsiderando o caráter multideterminante do processo ensino-aprendizagem e levando a questionamentos sobre a formação desse profissional, que ocorreu durante muito tempo somente na Universidade Católica de Goiás. Atualmente existe outra universidade privada oferecendo o curso de Psicologia, porém ainda não encerrou nenhuma turma.

Nos momentos em que foi colocado que o aluno com “problemas” era atendido pelo Psicólogo, tentou-se compreender qual era o conceito de “problemas”, ou quais eram os problemas que necessitavam de ajuda, de acordo com a disponibilidade do outro em participar da discussão. Ao se falar do problema do aluno, as pessoas definiam situações variadas, como:

- dificuldades para aprender;
- comportamento inadequado: indisciplina, agressividade, timidez excessiva, isolamento, dispersão;
- conflitos familiares: separação do casal, morte na família, brigas;
- dificuldades de relacionamento;
- dificuldades emocionais.

As situações foram colocadas de forma ampla, sem definição dos conceitos e dos sentidos atribuídos a cada caso; porém, tais descrições favorecem a compreensão da visão de homem presente nos discursos, onde as informações fornecidas às ligações demonstram concepções sobre as dificuldades dos alunos, a partir da crença de que o problema está no indivíduo e na situação familiar.

A Psicologia vem contribuindo, durante sua história, para o estabelecimento dessas concepções na medida em que, conforme BOCK (2001, p. 25):

fala-se da mãe e do pai sem falar da família como instituição social marcada historicamente pela apropriação dos sujeitos (...) fala-se de habilidade e aptidões de um sujeito sem se falar das suas reais possibilidades de acesso à cultura; fala-se do homem sem falar do trabalho; fala-se do psicológico sem falar do cultural e do social. Na verdade, não se fala de nada. Faz-se ideologia!

E dentro desse contexto, a visão que é construída é de um profissional que auxilie e “trate” desse sujeito que não está conseguindo, sozinho, desenvolver suas potencialidades. A Educação, por sua vez, colabora com a construção dessas visões quando também valoriza o indivíduo em detrimento das relações que são estabelecidas no processo ensino-aprendizagem, o qual ocorre em um determinado contexto sócio-histórico, político, econômico e cultural e, muitas vezes, não é considerado.

Ao se discutir a atuação do Psicólogo Escolar e sua inserção nas escolas, é necessário inserir também no debate a situação educacional brasileira e os contextos que compõem a sociedade, com consciência da ideologia que permeia as relações humanas, para então abandonar uma visão alienada de homem e mundo e buscar construir conhecimentos que representem a realidade complexa e dinâmica, considerando seu movimento e sua subjetividade.

De acordo com estudos realizados na área (MEIRA, 2000; TANAMACHI, 2000) e as experiências vivenciadas durante a pesquisa, é possível discutir que existem Psicólogos nas escolas com uma atuação crítica e os quais buscam uma identidade profissional transformadora. São profissionais conscientes da presença das visões equivocadas e das expectativas distorcidas quanto ao seu papel; por isso, procuram desenvolver práticas que promovam a construção de novos conhecimentos e novas visões.

Entretanto, também existem Psicólogos que reforçam as visões equivocadas a partir de uma atuação que desvaloriza os contextos e se apóia nos conceitos da ideologia liberal; segundo os quais, o indivíduo é responsabilizado pelo seu desenvolvimento, retirando da escola e do processo ensino-aprendizagem qualquer responsabilidade.

Essas contradições na atuação do Psicólogo Escolar propiciam reflexões acerca da formação desse profissional, questionando os conhecimentos que são trabalhados, as estratégias que são utilizadas e os paradigmas e ideologias que predominam nas instituições formadoras.

Segundo MALUF (2001), muitos cursos de Psicologia no Brasil trabalham o conhecimento psicológico a partir de visões fragmentadas do mundo e do homem, desarticulando teoria e prática; pois a prática ocorre de forma descontextualizada e desvinculada da teoria. São cursos que privilegiam o estudo das metanarrativas, evidenciam os conflitos entre as concepções e abordagens teóricas, não valorizam o trabalho interdisciplinar e dão pouca atenção ao estudo dos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Assim, os indicadores construídos sobre a inserção do Psicólogo Escolar no contexto educacional goianiense motivaram a realização de estudos com os currículos do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, visando a uma maior compreensão sobre as características desse processo.

3.2 – A PSICOLOGIA ESCOLAR NO CURSO DE PSICOLOGIA DA UCG

A proposta de compreender a situação da formação em Psicologia Escolar no curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás se efetivou através da análise do

currículo, verificando a situação das disciplinas que apóiam tal formação, o período em que ocorrem, os pré-requisitos necessários, as atividades desenvolvidas e a participação do corpo docente.

Considera-se que o currículo é um dos eixos de estudo que possibilita a compreensão da formação do Psicólogo Escolar, baseado na idéia de currículo elaborada a partir das teorias críticas, as quais ressaltam os processos de construção do currículo por meio de contextos sócio-históricos específicos, num movimento dialético entre os aspectos explícitos, isto é, das grades curriculares e suas ementas, e implícitos, nos valores e concepções transmitidos nas relações vivenciadas entre alunos e professores (CATHARINO, 1998; SILVA_2, 2000).

Para obtenção das grades curriculares e das ementas, conforme descrito no capítulo da metodologia, foram realizados contatos com o Departamento de Psicologia e a Vice-Reitoria Acadêmica. E os funcionários dos respectivos locais atenderam a solicitação da pesquisadora, demonstrando disponibilidade em ajudar na pesquisa; porém, com dificuldades para encontrar o material solicitado, pois não existem arquivos sistematizados do material.

Em um segundo momento da pesquisa, quando foram realizadas as entrevistas com os professores do curso que trabalharam com a área escolar, novamente recorreu-se ao Departamento de Psicologia, visando obter uma listagem desses profissionais. Mas, tais informações foram obtidas verbalmente, oriundas de funcionários e professores mais antigos da universidade, pois não foi possível conseguir material escrito.

É possível ponderar que ainda não há um arquivamento sistematizado da história do curso de Psicologia, isto é, não há um registro organizado de seus

personagens, de seus acontecimentos e mesmo de toda a sua documentação. A história de um curso não se restringe à sua grade curricular e a algumas ementas de disciplinas que fizeram parte do curso por um determinado tempo, também inclui informações sobre os profissionais que contribuíram para sua construção, com seus projetos e suas pesquisas, e isso se refere aos profissionais de todas as áreas de atuação.

Acredita-se que a historicidade do Departamento de Psicologia fica dispersa no seu cotidiano, em função das inúmeras atividades a serem desenvolvidas com o corpo docente e discente. Os diferentes paradigmas presentes e as políticas administrativas vão se alternando, em uma participação mais efetiva na organização do curso, em momentos diferenciados. E o trabalho interdisciplinar com os outros departamentos da universidade não é percebido. Todo esse movimento ocorre, sem um registro sistematizado.

Bem, a partir do material conseguido, pôde-se realizar alguma discussão acerca da Psicologia Escolar no curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás. A UCG recebeu autorização para funcionar em Goiânia através do decreto n.º 47.041, de 17 de outubro de 1959, reunindo as Faculdades de Filosofia (1948)*, Ciências Econômicas (1951), Direito (1959), Serviço Social (1957), a Escola de Belas Artes (1952) e, o Instituto de Pesquisa Econômica e Social.

O curso de Psicologia iniciou sua primeira turma em 1973 e era vinculado ao Departamento de Educação. O Ministério da Educação e Cultura reconheceu o curso através do Decreto/Portaria n.º 82.314 de 25 de setembro de 1978. Atualmente, possui um Departamento próprio que é vinculado à Vice-Reitoria Acadêmica, assim como um Centro de Estudos, Pesquisas e Prática em Psicologia (CEPSI), compondo a clínica-

* Datas em que as respectivas faculdades foram implantadas.

escola, e dois núcleos de pesquisa, o Laboratório de Análise Experimental do Comportamento (LAEC) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social e do Desenvolvimento (NEP).

Após o projeto inicial, o curso passou por 6 reformulações em suas grades curriculares, visando à atualização das disciplinas aos contextos, considerando suas ementas, seu conteúdo programático e suas referências bibliográficas. Nenhuma modificação foi de ordem estrutural, foram mudanças com o intuito de qualificar o curso, adequando-o às novas demandas quanto à formação do profissional.

No decorrer dessas mudanças, percebe-se que algumas áreas de conhecimento da Psicologia tiveram maior investimento com o aumento do número de disciplinas oferecidas; e outras áreas tiveram um investimento menor, ressaltando que não existiam áreas claramente definidas, mas um conjunto de disciplinas mais voltadas para um tipo de formação, com uma grande tendência para a área clínica ou um tipo específico de abordagem teórica.

O objetivo dessa análise é compreender como os conhecimentos que dão suporte a área de Psicologia Escolar foram se apresentando nessa história. Porém, acredita-se ser necessário observar o curso como um todo, buscando sua globalidade, mesmo porque não existe uma área específica de Psicologia Escolar.

Portanto, torna-se necessário relacionar as disciplinas que contribuem com conhecimentos que podem fundamentar a prática do Psicólogo no contexto educacional, tentando entender a articulação de tais disciplinas; o momento em que ocorrem no curso, a forma como estão vinculadas ou se, ao contrário, ocorrem de forma fragmentada, dificultando, assim, a realização de conexões necessárias para o entendimento geral.

Algumas mudanças ocorridas nas grades curriculares foram alterações quanto ao nome das disciplinas, seleção de pré-requisitos, se a disciplina é do tipo obrigatória ou optativa, o período em que está inserida, a ampliação de ofertas de disciplinas optativas e, em alguns casos, houve mudanças de ementas e de conteúdo programático.

É importante salientar que o Departamento de Psicologia esteve sempre empenhado em melhorar o curso, estudando sua grade curricular juntamente com as ementas das disciplinas, aperfeiçoando-as e tentando relacioná-las aos tempos e aos contextos presentes.

De acordo com as discussões motivadas pelo MEC em relação à avaliação dos cursos superiores no país, a elaboração de Diretrizes Curriculares e a exigência de revisão curricular a cada cinco anos, a Universidade Católica de Goiás e, nesse caso, o Departamento de Psicologia iniciaram revisões em sua grade curricular que, desde 1989, não sofria alterações.

Tais discussões foram reforçadas pela formação do curso de pós-graduação *stricto sensu*, pois o Mestrado em Psicologia envolveu um corpo docente ligado a pesquisas mais recentes, além da inserção de profissionais de outros espaços, trazendo para o Departamento visões diferenciadas, baseadas em novos paradigmas, renovando e “alimentando”, assim, o diálogo, com novas concepções, além da inclusão de disciplinas optativas, fundamentadas nessas novas concepções.

Assim, as discussões que se iniciaram em 1997 resultaram em uma grade curricular nova, efetivada em 1999, e organizada para ser integralizada em dez (10) períodos, ou seja, em 5 anos, totalizando 4440 horas. As disciplinas estão divididas em quatro grupos: Núcleo Comum, Licenciatura, Bacharel e Psicólogo; e organizadas em áreas de concentração: Psicologia da Saúde, Psicologia Social, Psicologia do

Desenvolvimento, Psicologia Experimental/Metodológica, Instrumental/Técnica, Fundamentos/Aplicação e Psicologia da Personalidade/Psicopatologia.

Inicialmente, tentou-se fazer uma pequena discussão a partir da análise das sete grades curriculares que já foram elaboradas para o curso de 1975, 1975-1981, 1982-1984, 1985, 1989, 1998 e 1999; observando as disciplinas oferecidas que propiciam conhecimentos importantes para a formação do Psicólogo Escolar, através dos co-requisitos (disciplinas que podem ser cursadas simultaneamente, cujos conhecimentos são complementares) e pré-requisitos exigidos e dos períodos em que foram oferecidas.

Observando a grade curricular de forma geral percebe-se que, no decorrer de sua história, as matérias oriundas de outras áreas de conhecimento que se articulam com o conhecimento psicológico, sempre estiveram presentes; como a Teologia, Sociologia, Filosofia, disciplinas das áreas biológica e exatas, enriquecendo a formação do profissional.

As áreas de Psicologia Social e do Desenvolvimento foram ampliadas com ofertas de mais disciplinas optativas, abrangendo conhecimentos que dão suporte ao Psicólogo Escolar. E as áreas de Psicologia da Personalidade e a Licenciatura se mantiveram estáveis durante as grades curriculares, sem acréscimo ou exclusão de disciplinas.

As disciplinas que dão suporte à prática psicoterápica como, por exemplo, Teorias e Técnicas Psicoterápicas I e II e as que estudam os testes psicológicos foram ampliadas, com aumento das disciplinas optativas. E houve um crescimento no oferecimento de disciplinas referentes às áreas de atuação emergentes em Psicologia, somando às áreas mais tradicionais (clínica, organizacional e escolar), como Psicologia Comunitária, Hospitalar, da Publicidade e do Esporte.

Essas informações promovem reflexões acerca da grade curricular do curso de Psicologia, o qual se propõe generalista e oferece conhecimentos sobre o desenvolvimento do indivíduo, os instrumentos de avaliação e as técnicas psicoterápicas. Pode-se dizer que ocorre um investimento maior no conhecimento do indivíduo e menos no coletivo e nas áreas institucionais.

Porém, sabe-se que a elaboração de uma grade curricular não garante a aprendizagem de seus conhecimentos, pois outros fatores estão envolvidos na formação de um profissional, como a ação efetiva do corpo docente, conforme suas concepções, as condições do processo ensino-aprendizagem, as disponibilidades do corpo discente e os valores que permeiam todo o processo.

A disciplina específica da área, Psicologia Escolar, foi inserida no currículo do curso desde o projeto para sua implantação, sendo que se apresentava como Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem. A partir da grade curricular de 1985, houve um desmembramento dessa disciplina, dividindo-se em Psicologia Escolar, que era optativa, e Psicologia da Aprendizagem, que era obrigatória. Somente na grade curricular de 1998, que foi uma grade de adaptação para a inserção das mudanças da nova grade de 1999, que a disciplina Psicologia Escolar tornou-se obrigatória.

Todavia, em 1973, quando foi elaborado o projeto de implantação do curso de Psicologia na Universidade Católica de Goiás, a Psicologia Escolar já tinha uma história traçada junto à Psicometria, em outros contextos, e estava em pleno desenvolvimento no resto do país, vivenciando, segundo MALUF (1996), um momento de intensos questionamentos em relação à sua prática, buscando alternativas de atuação que evitassem o “psicologismo”, quando existia o abuso de técnicas e teorias psicológicas patologizando

os problemas vivenciados pelos alunos, desconsiderando a complexidade do fenômeno educacional.

Nesses momentos de questionamentos, a ementa da disciplina Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem foi elaborada a partir da abordagem comportamental, com objetivos relacionados à modificação e programação de comportamento, priorizando discussões sobre o controle dos comportamentos que não se adaptavam ao meio, ignorando as questões da prática educativa, inserida em diferentes contextos.

Dessa forma, refletia a situação da Psicologia Escolar da década de 1960, aproximadamente, com enfoque no indivíduo que aprende, culpabilizando-o por suas dificuldades e utilizando-se de testes e técnicas para melhor adaptá-lo ao meio, fundamentadas na Análise do Comportamento, que ganhou força no país no contexto de repressão vivido a partir do golpe militar. Conforme DIAS (2001), a teoria behaviorista permitia o desenvolvimento de estudos da relação do homem com o meio, de uma forma que não incomodava o poder governamental, pois não havia implicações políticas; a visão predominante era de um homem a-crítico.

Somente na grade curricular de 1983, foi reformulada a ementa dessa disciplina, cujos objetivos foram organizados de uma forma em que não se evidenciava uma abordagem teórica específica, como acontecia na anterior. O conteúdo programático se referia à Psicologia Escolar, enquanto área de atuação e formação profissional, com discussões sobre o contexto educacional, as práticas educativas e a importância do diagnóstico, diminuindo a preocupação exclusiva com o comportamento. As referências bibliográficas se apoiavam no livro de Maria Helena Novaes, Psicologia Escolar.

Nessa ementa ocorre uma tentativa de se dirigir o olhar para o processo ensino-

aprendizagem, com suas características, através de atividades práticas no campo e uso de testes na escola. Percebe-se uma relação dessa ementa com o momento de busca de alternativas para a atuação do Psicólogo Escolar, na década de 1970, com os questionamentos que surgiam sobre esse profissional, visando a uma maior colaboração e participação na melhoria do sistema educacional.

Ainda é visível a influência da Psicometria, com a preocupação na utilização dos testes na escola, com o intuito de ter uma descrição e uma suposta compreensão dos problemas educacionais. Suposta, porque tais testes, em sua maioria, priorizam um aspecto, uma dimensão do indivíduo, desconsiderando o caráter multideterminado do ato de ensinar e aprender.

Nesse programa pode-se dizer que houve um bom desenvolvimento no sentido de haver uma preocupação com a área escolar, discutindo a sua situação na realidade moderna, a organização e o funcionamento dos serviços de Psicologia Escolar, a formação e as atribuições do profissional, promovendo reflexões importantes para a formação do aluno.

Em relação ao processo ensino-aprendizagem, a ementa inclui discussões sobre as tarefas escolares, os fundamentos psicológicos das medidas educacionais e a ação preventiva da escola na comunidade. Porém, acredita-se que nessa ementa existe pouca ênfase nos problemas de aprendizagem, já que essa disciplina deveria abarcar também esse conhecimento.

A partir da grade curricular de 1985, com o desmembramento dessa disciplina em Psicologia Escolar e Psicologia da Aprendizagem, considera-se que houve um equívoco ao se pensar que a única disciplina do curso que diz respeito especificamente à área escolar, uma área tradicional na Psicologia, poderia ser optativa, sendo oferecida no

final do curso, entre o oitavo e nono períodos. Essa situação se manteve por duas grades curriculares. Destacando que o contexto educacional deveria ser um conhecimento essencial para o Psicólogo, por ser um importante espaço no desenvolvimento do indivíduo.

Um curso com o objetivo de formar um Psicólogo generalista deveria propiciar, com caráter obrigatório, conhecimentos gerais sobre as diferentes áreas da Psicologia. Considerando que somente na grade curricular de 1998 a disciplina Psicologia Escolar se tornou obrigatória, pode-se pensar que durante 13 anos muitos alunos provavelmente se formaram, sem discutir a Psicologia Escolar e, talvez, estejam atuando na área, já que a graduação possibilita ao profissional atuar em qualquer contexto em que as atividades psicológicas sejam necessárias.

Acredita-se que essa situação participa da construção dessa área, promovendo conflitos e indefinições em relação ao seu objeto de estudo e à construção da identidade do profissional, aumentando sua complexidade ao se pensar que podem existir profissionais atuando na área, sem conhecimentos específicos do contexto educacional e da prática psicológica nesse espaço.

Segundo GUZZO (2001, p. 28), “*o Psicólogo Escolar trabalha em um sistema com o qual ele não tem familiaridade*”, o que provoca questionamentos sobre a formação desse profissional.

Mesmo que se discuta que o aluno interessado na área procurará investir nessa formação, acredita-se que é função do curso propiciar esses conhecimentos a todos, pois não se poder afirmar em qual área os alunos irão atuar após a graduação.

Além da obrigatoriedade em relação à disciplina Psicologia Escolar, a ementa

presente na grade curricular de 1998, sofre alterações, visando a uma ênfase nas questões ideológicas e político-social, contribuindo para a formação de uma postura crítico-transformadora do Psicólogo Escolar, discutindo seu espaço político-pedagógico na Educação, ressaltando também a relação do adolescente com a escola. Ocorre um enriquecimento das referências bibliográficas, incluindo diferentes autores, como B. Charlot e S. Freud, dentre outros.

Tais atitudes refletem as discussões características da década de 1980 no país acerca da necessidade de uma postura crítica transformadora do Psicólogo Escolar, a partir de uma concepção que considera o homem em sua totalidade, através de suas relações sociais, cujas necessidades e dificuldades educacionais são influenciadas por fatores concretos, sociais e históricos. Com a abertura política que ocorreu no país nessa época, desenvolveram-se discussões críticas em relação ao papel ativo do indivíduo na formação da sociedade (TANAMACHI, 2000).

Houve, portanto, mudanças significativas na ementa da disciplina Psicologia Escolar em 1998, porém, a disciplina Psicologia da Aprendizagem apresenta uma ementa com objetivos de conceituar a aprendizagem e seus distúrbios, identificando as “variáveis” que originam tais distúrbios na escola, na família e no próprio indivíduo. Percebe-se nessa ementa o embasamento na abordagem comportamental, com referências bibliográficas que confirmam tal percepção.

Dessa forma essa disciplina que era pré-requisito para o aluno cursar Psicologia Escolar, apresenta uma compreensão de escola como um local de aprendizado técnico, em que o aluno deveria aprender a controlar as “variáveis” que interferem em sua aprendizagem. Assim, o aluno se prepara para cursar a disciplina Psicologia Escolar a partir de um único referencial teórico.

Questionam-se os motivos que levam à elaboração de uma ementa a partir de um enfoque uniteórico, em um curso que se propõe generalista. Por que não apresentar o conceito de aprendizagem a partir das diferentes linhas de pensamento que compõem a Psicologia? Acredita-se que esse é um dos fatores que determinam a formação do Psicólogo na UCG, o agrupamento de profissionais formados a partir de paradigmas diferentes que não interagem entre si, prejudicando a produtividade do profissional e do aluno, que não consegue compreender o conhecimento da Psicologia historicamente.

Essa situação se modifica um pouco a partir da grade curricular de 1999, quando é acrescentada a disciplina Teorias de Aprendizagem, visando apresentar conhecimentos sobre as diferentes teorias psicológicas e a aprendizagem do indivíduo, dentro dos referenciais teóricos comportamentais, sócio-interacionistas, cognitivistas e humanistas. Assim, ocorre um investimento no caráter generalista do curso.

Os pré-requisitos para a disciplina Psicologia Escolar se alteraram das primeiras grades curriculares (1975 e 1982-1984) para a de 1985 em diante. Nas primeiras grades, existia uma sequência de pré-requisitos onde a Psicologia Escolar dependia das disciplinas: Estatística e Técnicas de Aconselhamento Psicológico.

Dessa forma, trabalhava-se com uma concepção de Psicologia Escolar apoiada na Psicometria, reforçando a idéia de uma grade curricular fundamentada nas práticas desenvolvidas na década de 1960.

A partir da grade de 1985, houve uma alteração na sequência dos pré-requisitos para a disciplina Psicologia Escolar, que passou a depender das disciplinas Psicologia da Aprendizagem e Psicologia do Desenvolvimento, refletindo a mudança de concepções em relação à atuação do Psicólogo Escolar, privilegiando o conhecimento sobre o desenvolvimento do ser humano.

Não foi possível determinar se existiram outras ementas para a disciplina Psicologia Escolar, pois tanto o Departamento de Psicologia quanto a Vice-Reitoria Acadêmica forneceram somente três ementas.

As ementas demonstram que a disciplina Psicologia Escolar passou por um desenvolvimento de idéias acerca da formação do Psicólogo Escolar, alterando os objetivos e conhecimentos. Na UCG existe uma condição que permite ao professor elaborar seu programa a partir da ementa, tal condição ressalta a importância do papel do professor que trabalha com a disciplina, acreditando na necessidade de se preocupar com a ação, o conhecimento e a experiência do docente na área que propõe ensinar. Segundo NOVAES (1992, p. 15):

o lugar acadêmico e a prática do docente dependerão do grau do seu compromisso e envolvimento, da sua competência e segurança e da sua capacidade em trabalhar com limites pessoais, de grupos e das instituições, numa relação dialética, não presa a discursos de retórica de natureza meramente normativa, sempre questionando a realidade socioeducacional brasileira.

Cabe à universidade acompanhar e dar suporte para que seu corpo docente trabalhe nesse sentido, comprometendo-se com a sua área de atuação, promovendo a formação de profissionais críticos e competentes. E isso só será possível, se o professor também tiver sua atuação baseada nesses aspectos.

E visando compreender melhor a participação desse professor, que representa a visão dinâmica do currículo, serão discutidas, em seguida, informações construídas junto a alguns docentes que concordaram em participar desse estudo.

3.3 – CONVERSANDO COM OS PROFESSORES DA ÁREA ESCOLAR

Após a análise da situação da Psicologia Escolar nas grades curriculares e nas

ementas do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, emergiu a necessidade de se conversar com os professores que trabalharam na área escolar; sabendo-se que a formação profissional ocorre não só a partir da grade curricular mas, principalmente, pela ação dos indivíduos envolvidos no processo, alunos e professores, que compõem a dinâmica do currículo.

Acredita-se que a ação desses professores é constituída e constitutiva da história da Psicologia no Brasil e em Goiânia, participando da formação de gerações de Psicólogos, fundamentados em conhecimentos que estão em movimento, conforme SOUZA (2000, p. 111), *“o conhecimento não é homogêneo ou estático, mas está em constante confronto com questionamentos e desafios que se fazem presentes nas teorias que embasam o pensamento psicológico, nas críticas teórico-metodológicas da área, nas questões impostas pela prática diária.”*

O objetivo desse contato com os professores foi de compreender o movimento que ocorre na formação dos Psicólogos em Goiânia, baseado na articulação entre teoria e prática, vislumbrando a construção histórica de suas ações. Não é propósito dessa discussão avaliar o trabalho desses professores, mas sim tê-los como parceiros na compreensão da formação do Psicólogo Escolar propiciada pela Universidade Católica de Goiás.

Desde o início do curso de Psicologia na Universidade Católica de Goiás, em 1973, a disciplina Psicologia Escolar foi ministrada por diferentes professores, entre efetivos e convidados. Foram entrevistados seis professores, que falaram um pouco sobre sua experiência profissional, destacando atividades que desenvolveram na área escolar, assim como, sobre a formação propiciada pela universidade.

Analisando as informações construídas nas entrevistas, levantaram-se vários indicadores sobre a formação e a atuação do Psicólogo Escolar, possibilitando discussões sob diferentes ângulos. A proposta é proporcionar questionamentos e reflexões a partir desses indicadores, sabendo da impossibilidade de abarcar toda a realidade estudada, devido à natureza complexa de fenômenos que envolvem a ação humana.

Assim, realizando uma análise construtiva-interpretativa e processual dos indicadores levantados, foram construídas quatro categorias; as quais proporcionaram a identificação de zonas de sentido sobre a formação do Psicólogo Escolar .

Acreditando na importância da relação estabelecida entre pesquisador e sujeito participante, será feito um breve relato sobre o contexto de cada entrevista, além da identificação de algumas características dos professores, consideradas relevantes para o estudo.

É importante ressaltar que a análise construtiva-interpretativa das informações construídas nas entrevistas não se restringe à fala descontextualizada dos sujeitos participantes, mas ao significado e ao sentido, estabelecidos através das interações ocorridas. Conforme VYGOTSKY (2000_2, p. 181): *“o significado é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge”*. Assim, os contextos adquirem uma grande relevância nesse estudo.

A análise e interpretação das informações foram feitas a partir de “contextos de significação”, que são momentos que dão sentido ao que está sendo discutido, de acordo com os significados do pesquisador e do sujeito participante; e que propiciam o levantamento de indicadores que geram as novas produções teóricas (CUPOLILLO, 2000).

Considerou-se a importância do papel de cada uma das professoras na construção da área escolar, através das interações com os alunos, apoiadas em sua visão de Educação e da Psicologia Escolar, construídas a partir de sua formação e experiência profissional.

Foram construídas quatro categorias de análise a partir do conjunto de indicadores levantados ao longo das entrevistas e do processo de análise das mesmas:

1. A história profissional de cada professora,
2. Desvalorização da Educação e da Psicologia Escolar,
3. Contradições entre o discurso e a prática dos professores da área escolar e
4. Ideal de autonomia profissional.

A história profissional de cada professora

Segundo VYGOTSKY (2000_1, p.33), *“a pessoa não somente se desenvolve, mas também constrói a si”*; e essa construção ocorre a partir das relações sociais vivenciadas durante sua história, cujas condições influenciam toda a produção do indivíduo.

Partindo dessa perspectiva, considerou-se importante analisar as experiências vivenciadas por cada professora durante sua história profissional, pois cada uma participou da construção de toda a sua produção, inclusive das ações ligadas à Psicologia Escolar.

Dentre as seis professoras entrevistadas, pode-se identificar que quatro envolveram-se de forma mais direta com atividades relacionadas à Psicologia Escolar,

tanto na universidade quanto fora dela, discutindo de forma consistente as características específicas do contexto educacional. As outras duas professoras desenvolveram atividades próximas a área escolar, mas sem grande envolvimento.

Essas quatro professoras que se envolveram mais com a área escolar, tiveram experiências na Educação, estando mais próximas do processo ensino-aprendizagem, vivenciando uma relação com o aluno do ensino fundamental e médio, a partir do papel do professor. Essas experiências foram anteriores à formação em Psicologia, levando-se a pensar que podem ter propiciado uma disposição diferente para o interesse pela área escolar.

Essa questão é percebida no diálogo com as professoras, que ressaltam a importância de o Psicólogo Escolar conhecer aspectos específicos do processo ensino-aprendizagem. Alguns recortes que dão sentido a essa questão:

Entrevista com a professora Marta

Desde os primeiros contatos, essa professora apresentou-se disponível e interessada pela pesquisa, destacando a importância dessa discussão para uma melhor compreensão da área escolar. Assim, a entrevista ocorreu num clima tranquilo e informal, com boa interação com a pesquisadora. A entrevista ocorreu no consultório da professora.

Essa profissional teve experiência como professora primária (1.^a fase do ensino fundamental de 1.^o grau) antes de terminar sua graduação em Psicologia, na Universidade Católica de Goiás, em 1980. A professora destacou que realizou seu estágio curricular na área escolar e, depois de formada, fez especialização *lato sensu* em Psicologia Escolar.

Iniciou seu trabalho na UCG em 1982, trabalhou com a disciplina Psicologia Escolar, dentre outras da área de desenvolvimento, e supervisionou um projeto de intervenção em uma escola pública de Goiânia, propiciando campo de estágio não obrigatório na área escolar. Atualmente, sua principal área de atuação é a clínica, além de seu trabalho na universidade e, eventualmente, dá assessoria a escolas em Goiânia, através de palestras para pais e professores.

*Prof.^a Marta

Contexto: a conversa se referia à experiência profissional da professora:

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P- você foi professora na Federal... (universidade)	<i>Professora na Federal, na licenciatura de aprendizagem*</i> , então e foi muito interessante é ... e agora eu me lembro quer dizer eu tive dois duas grandes pessoas na minha vida que hoje não fazem parte mais desse mundo, um é o A. e o outro foi a professora F. que a F. ela dava a mesma disciplina do que eu na Federal e ela foi de uma gentileza o que <i>ela passou de livros e textos sobre educação e eu li muito... eu lia muito... e eu tive uma excelente professora de didática que foi a professora E. S...</i>
P- quando você fez psicologia...	a E. S. ela ela dava textos incríveis pra gente ler <i>eu sempre procurei muito ler sobre as questões da educação... eu sempre tinha lido muito sobre educação porque eu fui professora primária sempre teve muito envolvida com escola...</i> e quando eu vi que era só esse texto das bela mentiras ... quando eu cheguei a ... mas olha mas... teve aluno que me bombardeou

Contexto: a conversa girava em torno dos conhecimentos necessários para o Psicólogo Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – na formação do Psicólogo escolar, ele deveria conhecer sobre...	<i>Métodos de alfabetização... mas eu ...eu não sei se os professores ensinam sobre isso, eu ensinava</i> , porque é o seguinte eu tenho que entender que tem crianças que tem uma audição extremamente sensível então um o fonético ela tem fácil, o que é mais visual, tem uma dificuldade incrível para entender o fonético, tem criança que tem uma visão mais ampla aí ela vai pro global? Vai, porque? porque ela é muito estimulada, muito trabalhada em casa, então ela tem uma visão muito mais ampla, ela consegue ver o todo para chegar às

* Os indicadores que estão mais diretamente relacionados com a questão em discussão, serão apresentados em destaque.

	<p>partes, mas a criança que é mais limitada ela vê “partisinha, partisinha”, então vamos pro silábico, então eu acho... o psicólogo tem que entender essas questões todas, por onde vai trabalhar, certo? Então eu vejo que, eu não sei como tá sendo dado psicologia escolar, eu sei que era você e a I., sei que vocês estavam fazendo um trabalho bom, fazendo projetos, agora é E. que me parece que tá dando psicologia escolar e ela fez escolar comigo, ela teve na escola e ela falou assim ... eu sentei com ela e nós discutimos muito e eu falei procura a I. porque I...porque o semestre passado eu conversei muito com I. e nós trocamos muita idéia e ela ... eu falei procura I. que ela pode te dar uma orientação inclusive do que ela estava fazendo, porque eu dei numa época e agora é outra, como que tá sendo agora, e... eu percebo que... o outra coisa quando eu falo dessa visão sistêmica mais ampla, <i>é que o psicólogo ele tem que entender que ele tem que aprender com o pedagogo</i></p>
--	---

Entrevista com a professora Tânia

Houve uma certa dificuldade para agendar a entrevista com a professora Tânia, devido à pouca disponibilidade de horário da mesma. O contexto da entrevista foi tumultuado, com muitas interferências de terceiros, pois ocorreu na residência da professora.

Sua formação em Psicologia ocorreu em outro estado, na década de 1980, após ter realizado o curso de Pedagogia. Também foi professora primária, na Secretaria Municipal de Educação. Especializou-se em Psicologia Escolar e, atualmente, faz mestrado em Psicologia Social.

Ingressou na Universidade Católica de Goiás em 1987, no Departamento de Educação, depois conseguiu transferência para o Departamento de Psicologia. Trabalhou com a disciplina Psicologia Escolar, dentre outras, da área de desenvolvimento, coordenou a área de estágios em Psicologia Escolar e supervisiona um programa na área, que é campo de estágio para estudantes de Pedagogia e Psicologia, desde 1989. Além do trabalho desenvolvido na universidade, atua em seu consultório e dá assessoria a escolas, com palestras para professores e pais.

*Prof.^a Tânia

Contexto: a conversa era sobre a formação da professora.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – então você fez pedagogia...	<i>eu fiz psicologia, fiz pedagogia</i> , ai foi quando começou a psicopedagogia em São Paulo, que era a visão da psicopedagogia do grupo de origem, da PUC de São Paulo, era ... instrumentalizar os ... professores a respeito de algumas questões psicológicas que não eram vistas na graduação, nem pra letras, nem pra pedagogia, não tinha nada a ver conosco
P – nada a ver com a psicologia ...	Nada a ver com clínica e nada a ver com psicólogo, era esse enfoque, ai ti...então eu comecei, e... me envolvi com o pessoal lá tal, e eu morava em Guarulhos e lá uma escola particular, eu comecei... <i>eu trabalhava em São Paulo na prefeitura de São Paulo como professora, ai eu quis passar pra área de saúde, ai eu fiz psicologia, mas eu não podia ser psicóloga escolar porque não tinha na no quadro das EMEI das escolas de educação infantil, tinha sim na Secretaria de Saúde da Prefeitura</i> , ai quando surgiu com a com a, aquele primeira professora Ivone Khouri, o qua... a psicologia escolar né, na prefeitura de São Paulo, mas era assim, era... não era vinculada à escola, junto a escola só era o pedagogo, eu comecei a fazer um trabalho lá com as crianças na EMEI que eu trabalhava, de...era só crianças de seria a pré-escola, só que lá chamava EMEI, Escola Municipal de Educação Infantil, era só só de primeiro período que eles tinham, três, quatro anos a seis, e aí...a <i>a diretora sabendo que eu era psicóloga tal, me deu espaço de um trabalho em psicomotricidade, né...</i> pra trabalhar com as crianças do meu período, que era o primeiro período, crianças pequenas, três, quatro anos, depois disso eu fui... lá... <i>eu morava em Guarulhos, e lá tinha uma escola particular e que me chamou pra dar uma consultoria, assim fazer reunião com pais, tal, ai eu comecei usar então, o que eu tinha aprendido em psicologia e pedagogia, e comecei a trabalhar com os pais, fazer reuniões com temas abertos tal, quando eu vim embora pra Goiás, eu tive a possibilidade de fazer o curso de especialização, em Psicologia Escolar, como era a área que eu sempre gostei, quer dizer, sempre trabalhei com clínica, mas muito mais ligada à escola, quando eu fui fazer psicologia, foi muito mais na visão escolar, né? Do que clínica, então porque eu tinha toda uma bagagem desses anos e anos e trabalhando na escola.</i>

Contexto: a conversa era sobre a formação do Psicólogo Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – mas assim, nesse trabalho seu o que você acha que é importante pra formação, que conhecimentos...	eu acho que..a viven... <i>uns dos conhecimentos é a realmente a vivência da parte pedagógica, entendeu? Da escola, como é que é essa escola, como é que tá essa escola, que situação tá a escola,</i> e depois de vc também trabalhar as relações a...um uma vivência interpessoal, como é esse psicólogo num relacionamento junto com os outros profissionais da escola, porque eu acho que fica falho, <i>o psicólogo sai muito com uma visão da escola, de fazer clínica na escola...ou ...</i> (problemas – bebê chorando)

Entrevista com a professora Raquel

Quando foi convidada pela pesquisadora para participar da pesquisa, a professora Raquel mostrou-se interessada, pontuando a importância desse estudo para a área escolar. A entrevista transcorreu em um clima descontraído, com o diálogo fluindo tranqüilamente, através de uma boa interação com a pesquisadora. O local da entrevista foi no consultório da professora.

A professora Raquel trabalhou como alfabetizadora, antes de se formar em Psicologia, na década de 1970, em outro estado, ressaltando que seu estágio curricular foi na área de Psicologia Escolar. Fez formação em outras áreas e doutorado em Psicologia do Desenvolvimento. Começou seu trabalho na UCG no final da década de 1970, logo após sua graduação; desenvolveu atividades nas áreas social e escolar, coordenou a clínica-escola do curso de Psicologia, ministrou diferentes disciplinas e supervisionou um grupo de estagiários em um programa de intervenção em uma escola pública de Goiânia.

Prestou assessoria a várias escolas em Goiânia, realizando palestras e cursos para pais e professores, o que eventualmente ainda faz. Além da universidade, sua principal área de atuação, atualmente, é a clínica.

* Prof.^a Raquel

Contexto: a conversa era sobre o trabalho desenvolvido pela professora na coordenação da clínica-escola do Departamento de Psicologia da UCG.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – você organizou palestras?	É...a Ivone Khoury nós trouxemos pra falar sobre Psicologia Escolar...então <i>a gente sempre estava tentando é fortalecer essa área aqui dentro da universidade e mostrar pros alunos o quanto é importante o aluno passar pela escola antes de ir pra clínica, né?</i> É eu... isso porque num sei se porque <i>a minha trajetória foi essa lá em Brasília, eu primeiro passei pela escola, fui alfabetizadora... desde de 17 anos de idade que eu gostava de alfabetizar, eu trabalhei com muitas crianças que eram regressas assim da...que vinha da escola regular, com queixas de dificuldades de aprendizagem, e eu comecei trabalhando como alfabetizadora...</i> então quando eu era estudante eu trabalhei, depois eu trabalhei em uma escola em Brasília como alfabetizadora, <i>depois eu fiz estágio na área escolar, então eu achava muito, acho até hoje muito interessante o aluno passar pela escola, porque é na escola que vai se configurar todo um universo mesmo da criança, da família...a questão do desenvolvimento como um todo, né?</i> Entender o desenvolvimento humano mesmo, não só é ... no nível cognitivo, mas emocional ... Etc...então...eu sempre tentei estimular os alunos pra isso ... Então a gente quando ia encaminhar os alunos pro pré-estágio, de tentar falar sobre área, eu cheguei uma vez a escrever um texto, baseado nesses autores da Psicologia Escolar, a Maria Helena Novaes, a ...é... Ivone Khoury, outros...pra dar pros alunos...pra explicar o que era a Psicologia Escolar...

Entrevista com a professora Amanda

Desde o convite para participar da pesquisa, a professora Amanda mostrou-se disponível em apresentar sua opinião sobre a formação em Psicologia Escolar na Universidade Católica de Goiás. A entrevista ocorreu em uma sala de coordenação do curso de Psicologia, com a professora transmitindo suas informações de maneira objetiva e rápida.

Enquanto cursava Psicologia na UCG, a professora Amanda dava aulas

particulares para alunos de 1.º e 2.º grau, mantendo contato com algumas escolas de Goiânia. Formou-se na primeira turma de Psicologia da universidade, em 1978. Realizou mestrado e doutorado nos Estados Unidos. Trabalhou na UCG em 1978, depois saiu para investir em sua formação, só retornando em 1999, quando coordenou a área de Psicologia Escolar. Atualmente é supervisora de estágio curricular na área clínica, docente do programa de mestrado e coordena um grupo de pesquisa em uma escola pública de Goiânia.

* Prof.^a Amanda

Contexto: a conversa era sobre a experiência profissional da professora, a qual relacionou a sua experiência na escola com a disciplina Psicologia Escolar que fez durante a formação na UCG.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – em escola...	<i>exato, desde os treze anos de idade...</i>
P – trabalhava na escola...	<i>eu dava aula particular pra crianças na casa dela, mas eu tinha contato direto com essa escola, eu tinha interação muito forte com professores de várias escolas de Goiânia, quando eu comecei o meu curso, né? já estava com meus 18 anos, eu já tinha uma experiência muito grande de trabalhar com as crianças, eu já tinha acesso nas escolas e durante todo o curso de psicologia foi esse trabalho que me ajudou a ... porque é caro esse curso e ...então eu já tinha assim, muita experiência e fiquei muito desapontada com a matéria, da forma que era dada...</i>
P – é ...não tinha...não ia pra escola...	<i>não...não...não tinha nenhum pedido nesse sentido, era extremamente teórico o curso e...quando eu dei o curso eu pedi observações das crianças dentro da escola, eu posso te dizer isso e conforme a gente dava a teoria, eu não me lembro mais qual o texto que eu usei, mas eu me lembro de pedir aos alunos pra fazer observações de comportamento das crianças dentro da escola, pra fazer análise dos cadernos, dos escritos que as crianças faziam, então tinha essa observação direta, não só do comportamento social dentro da escola, como do comportamento acadêmico também...</i>

Esses recortes mostram que essas professoras tiveram vivências que contribuíram para a construção de uma visão sobre a Educação anterior à aquisição do

conhecimento psicológico, fato que leva a pensar que a motivação para buscar na Psicologia fundamentos para compreender o processo ensino-aprendizagem não foi suscitada no curso de formação, mas veio de suas experiências pessoais.

O exercício realizado junto ao ensino fundamental, como professoras, possibilitou a aquisição de conhecimentos sobre a Educação; os quais não foram vivenciados no curso de Psicologia, mas que permitiram uma maior consciência sobre os limites da atuação do Psicólogo num contexto que é determinado por uma multiplicidade de fatores, os quais a formação não aborda.

Na Universidade Católica de Goiás e, de acordo com alguns estudos em outras universidades do país (YAZLLE, 1990; OLMOS, 1998), a formação do Psicólogo Escolar não contempla conhecimentos mais específicos do contexto educacional e do processo ensino-aprendizagem, contribuindo para uma ação a-crítica, no sentido em que se utiliza de teorias e técnicas psicológicas em um contexto em que não há familiaridade e conhecimentos suficientes.

Essa situação promove visões reducionistas que simplificam a complexidade das relações sociais presentes no processo de ensinar e aprender, relações estas que ocorrem em um grupo composto não só pelos alunos, mas também pelos professores, funcionários administrativos da escola, família e comunidade de maneira geral.

A partir dessa formação, a tendência é focalizar a atuação do Psicólogo Escolar em um fator isolado, desconsiderando a rede de relações que são estabelecidas, apoiada em ideologias existentes no contexto social e educacional, que atribuem o sucesso ou o fracasso escolar ora ao aluno, ora aos professores, ora ao sistema (SEVERINO, 1986).

Existem críticas sobre a atuação do Psicólogo Escolar, ressaltando sua pouca

contribuição para uma transformação significativa no contexto educacional, segundo MALUF (1992, p.172):

As opiniões divergem entre os que insistem em que a Psicologia, sendo uma ciência jovem, deve ainda aumentar seus conhecimentos, os que consideram que o nível de expectativa foi erradamente alto, dada a natureza do fenômeno educacional e suas implicações políticas, econômicas e ideológicas, e os que, sem negar totalmente os argumentos anteriores, reconhecem nas relações entre a Psicologia e a Educação um caráter excessivamente unidirecional da primeira sobre a segunda, o que teria impedido que a Psicologia conhecesse suficientemente os elementos próprios à ação educacional.

Assim, acredita-se que a formação do Psicólogo Escolar deveria incluir conhecimentos relacionados à Educação e suas características específicas, preparando o profissional para lidar com um contexto que apresenta um caráter multideterminado, não se restringindo somente ao estudo das teorias psicológicas aplicadas à prática educativa.

Pode-se pensar, a partir dessas informações, que o aluno que já possui algum conhecimento ou experiência no contexto educacional apresentará uma tendência a construir uma atuação mais consciente da necessidade de ampliar a visão acerca do processo educacional, não priorizando as patologias, mas elaborando projetos, juntamente com a equipe pedagógica, que objetivem qualificar o processo ensino-aprendizagem, investindo na saúde e na prevenção.

E por outro lado, conforme as contradições presentes num movimento dialético, tais conhecimentos em relação ao contexto educacional podem provocar uma falta de motivação por essa área, devido ao sentido dado pelo indivíduo às experiências vivenciadas. O que fica evidente nessa discussão é que o contato com a Educação, anterior à realização do curso de Psicologia, propicia uma visão diferenciada acerca das questões educacionais, ressaltando aspectos que não são abordados pela graduação.

No caso das professoras entrevistadas, foi possível perceber essa visão mais abrangente da Educação quando destacam a importância de o Psicólogo conhecer o fenômeno educacional.

Desvalorização da Educação e da Psicologia Escolar

Segundo OAKLAND e STEMBERG (1993, p.17), a valorização da Psicologia Escolar depende da situação sócio-econômica do país,

a realidade econômica de um país também afeta o crescimento da Psicologia Escolar, o nível de desenvolvimento é considerado mais alto nas nações industrializadas. A quantidade e a qualidade da Psicologia Escolar também são associadas com a quantidade e a qualidade do sistema educacional de um país. Qualidade nos serviços de Psicologia Escolar tende a existir em países que dão um alto valor à Educação e que têm um sistema educacional bem desenvolvido.

Sabe-se que o Brasil apresenta, na sua história, um descaso e desconsideração política para com seu sistema educacional, desde sua introdução no país pelos padres jesuítas, sempre apoiado em ideologias que privilegiam as classes dominantes, não se interessando em propiciar uma formação de qualidade para toda a população (RIBEIRO, 2000).

Nesse sentido, os investimentos na área educacional se dirigiram mais para a quantidade da oferta do que para a qualidade do ensino, atendendo a interesses políticos e desconsiderando, assim, também o investimento na qualidade da formação dos seus profissionais. No decorrer da história brasileira, os profissionais ligados à Educação foram sofrendo uma desvalorização gradativa de sua imagem, tanto na importância atribuída ao seu papel ligado à Educação quanto no aspecto financeiro.

E, atualmente, a sociedade demonstra uma atitude de desvalorização em relação aos profissionais que atuam na área; a qual se manifesta desde a escolha

profissional do estudante ao término do ensino médio, pois poucas famílias apóiam uma escolha voltada para as licenciaturas ou para a Educação.

Também na formação superior, pode-se deparar com professores que apresentam preconceitos em relação à licenciatura ou à Educação. Na discussão com as professoras entrevistadas, foi possível perceber tais situações, que podem ser analisadas nos recortes a seguir:

* Prof.^a Marta

Contexto: relato sobre um projeto que a professora fazia em uma escola pública, com alunos de Psicologia.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – fizeram um trabalho numa escola...	É...nós fomos numa escola que hoje não existe mais, que se chama Balão Vermelho, cujo direção era a T. e a T. era de São Paulo com uma visão de educação de cabeça muito aberta e... <i>nós começamos a fazer uma pesquisa mas aí... escola fechou, T. foi embora e o trabalho morreu...</i>
P – que pena...	<i>... mas como...como tudo, né...muito ligado à escola...</i>

Contexto: a conversa era sobre a formação em Psicologia Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – são muitos conhecimentos, né, para estar na escola...	sabe e aí...A., <i>eu percebo que tudo aquilo que você faz e está vinculado a educação que psicólogo faz ele visto como incapaz, pouco competente, o clínico, eu tenho até medo de falar essa palavra, freudiano é que ocupa o mais alto status, porque só quem é inteligente dá conta de ver Freud...</i> isto pelo menos vem mudando, tomara, depois os outros vão fazendo outra formação, agora <i>quem mexe com escola, quem faz orientação vocacional é “facinho”, eu acho isso muito estranho porque... é...eu ainda sou vista muito como orientadora vocacional, ah faz testes, né ?</i> agora tem momentos que eu sinto que tem pessoas que me procuram pra fazer o curso pra poder trabalhar, e quando começam a fazer o curso as pessoas constataam o quanto que elas tem que entender de adolescência, o quanto que elas tem

	<p>que entender de dinâmica de grupo, o quando que elas tem que entender de mercado de trabalho, de currículo escolar, que é muito diferente o currículo escolar e uma atuação profissional, então aí as pessoas quando falam “ah é só aplicar teste e tudo bem”, <i>então trabalhar na escola é fácil, sabe eu acho eu acredito se eu sou psicólogo clínico dentro de uma abordagem eu trabalho eu não quero diminuir não, mas é um trabalho que exige um conhecimento aprofundado daquele assunto, mas eu vejo que o psicólogo escolar ele tem que ter uma formação teórica</i> pra ter uma leitura de uma situação independente que seja psicanalítica, psicodramática, sistêmica, o que que ele quiser ter ter uma formação teórica, e eu vejo que a psicanálise ajuda muito na escola...tá...é...mas eu vejo que ele tem que ele tem que abrir os olhos dele, ele tem que ele tem que descortinar um horizonte infinito, e eu vejo que é <i>as pessoas lutam muito por é...mostrar que ser psicólogo escolar depende de muito esforço, muito investimento e a gente ganha muito pouco, então é como ser psicólogo comunitário, sabe eu vejo as duas áreas pobres da psicologia, é o psicólogo comunitário e o psicólogo escolar, porque o psicólogo clínico tá bem, o psicólogo que tá melhor é o organizacional e o hospitalar também tá bem, agora os primo pobre é o comunitário e o escolar, sabe...</i></p>
--	---

* Prof.^a Tânia

Contexto: a conversa era sobre a formação do Psicólogo Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – na formação...	<p><i>É... na formação...deveriam tirar o estigma que você faz o curso universitário pra ficar rico, pra ganhar dinheiro né... porque se for ver, quando entra na psicologia escolar porque...o a escola é muito desqualificada...o profissional também entra na mesma roda, então não vou optar por isso... por psicologia escolar, porque quer... não tem campo, não ... não tem campo porque os próprios...nós próprios não estamos investindo na escola enquanto processo de transformação social...porque o que tem de escola...se em cada escola tivesse um estagiário de psicologia que se apaixonasse pelo processo educação...porque quando eu fiz es...e... fui professora da penúltima turma...foi uma turma...foi a antepenúltima turma, foi uma turma muito sofrida, foi o primi...foi o primeiro semestre de obrigatoriedade, então eu tinha ali pessoas altamente resistentes...que nunca iam passar pela porta da escola, que nunca iriam entrar.. ser psicólogo escolar e que te...estavam obrigados a isso, e eu consegui que eles fossem e... mandei eles pro ... IEG, quer dizer escola pública, bagun...com aquela bagunça... bom eu falei agora...elas conseguiram perceber essas que disseram que nunca no final do semestre o depoimento das próprias alunas, que elas tinham tomaram...tiveram uma outra visão, quer dizer, apesar de todo aquele caos da educação, da escola, da..de..greve, de falta de professor e tal, elas perceberam da necessidade que aqueles educandos tinham de você oferecer alguma coisa mais, e teve algumas até fizeram</i></p>

	<p>interferência junto a professora, que não era o objetivo, o objetivo era ir e observar as salas de aula e depois sair e construir um projeto de psicologia escolar, com aquela realidade...e a gente levou a devolução, que dizer, aplicável ou não a gente levou...é ... <i>é... caótico é, porque eu acho que gente teria que oferecer isso a numa escola modelo, eu sou da opinião que se você mostra o melhor, depois você cria...faz criat...faz a c...usa a sua criatividade pra fazer o que não é tão bom...entende...então a gente não teve essa oportunidade de mostrar na es...que nas escolas...e...digo que a gente considera escolas modelo, escolas boas, não permitiu que os alunos pra não ter problemas, não sei o que, ah são alunas estagiárias, o que vão fazer como os meus alunos, da minha escola...</i></p>
--	--

Entrevista com a professora Matilde

Inicialmente a professora Matilde não se interessou pela pesquisa, considerando que não teria informações relevantes sobre a área, porque não trabalhou com a disciplina Psicologia Escolar, porém atuou como coordenadora de estágios na área escolar. Após uma breve conversa com a pesquisadora, se disponibilizou a participar. A entrevista ocorreu em uma sala de aula da UCG, com o estabelecimento de certa tranquilidade, apesar das interrupções sofridas por terceiros.

Essa professora graduou-se na primeira turma de Psicologia da UCG, em 1978 e, logo no ano seguinte, passou em concurso para docente nessa mesma universidade. Realizou especialização *lato sensu* e *stricto sensu* em outras áreas de conhecimento da Psicologia; desenvolve atividades na área clínica e da saúde e, além do trabalho como docente, supervisiona estágios na área clínica.

* Prof.^a Matilde

Contexto: a conversa era sobre a atuação da professora quando era coordenadora de estágio na área escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – você vai lá, entra em contato com a escola, abre o campo...	é...isso...é...sabe? então, tem que... <i>demanda um trabalho muito maior por exemplo do que qualquer outro tipo de coordenação que já existe uma estrutura, então veja que não existe essa estrutura ainda...é ... no meu ponto de vista....</i> pelo que era antes eu acho que então pelo que você tá falando não mudou. É ... <i>porque que existe psicólogo nas escolas, existe psicólogo nas escolas porque todas as vezes que coloca assim que a escola tem é... uma equipe x, é chique ter psicólogo na escola, então as pessoas vão e matriculam ali, então é um marketing...e eu não vi... ao longo desse tempo uma preocupação com o que o psicólogo vai fazer, é muito mais uma preocupação assim, tem um problema na mão do psicólogo, sabe?</i> e o no meu ponto de vista não funciona, né?

* Prof.^a Raquel

Contexto: a conversa era sobre a experiência profissional da professora.

PESQUISAORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – você então desenvolveu trabalho na área escolar em Goiânia, né?	bem depois...então assim, eu acho até que eu ganhei muito espaço em Goiânia, foi em função de toda essa de todo esse movimento meu ao redor das escolas, né? <i>Porque eu ia muito pras escolas, ia de graça, não cobrava, entendeu? ou cobrava pouquinho... não dava pra cobrar, né...</i>

Entrevista com a professora Sophia

Houve um interesse da professora Sophia em participar da pesquisa, ressaltando que não trabalhou diretamente com a área escolar, teve contato com estagiários dessa área quando coordenou a área de estágio da clínica-escola no curso de Psicologia. O contexto da entrevista foi tumultuado, cheio de interferências, pois ocorreu na sala de professores do Departamento de Psicologia, devido a dificuldades de encontrar um local mais adequado.

A professora Sophia formou-se em Psicologia na década de 1970, em outro

estado, onde também realizou seu mestrado. Foi efetivada na UCG em 1981 e desde então tem desenvolvido, junto com a docência, atividades nas coordenações do curso.

* Prof.^a Sophia

Contexto: a conversa era sobre a dificuldade que a professora teve para organizar um curso de especialização em Psicologia Escolar na UCG, devido a falta de inscrições.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
<p>P – agora eles não vão fazer de novo, né? Eu estava olhando a lista dos cursos de especialização e parece que eles desistiram...</p>	<p>é...porque...quer dizer assim, eu pessoalmente, não vi é...como ...é...ele tem receptividade, porque na minha compreensão o alunato aqui, já...depois do bacharelado é que poderia ser os clientes desse...desse curso...e aí esse pessoal, tem interesse, você pergunta eles querem, etc...mas não tem dinheiro...aí se esbarra na questão do dinheiro...<i>as pessoas que estão de fora, né? Que estão trabalhando...né? quem tá trabalhando em escola ganha pouco...também não tem dinheiro pra investir</i> e que o poder público e...e... outras organizações, sindicatos, que poderiam...né? estar subsidiando também não tão voltados...eles estão meio...é...o ...pessoal de escola...o sindicato...os patronal de escola...etc...eles tão enxergando a psicopedagogia como...</p>

É interessante destacar que as seis professoras entrevistadas desenvolvem, atualmente, atividades mais próximas da área clínica do que da área escolar; dedicando algumas horas da semana para seus consultórios e nenhuma para atividades ligadas diretamente à escola, além das atividades realizadas através da universidade, como as pesquisas e as supervisões ou, eventualmente, através de palestras para professores e pais.

Percebe-se que mesmo as professoras que estão envolvidas com a área escolar e que defendem a importância dos conhecimentos acerca da Educação, demonstram uma atitude resignada em relação à situação da Educação no país, afirmando que é interessante e necessário o trabalho do psicólogo nas escolas, mas também que é um trabalho difícil,

que exige mais investimento e dedicação do que a atuação em outras áreas e, em compensação, o retorno financeiro não é bom e nem há um reconhecimento profissional satisfatório.

Esse discurso pode provocar nos alunos, no mínimo, desconfiança em relação à área, pois provavelmente são pessoas que estão sedentas para se formar e começar a atuar, com expectativas de um bom retorno financeiro, características presentes em um país capitalista.

O discurso do professor sempre prevalece, por mais que se invista em estratégias motivadoras, propiciando ao aluno a construção de seus conhecimentos através de recursos criativos, articulando a teoria com atividades no campo. E esse discurso é permeado de valores que são mistificados nas bem estruturadas práticas pedagógicas (CHARLOT, 1986; LIBÂNEO, 2000), contribuindo para a construção de concepções sobre a atuação profissional.

De acordo com NOVAES (1996), a formação deve conscientizar o aluno de que a Psicologia, enquanto profissão, está em constante construção, como toda organização humana, e que a ação conjunta de seus profissionais pode propiciar mudanças significativas,

O Psicólogo Escolar deve ser um profissional, além de competente e versátil, habituado a fazer uma revisão sistemática e organizacional das mudanças que ocorrem, compreendendo que a participação de todos que trabalham em Educação é imprescindível ao processo de transformação social. A luta do Psicólogo pela autonomia e expansão de sua profissão, pelo progresso e avanço científico dessa área de conhecimento, pela melhoria das condições de trabalho e remuneração, além do reconhecimento social de suas competências, continuará mais intensa e diferenciada (ibidem, p.62).

Para conseguir motivar os alunos em relação ao desenvolvimento dessa

consciência, ou seja, de que enquanto participante ativo da construção da sociedade, pode-se contribuir com sua transformação, o professor deve, antes de tudo, ressignificar sua visão frente à Educação e a Psicologia Escolar, pois é necessário acreditar na validade dessa área.

Provavelmente, essa desvalorização atribuída ao trabalho na Educação é decorrente de vivências e conhecimentos sobre a situação do professor no ensino fundamental do país, que realmente é desvalorizado. Porém, questiona-se a falta de crença na capacidade de transformação dessa situação, a partir de ações efetivas, críticas e conscientes dos profissionais que se dedicam à área, afinal, acredita-se que o homem mantém uma relação dialética com o meio, promovendo transformações que afetam sua condição na sociedade.

Contradições entre o discurso e a prática dos professores da área escolar

A discussão sobre o papel do Psicólogo Escolar no Brasil, atualmente, apresenta-se polêmica e complexa, segundo MEIRA (2000, p.37), *“a análise da literatura disponível indica que no Brasil, a maneira como se conduziu o processo de atuação e produção de conhecimentos na área, tem sido alvo de sérias críticas que, principalmente, a partir da década de 80, têm se tornado cada vez mais contundentes.”*

A multiplicidade de visões de mundo, de homem e da própria Psicologia promoveu uma grande diversidade nas formas de atuação do Psicólogo Escolar a partir da elaboração de diferentes conceitos sobre a contribuição da Psicologia à Educação, sem considerar, com a devida importância, as características do contexto educacional.

A Psicologia Escolar, no decorrer de sua história, foi construída apoiada nas ideologias presentes, contribuindo para a manutenção da estrutura educacional e social

que privilegiava a classe dominante (PATTO, 1999), através de teorias e técnicas aplicadas em prol da adaptação do indivíduo ao meio.

O crescimento das críticas em relação à atuação do Psicólogo Escolar provocou questionamentos e buscas de alternativas, resultando no aumento da diversidade de concepções sobre o papel desse profissional, baseadas em diferentes linhas de pensamento.

Observa-se, em diferentes estudos (MALUF, 1992; ROSSI, 1996; Del PRETTE, 1996; YAZLLE, 1990; TANAMACHI, 2000), definições variadas sobre a Psicologia Escolar e a função do Psicólogo na escola, proporcionando questionamentos sobre a identidade desse profissional.

Pensando na formação acredita-se, que a partir dos objetivos estabelecidos nas ementas da disciplina Psicologia Escolar, cada professor pode direcionar o trabalho para um caminho diferente, de acordo com as concepções que possui, propiciando contradições dentro de um mesmo curso.

Nesse sentido, percebe-se a presença de atuações que remetem a concepções presentes na década de 1960, quando o Psicólogo Escolar focalizava o indivíduo com dificuldades de aprendizagem e apoiava-se na Psicometria, associadas a concepções atuais, que tentam considerar todo o contexto educacional e o processo ensino-aprendizagem, apoiadas em uma visão multidisciplinar.

Nas informações construídas durante as entrevistas com as professoras, observaram-se essas contradições acerca da Psicologia Escolar e da função do profissional, que podem ser vislumbradas nos recortes a seguir:

* Prof.^a Marta

Contexto: a conversa era sobre o projeto de intervenção desenvolvido com estagiárias de Psicologia em uma escola pública, sob a sua supervisão.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – como foi o trabalho...	<p>Entrou os estagiários, então quem tinha feito psicologia escolar comigo teve um grupo que quis fazer estágio em escolar, e lá vamos nós fazer... fazer o que, <i>eu li desesperadamente pra tentar fazer alguma coisa, o que nós começamos a fazer nós vimos que nós não podíamos atender a toda a escola, nós fizemos então...e a escola tinha três turnos matutino, vespertino e noturno, nós conseguimos atender os três turnos</i>, eu tinha estagiário ... que ficava de manhã, tinha estagiário que ficava à tarde, e tinha dois que duas vezes por semana ficava à noite, então eles alternavam, eles necessariamente não e todos os estagiários ficavam manhã, tarde e noite, mas em dias alternados, porque <i>eu acho isso foi um rico aprendizado pra todos, e eu tenho uma pessoa que até hoje fala, que ela aprendeu a fazer clínica na escola</i>, porque nós víamos três escolas bem diferentes, porque havia a diretora geral, mas as diretoras de turno eram três pessoas bem diferentes e nós trabalhávamos com as três diretoras de turno, com as professoras do matutino e vespertino, no noturno a gente via pessoa drogado drogada que às vezes entrava, pra conversar então à noite ficava um rapaz, eu tive um rapaz que fez estágio em escolar... e uma mulher já casada com filhos, então os dois sempre iam juntos, e quando entrava sempre os dois entravam juntos independente de atender homem ou mulher, pra evitar assédio sexual porque isso poderia ocorrer, e com isso nós fomos e nós começamos a trabalhar o seguinte, <i>nós reunimos com professores uma vez também por semana, ia a reunião de professor, nós começávamos a dar um tanto de orientação pra esses professores, em relação à disciplina, explicar um pouco de desenvolvimento...</i></p>

Contexto: ainda é a conversa sobre o projeto de intervenção em uma escola pública.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e o trabalho abrangia todos os funcionários da escola...	<p>...nós trabalhávamos com a escola assim...coma escola toda...eram em outros...<i>era ouvindo professor, orientando, às vezes orientando alunos em tudo...é...é...nós começamos a formar os professores, vice-diretor, diretor, coordenador...</i></p>
P – todo mundo...	<p><i>Secretaria... foi formando um grupo muito estreito...</i></p>

Contexto: a conversa era sobre a atuação do Psicólogo Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – é uma área mais difícil, né?	...acredito que o psicólogo... <i>o problema que o psicólogo escolar se submete muito a vontade da escola, eu acho que ele tinha que Ter... ele tinha que se considerar um pouco mais autônomo e dizer isso é coisa de psicomotricista e psicopedagogo, eu sou psicólogo da escola, ah não tem diferença nenhuma, eu falei: tem, o psicopedagogo ele tá trabalhando muito com as dificuldades da aprendizagem, ele tem que entender dos problemas da família e tudo, o psicomotricista também trabalha com desenvolvimento é com a questão da aprendizagem só que ele atua de uma série mais intensa na questão dos movimentos e eu vejo que o psicólogo escolar ele tem que trabalhar, o que eu acho básico no psicólogo escolar é conhecimento de grupo, conhecimento sabe da linha do grupo e tudo aquilo que lida com grupo, então ele deveria ter um conhecimento muito mais amplo de tudo todas as disciplinas que envolvem grupo, porque nós trabalhamos é com a escola, porque eu não sou psicopedagogo e nem psicomotricista, eu sou psicólogo escolar... escolar significa da escola, eu tenho que atender professor, eu tenho que atender direção, eu tenho que atender pais, eu tenho que atender... serventes, tenho que atender alunos...e sempre escutar todos os lados, nunca ficar com um lado só...né? então eu acho que falta na universidade um pouco disso, sabe é essa visão de um psicólogo escolar inserido num grupo, e não o psicólogo escolar que vai trabalhar cura, eu acho que o psicólogo escolar é uma pessoa... eu acho que a psicologia escolar tem um caráter eminentemente preventivo, enquanto psicopedagogia e psicomotricidade é mais um caráter curativo...</i>

* Prof.^a Tânia

Contexto: a conversa era sobre o que se deve propiciar na formação do Psicólogo Escolar e de que qualquer aluno do curso de Psicologia deveria ter contato com a escola.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – qualquer aluno né...	<i>qualquer aluno...de qualquer área, mas principalmente aqueles que opt... fazem opção de fazer psicologia escolar...que já é ...são pessoas que normalmente tem uma visão de educação...certo? como agora... mesmo sendo obrigatório, que dizer o aluno poderia ter uma outra oportunidade, porque aquilo que você faz numa escola, você pode fazer numa organização, você pode fazer numa clínica, você pode fazer num hospital...e o que você faz num hospital você não pode fazer numa escola,</i>

	<i> você não pode fazer na clínica, você não pode fazer na...né ...então eu acho que a recíproca não é verdadeira, o que você faz numa escola, você pode fazer em qualquer outra área, mas em qualquer outra área não dá pra fazer na escola...eu acho que faltaria isso, uma outra coisa mais...talvez... mostrar o outro lado, da importância do psicólogo escolar como educador, como elemento da escola que facilita o processo também de aprendizagem... isso deveria ser visto na formação...</i>
--	--

Contexto: a conversa era sobre o trabalho que a professora realizou como coordenadora de estágio da área escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P - ... na coordenação você abria campo, era...como que era o processo, era a escola que vinha e pedia o estagiário, ou era você que ia na escola...	<i> não os dois, das duas das duas formas...algumas escolas eu fui e abria, conversava com a diretora pessoalmente, mostrava a importância, dizia que o psicólogo escolar não é aquele que vai fazer clínica dentro da escola...a diferença de psicopedagogo, teve uma diretora de uma escola profissional que me disse assim: ah mas eu prefiro psicopedagogo, que são dois em um, psicopedagogo... entre o psicólogo escolar e o psicopedagogo, eu prefiro o psicopedagogo, então eu mostrei pra ela que não, que nossa formação é específica pra auxiliar nas questões de aprendizagem, nas questões de relacionamento interpessoal e que o psicopedagogo não tinha essa visão, e aí a gente abriu campo lá...né...ela falou olha então tá...então vamos começar, mas é...era...foi assim uma luta muito grande, porque até o próprio estagiário não...não se interessa muito ter um um... de realmente criar alguma coisa, ele quer alguma coisa pra ele copiar, ah tem o psicólogo então eu vou fazer que nem ele faz, ou então eu vou criticar...não é essa função, acho que é realmente...é...é desenvolver a capacidade da criatividade do psicólogo, principalmente na escola...e não como um um uma pessoa que tá lá pra derrubar outro ou que vai ser derrubado pelo outro...né...a ...o ... coletivismo...</i>

Contexto: a conversa era sobre a formação do Psicólogo Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – a visão que você trabalhava era...	<i> quando eu assumi a coordenação que a gente começou a trabalhar nesse sentido...de um profissional educador que faz parte do processo, todo o processo da escola, então ele não tem o poder, aí foi uma coisa, eu trabalhei muito com as meninas que o profissional psicólogo escolar é o...não tem poder dentro da escola, é aquele que tem que fazer parte mesmo da multidisciplinaridade, porque quando ele põe o poder, quando ele começa a por a vontade dele, ele perde na escola pros outros especialistas...</i>

* Prof.^a Matilde

Contexto: a conversa era sobre o trabalho que a professora desenvolveu como coordenadora de estágio da área escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e como era o trabalho com os estagiários...	Ah, eu lembro que teve uma turma que eu acompanhei mais de perto em uma escola... <i>lá os alunos faziam trabalhos com as crianças que eram estipuladas pela escola, mas um trabalho muito mais é, interativo, né, tipo elas numnum é, focalizavam só a questão do distúrbio da criança, mas em que circunstância, então falavam com a professora, era feito um programa assim no geral, no sentido de orientar as professoras que coisas que elas poderiam fazer na sala, para que eles pudessem aderir mais as atividades feitas lá e...na maioria das vezes eram feitas também sessões com, com os clientes indicados, porque a gente acabava não dando conta... porque era a expectativa da escola, sabe aquela história de você vamos fazer o que eles querem pra gente poder fazer o nosso trabalho ?</i>
P – como assim...	Funcionava muito nesse sentido, né? Então eram feitos trabalhos assim, vários trabalhos, <i>trabalhos com os professores, né? onde era dado noções de desenvolvimento, de porque que condutas desadaptativas emergem, né?</i> Que que tá mant é ...assim de certa forma predispondo a ocorrência daquele comportamento e mantendo, então eram feitos trabalhos desse tipo...
P – com famílias também você já faziam algum trabalho ?	faziam...só que eram muito mais (nesse momento alguém abriu a porta da sala, olhou pra nós e saiu) é, é, grupo, né? Era tipo assim...
P – reunião de pais?	é...muito mais, nas escolas sempre não tiveram aquelas reuniões de pais e tal ? então, <i>naquelas ocasiões que já eram agendadas aquelas, aqueles encontros com os pais, então a escola elegia tipo temas...</i>
P – hum...	<i>e eram feitos em termos de palestras... sabe?</i>

* Prof.^a Raquel

Contexto: a conversa era sobre o trabalho da professora na coordenação de estágio.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – você lembra se tinha procura... das escolas... procurarem a universidade...	muito pouco...
P – não tinha...	<i>as escolas eram a...assim...tinha uma resistência com e... com o Psicólogo Escolar, talvez exatamente por causa dessa desse trabalho clínico na escola, sabe? Então assim a expectativa da escola não era essa e e o psicólogo chegava pra fazer trabalho clínico ou às vezes o inverso, às vezes a expectativa da escola era esse atendimento clínico, então eu acho que tinha as duas coisas, eu não me lembro bem, não mas...eu me lembro da resistência, agora não sei exatamente porque que era não...</i>

Contexto: a conversa era sobre a forma de atuação do Psicólogo Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – trabalhava com professores?	<i>eu trabalhei muito com os professores, trabalhei muito com professores aqui em Goiânia, a questão é essa...foram muitos cursos... Programas e o pessoal era... estava sedento... de de coisas, de inovações, de orientações...ah me lembrei de uma outra escola...G.C....senão me engano as escolas M...e A...enfim, eu passei por várias dessas escolas, fazendo um trabalho assim, tentando passar essa visão...da Psicologia Escolar, sabe, da visão do desenvolvimento, da integração família-escola, essa coisa toda a gente tentou...(diminuiu a voz)</i>

Contexto: a conversa era sobre a formação do Psicólogo Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – como você acha que deve ser a formação do psicólogo escolar?	<i>assim...penso que todos os alunos deveriam passar pela prática...estar na escola...desenvolver programas com crianças com dificuldades, grupos com professores e família, onde possa articular toda a teoria vista no curso...(olhou no relógio) bem, acho que nosso tempo acabou...é um assunto tão interessante que a gente empolga, né?</i>

* Prof.^a Sophia

Contexto: a conversa era sobre a experiência profissional da professora.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – você já atuou na área escolar?	Não...eu nunca atuei como psicóloga escolar...é....
P – você já fez algum trabalho em escola...	propriamente dito...eu...é... implantei um serviço de psicologia em uma faculdade em ensino superior...
P – ah ... então...	né...não assim...não no sentido convencional, né? É ... <i>Um serviço da Psicologia Escolar, não pra fazer um trabalho com os professores...com é ...os coordenadores...na área de ensino...eu fiz um trabalho, é...na área clínica mesmo, porque o objetivo da da implantação do serviço naquela instituição era pra melhorar o relacionamento dos alunos...né...</i>
P – alunos...	a gente estava com uma preocupação com esse resultado na aprendizagem deles...é...e...
P – era atendimento...	é... <i>era um tipo de atendimento, um atendimento tipo individual, um atendimento em grupo para aqueles que tinham uma problemática que pudesse ser categorizada, mais homogênea, da mesma natureza...né...isso já há algum tempo... é que eu realizei esse trabalho... deve ter uns 4 ou 5 anos mais ou menos...</i>

Contexto: a conversa era sobre as alterações feitas na grade curricular de 1999, discutindo principalmente sobre a situação da disciplina Psicologia Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – humhum...	pra diminuir...né? pra diminuir....é na parte das áreas de atuação psicologia escolar, psicologia comunitária e etc...é...tentou preservar o que existia... né? Quer dizer assim, a mudança não foi do ponto de vista do conteúdo que oferecia na psicologia escolar, certo? Porque é... <i>o princípio é o seguinte na psicologia escolar deve-se oferecer uma visão teórico-prática da atuação do do profissional, do psicólogo escolar, e o psicólogo escolar saindo dessa visão clínica, né? Quer dizer você não vai fazer clínica na escola, né? Vai trabalhar todos os processos de aprendizagem, numa visão institucional, numa visão mais ampla... Com essa preocupação, mais a ... na verdade não se trabalhou muito conteúdo...</i>

* Prof.^a Amanda

Contexto: a conversa era sobre a formação do Psicólogo Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
<p>P – e...assim...eu queria saber como é que foi o seu trabalho, o que você percebeu trabalhando com escolar...</p>	<p>Eu... eu acho que...e...a primeira coisa que eu queria te falar, assim, é a minha opinião em relação ao papel do psicólogo na escola...<i>eu acho que a formação que o psicólogo tem aqui dentro na universidade... é de o psicólogo na escola não deve... fazer uma intervenção...ele deve acompanhar a escola e...seguir como ...talvez ...como assessor, mas não fazer intervenção, pelo menos essa é a impressão que eu tenho na conversa com outros professores da área...que ah...tem esse...essa ambiguidade em relação qual é o papel exato do professor dentro da escola...eu já acho que o professo...que o psicólogo dentro da escola deve atuar e fazer intervenção sim, tem gente que fala não deve fazer terapia na escola, mas ... o papel do psicólogo é de atuar em qualquer local onde a pessoa tem problemas de comportamento ou problemas emocionais...e na escola a gente vê com muita frequência crianças precisando demais de intervenção psicológica...problemas emocionais às vezes decorrentes de problemas familiares, mas muitas vezes decorrente do próprio ambiente escolar...</i></p>
<p>P - humhum....</p>	<p>... na forma como a matéria é ensinada, da forma como os professores lidam com as crianças, a ... pressão que eles encontram no relacionamento com os próprios colegas, a ...expectativas da família em relação ao desempenho acadêmico, e às vezes a criança não está sentido que e... está correspondendo à expectativa da família...então <i>a gente vê assim um campo muito muito rico pra intervenção do psicólogo, se você lê os livros tradicionais aqui de Psicologia Escolar, né? Ou Psicologia do Escolar, você vê que eles limitam muito o papel do psicólogo dentro da escola, e eu acho isso errado, eu acho que esses textos tem que ser revistos...</i></p>
<p>P – humhum...</p>	<p>inclusive eu estou escrevendo um texto, que vai ser uma parte de capítulo falando do papel do psicólogo na escola também, mas a minha posição já é diferente, <i>eu acho que o papel do psicólogo é intervir em qualquer lugar onde haja necessidade, eu acho que o ambiente escolar é propício sim, porque a intervenção deve ser feita onde os comportamentos ocorrem, onde os problemas ocorrem, se os problemas ocorrem na escola, a intervenção deve ser feita na escola...</i></p>
<p>P – quando você fala em intervenção, o que você pensa exatamente...</p>	<p><i>eu penso no tratamento realmente, no tratamento, eu...a minha abordagem é a abordagem comportamental e a gente faz intervenção analisando quais são as variáveis que influenciam o comportamento da pessoa, e você vai ajudar a pessoa a controlar essas variáveis que estão afetando o próprio comportamento, tá? Então no caso da criança quais as variáveis que estão influenciando o comportamento dessa criança, ou é o comportamento social, ou emocional dessa criança, por exemplo, se a criança está com baixa auto-estima devido a críticas do professor, ou devido a ao desempenho não ser adequado ao que é esperado dela...ou a problemas familiares...</i></p>

Contexto: a conversa era sobre um projeto de intervenção de Psicologia Escolar, que a professora supervisionou em uma escola pública.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – hum...	<i>porque eu tenho um projeto de pesquisa que é o desenvolvimento da leitura em crianças e...care...de famílias de nível sócio-econômico baixo, então eu pego alunos voluntários que é um modelo que importei lá dos Estados Unidos, que é muito frequentemente usado lá, alunos universitários, usados como tutores de alunos é... de ensino fundamental, e eu estou usando esse esquema, eles ...</i>
P – agora...	agora...nesse semestre...já.. acabei de apresentar o trabalho nos Estados Unidos, que foi o resultados dessa pesquisa e foi assim muito bem recebido, então meus alunos não são do estágio, não são da psi disciplina Psicologia Escolar, <i>mas basicamente eles atuam como psicólogo escolar ...</i>
P – senão me engano eu tive um aluno na disciplina...o L...	é o L. que era um deles, exatamente, tem...
P – eu lembro dele falar que fazia uma pesquisa na escola...	exato, o L. e o B. e tem a L. S., que é estagiária, é a minha estagiária e...
P – eu só conheci o L....	...pois é nós fizemos uma apresentação agora em... nos Estados Unidos do <i>trabalho deles, que foi nas escolas a ...a gente entrava na sala de aula, observa a criança dentro da sala de aula, uma hora por dia, por vários dias...</i>
P – uma criança...	uma crianc...às vezes eles tinha mais de uma criança...mas
P – mas não era a sala...	<i>não era a sala toda, eram crianças, quem os professores tinham identificado como crianças-problemas dentro da sala...</i>
P – que estavam com dificuldade...	<i>exatamente, eles entrevistavam o professor, procuravam saber quais eram as crianças que estavam mais atrasadas, em relação a ao à média da turma, né? E as crianças que tinha mais problemas de comportamentos sociais e acadêmicos, então nós pegamos essas crianças, assim que os professores estavam assim, desesperados e eles trabalhavam com essas crianças, é... tiravam a criança por períodos curtos da da sala de aula, no aluno, e voltavam a criança pra sala de aula e a gente ia fazendo observações, se haviam mudanças no comportamento da criança, então nos intervínhamos no comportamento acadêmico, pra ver que influencia que se tinha no comportamento social da criança na sala de aula, porque a gente viu o seguinte, a criança que não está entendendo nada do que o professor fala, ele tem uma tendência muito maior, claro, a ter problemas sociais, né? Aquela criança que grita, que anda o tempo todo, que faz macaquice, ou... né? Às vezes é o palhacinho da sala , e que... é muito agressivo, e no momento que você começa a ensinar didaticamente...a gente tem técnicas especiais pra ensinar, a gente usa os princípios da</i>

	<p><i>análise comportamental aplicada, pra ensinar habilidade especiais que eles precisam, pra recuperar o tempo perdido, né? E aí o comportamento inadequado diminui, né? Não precisa nem intervir diretamente no social, só de melhorar o desempenho acadêmico da criança, ajudar a criança a andar com as próprias pernas, vamos dizer assim... a criança já melhora o desempenho dela, o comportamento social, então fizeram essa pesquisa... e esse trabalho continua acontecendo, sabe? Então é uma forma do psicólogo atuar dentro da escola também, e identificar quais são as áreas acadêmicas que a criança tem mais dificuldade e fazer um programa de ensino programado, né? Um programa de ensino programado praticamente é um trabalho que você constrói o ... os exercícios, de forma que a criança possa desempenhar sem grandes dificuldades...</i></p>
--	---

A análise dessas informações mostra as contradições existentes dentro de um mesmo curso de Psicologia quando se define o papel do Psicólogo Escolar e, como ocorre uma apropriação dos discursos atuais, no sentido de que o profissional deve trabalhar o contexto educacional como um todo, considerando os seus determinantes sociais, culturais e econômicos, numa visão interdisciplinar. Considera-se apropriação de discurso, porque é usada uma argumentação a-crítica, que se contradiz ao descrever ações voltadas para o trabalho com o aluno com problemas de aprendizagem.

Em sua maior parte, as professoras concordam que não se deve fazer Psicologia clínica na escola, mas falta uma definição mais clara do que vem a ser isso, o que seria fazer clínica na escola? Pois, quando se diz que o Psicólogo Escolar deve “atender” alunos, professores, família, funcionários, o que significa essa ação, o que seria esse “atendimento”, qual seria seu objetivo e suas estratégias? Quando se diz que o aluno de Psicologia pode aprender a fazer clínica na escola, o que está sendo dito exatamente? Como é possível aprender a fazer clínica na escola, se o Psicólogo Escolar não faz clínica na escola?

Percebe-se confusões sobre o papel do Psicólogo em diferentes instituições, como escola, empresa, hospital e, em diferentes especializações, como Psicopedagogia e Psicomotricidade. Dessa forma, não fica definido qual é o papel do Psicólogo Escolar.

Discute-se a necessidade de se trabalhar com alunos, professores, família; porém, pode-se observar a presença de um sentimento de onipotência em relação ao Psicólogo, atribuindo-lhe o poder de orientar e formar todos os componentes da escola, como detentor de um saber que pode ajudar todos que não estão conseguindo realizar suas atividades com sucesso.

Um poder que esse profissional não tem, pois conhecer sobre o desenvolvimento humano, sobre testes psicológicos e teorias psicológicas sobre o homem, não lhe proporciona habilidade e competência suficientes para transformar, sozinho, um contexto tão complexo como o educacional. Apesar de sempre destacar a importância do trabalho interdisciplinar, algumas professoras insistem em afirmar que o Psicólogo deve orientar o trabalho de todos que compõem a escola.

Destaca-se que o Psicólogo Escolar deve ter autonomia para realizar seu trabalho sem ficar atendendo às expectativas da escola de resolver seus problemas; porém, percebe-se uma certa falta de conhecimento sobre a real expectativa da escola em relação a esse profissional. Fala-se o tempo todo do “lugar” da Psicologia, ou seja, da visão do Psicólogo, sem considerar a visão da escola e de seus profissionais ou de seus alunos e famílias.

Sendo importante ressaltar também a diversidade teórica presente nas informações, baseadas em diferentes visões de homem; nesse sentido, uma palavra, como intervenção, pode apresentar significados divergentes, de acordo com a abordagem adotada .

Considera-se que as discussões das professoras apresentam uma inquietação em relação ao papel do Psicólogo Escolar, demonstrando uma vontade de alcançar práticas alternativas, que consigam auxiliar a escola na otimização do processo ensino-

aprendizagem. Acredita-se na necessidade de se realizar trocas de idéias, discussões que promovam a construção de uma linha de trabalho.

Segundo TANAMACHI (2000, p. 82):

se considerarmos que a adoção de uma nova postura diante das questões educacionais exige do Psicólogo rupturas teórico-metodológicas e filosóficas que ainda não estão claramente resolvidas no interior da própria Psicologia como ciência, teremos necessariamente que submeter o movimento de crítica em Psicologia Escolar à crítica de si mesmo...

E esse movimento só poderá ocorrer a partir de momentos de reflexão e discussão acerca da visão de cada um sobre as competências reais do Psicólogo, buscando desmistificar o poder a ele atribuído, de “salvador da Pátria”, “detentor da verdade”, capacitado a resolver todos os problemas da escola.

Repensar o papel do Psicólogo Escolar, revendo conceitos e atuações, requer uma construção coletiva, de um grupo de profissionais dispostos a dialogar entre si, considerando a presença de diversidades teóricas e buscando formas que possibilitem essa construção, respeitando a postura de cada um.

Ideal de autonomia profissional

As críticas em relação a atuações equivocadas do Psicólogo na escola são abundantes; porém, as diferentes visões de homem afastam as discussões; de acordo com MEIRA (2000, p. 37), “*a complexidade do tema, bem como a frequente ausência de diálogo entre os que defendem as mais diferentes posições, tem dificultado o avanço do debate e propiciado terreno fértil para o apelo a soluções fáceis e aos discursos que nada dizem*”.

Muitos professores se “apegam” às teorias e à sua própria prática e se distanciam do contexto relacional em que estão inseridos, buscando um ideal de

autonomia profissional em que ficam imersos em seus projetos, tentando construir, sozinhos, uma prática e um conhecimento que só se efetivam na discussão de idéias e na troca de experiências a partir de uma ação coletiva. (CUPOLILLO, 2002).

As dificuldades na composição de grupos de discussão e de produção são frequentes, pois a Psicologia é a ciência da diversidade, permeada por visões e paradigmas diferentes e até contraditórios. Esses fatores não devem ser impeditivos dessa ação, ao contrário, devem motivar a busca de parceiros para a construção de um profissional crítico e consciente de sua função social.

Percebe-se, no Departamento de Psicologia da UCG, a falta de um grupo que discuta as questões relacionadas à Psicologia Escolar, buscando fundamentação teórica consistente e realizando a socialização de pesquisas no âmbito educacional que possibilite a produção de novos conhecimentos. Porém, acredita-se que já houve um avanço na formação do profissional, no sentido de considerar que o Psicólogo Escolar deve adquirir uma visão abrangente do contexto educacional, visando a uma atuação que considere o coletivo.

As informações construídas com as professoras entrevistadas dão sentido a essas questões, observando que, muitas vezes, o trabalho ocorre de forma isolada, com pouco apoio da universidade, além da crença dos professores de que podem desenvolver seus projetos isolados de um grupo, de acordo com uma autonomia que não gera produtividade.

* Prof.^a Marta

Contexto: a conversa era sobre quando a professora assumiu a disciplina Psicologia Escolar pela primeira vez.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P- e aí você assumiu a disciplina Psicologia Escolar...	Ela tinha acabado de assumir... a direção do departamento eu peguei uma disciplina que era PGE... e até Pesquisa, eu quase morro de ri quando penso que já dei trabalhei até com isso, e <i>aconteceu do P. que era professor de escolar é... tirar licença e se eu não me engano já haviam pedido pra duas professoras e nenhuma...é uma entrou em aula e não deu certo a outra foi no outro dia e não deu certo aí eu era a terceira pessoa que entrava nessa disciplina... escolar, então era o primeiro ano que eu trabalhava... na faculdade</i> ali, tava dando aula e me chamaram pra substituir um professor que tinha já tinha saído com licença é... médica e ... eles tinham... numa semana eles tinham tido dois professor então eu era o terceiro professor, <i>na época psicologia escolar era uma disciplina optativa, não fazia parte do currículo...</i> e a sala era grande... eu era assim... os alunos...teve alguns alunos que queriam me matar, e <i>quando eu vi, quer dizer eles tavam estudando com um livro texto era “As belas mentiras”...</i> eu sempre li sobre educação, por estar sempre ligada a escolas...

Contexto: a conversa continuava sobre a primeira experiência da professora com a disciplina Psicologia Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P- que texto é esse...	é um livro “As belas mentiras” é muito ligado à educação... é assim quer ver “são as mentiras que se contam a respeito de educação”
P- e como você fez...	e é... eu cheguei pros alunos eu... dizendo que eu sabia da irritação e tal... e que na próxima aula eu ia trazer o meu programa e tal... aí ... eu sei que <i>eu devo ter levado uns vinte livros aonde eles iam ter que fazer seminários, fazer pesquisa</i> , aí teve uns que se revoltaram duas vezes mais, né... mas o interessante é que eu tive outros alunos que ficaram muito depois vieram fazer estágio comigo porque ficaram muito encantados porque eles tava... <i>eles muito falaram que eu era a primeira pessoa a levar Paulo Freire para a escola, Paulo Freire e Madalena Freire, Madalena Freire, na época quando eu trabalhava com distúrbio de aprendizagem ...</i>

* Prof.^a Tânia

Contexto: a conversa era sobre quando a professora assumiu a disciplina Psicologia Escolar

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e a disciplina...	A disciplina eu peguei em... <i>eu dei essa disciplina como substituta quando eu tava na pedagogia ainda, só um semestre e depois agora.quando eu tava...porque eu tava com desenvolvimento I, quando foi na época do do T., eu que eu resolvi que eu... falei pra ele ah eu quero sair da lá do início do curso e quero ir pra ponta né ...ai eu falei eu quero pegar...eu tinha aproveitado a aula de psicologia escolar, ai eu fui dar...antes era só a Z. que dava eu fui dar...com a Z.</i>
P – era optativa...	Era optativa, o mas..aí a gente... eu eu enfoquei de uma outra forma do que os outros professores estavam enfocando...

* Prof.^a Matilde

Contexto: a conversa era sobre o trabalho da professora na UCG.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e você não trabalhava então com psicologia escolar?	<i>não, essa matéria não...</i>
P – e com a coordenação da área escolar do Cepsi? (clínica-escola)	<i>é...me convidaram para assumir essa coordenação e eu aceitei e o trabalho consistia em orientar alunos nessa área, os alunos deveriam cumprir 08 ou 10 horas com os coordenadores de área.</i>

Contexto: a conversa era sobre quando a professora quis deixar a coordenação da área escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – aí, você não quis mais...	ah, era questão de que depois mudou a política de de ter um número de horas x, e eu não tinha essas horas, então, na época quando eu fiquei, <i>eu fiquei muito mais assim, pra...servir até arrumar uma outra pessoa, (sorriso sem graça) sabe? porque como eu eu fiz estágio em em escola, e trabalhava em escola de excepcional, então estava sempre me dedicando a ler sobre esse assunto, então eles perguntaram se eu poderia tá ajudando nesse sentido, e eu me dispus, mas na verdade eu tinha só aquelas horas, e e era assim, eu sacrifiquei um horário meu, tipo, é é a gente ficava de... é 10:40 à 12:20,</i>

	<p>uma coisa assim, que não era um bom horário, os alunos reclamavam muito, mas era o único que eu tinha, sabe? então aí, eles falavam ah porque é... <i>duas horas por semana é muito pouco pra um coordenador, eu disse assim, não mas vocês se esqueceram que isso aí era só (sorriso) porque era o horário que eu tinha disponível, e e fiquei de vir, porque eu tinha os meus... eu tinha 8 horas e dessas 8 horas eu tinha os meus estagiários e tirava essas duas horas pra fazer a coordenação, sabe ?</i></p>
<p>P – os seus estagiários eram em escola ?</p>	<p><i>em clínica, em clínica, porque eu sou especialista é em clínica, né? Então aí, tinha assim, essa facilidade, porque aí a gente podia discutir muito a questão de que papel que é o psicólogo ali, né ? e dava pra ver claramente que era um outro papel, era era um trabalho que eu gostava de fazer, mas em função de que ... as atribuições, é...são bem maiores do que o tempo disponível que eu tinha, né? Então é também no sentido é que... aí no no outro semestre falaram ah aí então no próximo semestre não vai ser você, aí num dia eu estou lá, falaram oh mas você não veio pra reunião, ué mas eu ainda sou a coordenadora (sorrisos), eu até estranhei, não porque a gente ainda não conseguiu e tal, ainda não deu certo, ai eu lembro que eu ainda fiquei mais...</i></p>

Contexto: a conversa era sobre a formação do Psicólogo Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
<p>P – você falou que acha que é importante o psicólogo escolar ter conhecimento de desenvolvimento, de organizacional... o que você acha que a universidade tem feito...nisso, acha que tem conseguido dar essa formação toda...</p>	<p><i>eu eu acho...eu acho, que tem sim, agora o que eu acho que precisaria...é mais era justamente ter um coordenador que tivesse essa vivência... de escola, sabe? porque aí ele teria vivenciado, então ele congregaria os outros profissionais muito nesse sentido...sabe? eu vejo muito isso, por exemplo na época que eu fui coordenadora, eu fui estudar, eu não tinha esse esse conhecimento, então que eu fiz, eu não tenho tempo de ir ir... em biblioteca, nem nada e e eu tenho que ... é assim, estudando é nos pedacinhos, se é intervalo de aula eu estou estudando, então o que que eu fiz, fui em um livraria olhei tudo o que tinha disponível (sorrisos) sobre...</i></p>
<p>P – escolar...</p>	<p><i>é ...</i></p>
<p>P – psicologia escolar...</p>	<p><i>psicologia escolar, e comprei e comecei a estudar e aí de...e eu fui estudando junto com os alunos, eu separei todos aqueles textos, então eu lia previamente aqueles textos, preparava, e ia discutir com eles, e com isso eu aprendi muito com eles também, porque aí...</i></p>

P – você lembra qual a a... os autores da época ?	é a Ivone Khoury, a a Maria Helena
P – Novaes...	Novaes...eram esses os autores mesmo, a Geraldina Porto Witter é ...a a Eunice Soriano, deixa eu ver outros autores...
P – e você foi estudando...	é aí, eu fui estudando, sabe foi isso que que foi feito, então eu penso que <i>o interessante era uma pessoa que tivesse uma especialização alguma coisa voltada pra essa área, né? Porque aí tá muito mais em dia com as pesquisas que são feitas, que linha de pesquisa que é interessante pra aquela área em particular, né?</i> Eu vejo muito nesse sentido...
P – assim esses conhecimentos podem ser passados pro aluno, né?	CM – é...
P – então você acha importante um coordenador experiente na área...	é e aí quando é no momento do estágio, é o momento dele...é fazer toda essa...essa coordenação de idéias, né, então <i>se tem um supervisor lá no campo, que já tem essas idéias clara, já desenvolve esse tipo de trabalho, tem um coordenador que também pode dar esse suporte, né, então eu acho que ... funcionaria muito nesse sentido, né... sentido de um uma continuidade né, ensino, pesquisa, extensão...</i> eu vejo que seria essa a ...
P – não é bem isso que acontece...	não... <i>porque acaba ficando assim, quem dá aula de psicologia do escolar, não trabalha na escola, né? O profissional que tá lá não teve essa formação acadêmica, então também tem... parece que tem uma fragmentação muito grande, eu a minha impressão é essa, sabe? Quem tá lá na pesquisa por exemplo, em extensão, é...num dá pra você fazer um trabalho amplo, tá trabalhando com um aspecto, como por exemplo, ou trabalha com desenvolvimento, ou trabalha com metodologia, sabe? Então alguém que pudesse é...ter esse tempo, né? Pra fazer até isso que você tá fazendo, o levantamento de uma história, como que sempre funcionou, que funcionou, que num funciona, que medidas podem ser é...tomadas né? No sentido de dar otimizando mesmo a prática, né? desse profissional dentro da escola, que eu falo que é o que o o os psicopedagogos alertaram e começaram a fazer e quando os profissionais da psicologia abriram os olhos, eles já tinham perdido o campo lá...</i>

* Prof.^a Raquel

Contexto: a conversa era sobre um trabalho de pesquisa que a professora fazia em uma escola e quando o trabalho não teve como guardar o material de registro, porque não tinha espaço na universidade.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – pra universidade...	pra universidade, mas na época a gente não tinha um relacionamento com o Copc que você tá falando, né? A gente não tinha nenhum tipo de vínculo, <i>inclusive na época eu me lembro, isso é importante registrar, tinha uma política forte contra esse trabalho nosso, lá na escola</i> , então talvez tenha sido por isso que a gente num num pensou em levar pra universidade, <i>não tinha espaço pra Psicologia Escolar na Católica, é uma vergonha falar isso, mas história é história e a gente tem que contar, eu me lembro que a briga era pra não me dar carga horária pra fazer esse trabalho...</i>
P – hum...	<i>na na lá na escola, eu me lembro de uma reunião de congregação, em que era votado esse tipo de coisa, e ninguém entendia que trabalho era esse, e que era um absurdo eu sair de dentro da universidade e ir pro campo, fazer trabalho com os alunos, então isso foi... é eles queriam vetar e eu me lembro que quem sustentou isso foi o R., o o ex-padre R. né? Então ele é que era ...né? a pessoa que acabava... defendendo, mas mas tinha uma corrente contra esse tipo de coisa, porque as pessoas não entendiam o que que a gente ia fazer, que era um absurdo fazer um estágio na escola...</i>

* Prof.^a Sophia

Contexto: a conversa era sobre a exigência de se ter um Psicólogo no campo para que possa ocorrer estágio

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – esse é um problema em Goiânia, não é não?	é, eu acho grave esse problema, uma coisa bastante difícil, e no meu entendimento, <i>eu acho que a universidade e o conselho de psicologia, porque essa exigência de ter um psicólogo no campo, é uma exigência do conselho, né? Não é tanto acadêmica, mas é do conselho, deveria flexibilizar, e a universidade é...bancar esse supervisor naqueles campos que fossem de interesse dela... Campos de escola de periferia, escola... É...que atende uma clientela carente, né? Porque a universidade tinha... tem essa... preocupação é...</i>
P – com o social...	<i>com o social, né? Então eu acho que ela teria que bancar...pagar o supervisor sim, entendeu? Não que fosse assim uma...estratégia, um mecanismo ideal, mas um mecanismo provisório...né? sobretudo no momento em que a demanda é grande, por exemplo, o o departamento vai tá enfrentando, e vai enfrentar essa situação nos próximos semestres, uma demanda muito grande, vagas pra estágio...</i>

Contexto: continuação da conversa sobre os campos de estágio em Psicologia Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e isso implica em abertura de mercado de trabalho, né?	<i>e isso aí, quer dizer assim, estaria abrindo né? Porque na medida que numa instituição você desenvolve um trabalho e o trabalho é... tem sucesso...o campo...a tendência do campo é assumir esse profissional sem dúvida nenhuma... então universidade estaria contribuindo aí pra abrir diversos campos de trabalho, eu acho que se ela não fizer isso não vai conseguir...é...colocar todo mundo...</i>

Contexto: a discussão era sobre a área escolar, os professores que trabalham com essa área.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – do curso todo...	<i>É...do curso todo...das disciplinas e etc, né? É...faltou um grupo de professores que pudessem estar nucleando, né? Porque veja mesmo os professores que deram a disciplina na história... Eles não se mantiveram, eles foram cuidar de outras áreas, de outros interesses... E isso traz um prejuízo muito grande pra instituição, né? Porque quando você administra você percebe isso (sorrisos) ...quando a gente é...só enquanto professor, faz aquilo que você é... gosta e atende seus interesses, sem olhar a necessidade da instituição...mas quem é que mostra a necessidade da instituição é quem administra, é quem governa, é quem né? É quem deve estar sinalizando...</i>
P – tem a visão do todo...	<i>tem a visão do todo, é quem deve estar sinalizando, então como a ...as administrações do departamento, quer dizer assim, elas se primam mais...pelo administrativo, por dar conta de responder ao cotidiano da universidade...né? quer dizer assim, sem uma preocupação acadêmico, pedagógico...da questão, né? Então o professor ela dá a sua aula, e você não sabe enquanto coordenadora, como é que ele dá essa aula, que tipo de prova ele aplica, é que metodologia ele tá aplicando... você sabe que ele tá fazendo alguma coisa lá...mas você não num...avalia isso, não reconstrói esse trabalho, não planeja, né? Então eu vejo que a administração é é... do departamento principalmente a psicologia, responde mais a apelos administrativos, né? Aquilo que a universidade como um todo deve cumprir...</i>

Contexto: continuação da conversa sobre a área escolar na UCG.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – essa área...	<i>de maneira consistente...porque a gente também não pode dizer que não existiu, né? Existiu, né? Só que ela foi é... feita de uma maneira bastante frágil, leve...né? sem muito consistência...e...e mesmo do ponto de vista teórico e prático...não porque num...não há necessidade, há...há uma grande necessidade, mas falta políticas, né? Bem claras, bem definidas...para poder atingir...</i>

* Prof.^a Amanda

Contexto: a conversa era sobre quando a professora assumiu a coordenação de estágio na área escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e como foi...	<i>...er...foi só um semestre que eu trabalhei nessa coordenação, porque depois eu passei pro mestrado, né? Aí Já comecei a dar aula aqui no mestrado, eu peguei alunos de mestrado, então eu só fiquei realmente... parte de um semestre nessa posição, porque assim que eu cheguei do Estados Unidos, eu tinha... voltado em agosto e em setembro eu de...comecei a ser coordenadora pra cumprir a carga horária até começar a dar aula no mestrado no semestre seguinte, então... foi mais pra aliviar a Débora um pouco também, porque ela tava muito sobrecarregada...então eu trabalhei, é claro que eu ajudei, né? Mas não teve assim...quando eu comecei quem já tinha tido dificuldades pra achar campo por exemplo, a Débora já tinha ajudado, já tinha achado, eu já peguei o bonde andando... e...</i>
P – no finalzinho do semestre...teve solicitação de escolas...de ligarem...	<i>hum...não...porque aí já passaram pra próxima pessoa, você tá entendendo? Porque já tinha indicação...porque eu só fiquei eu entrei justamente com a finalidade de ficar lá só aquele semestre...então quem já...ia precisar de alguma coisa, já foi encaminhado pra próxima pessoa que ... que viria depois de mim, que na verdade eu não sei quem é...então é... eu realmente não tenho muita informação pra te dar e...</i>

Contexto: a conversa era sobre a formação do Psicólogo Escolar

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – hum hum...	<i>mas o papel do psicólogo é identificar o que que pode ser feito dentro da escola, o que que não pode ser feito ...alguém... realmente, eu acho que tem assim, um leque bem amplo de possibilidades...mas eu acredito que o que está atrapalhando é realmente, textos é... inadequados que são dados no treinamento do psicólogo aqui dentro da universidade e fora também, não é só aqui na Universidade Católica, eu acredito que ess...essa mística tem que ser destruída, ela tem que ser reformulada, sabe? Tem que ser mudada, e o psicólogo tem que ver que realmente ele tem um poder de atuação muito grande, e ele não deve aceitar essa limitação...sabe?</i>

A partir da observação dessas informações, pode-se pensar que realmente não existiu ou existe um grupo se dedicando à área escolar, pois um professor foi substituindo

outro, por acaso, sem um verdadeiro envolvimento e trabalhando de forma isolada, negando o trabalho dos professores anteriores, desconsiderando que o conhecimento é construído coletivamente.

Parece que quando havia troca de professores na disciplina Psicologia Escolar, ou mesmo na coordenação de estágios da área, não havia troca de informações entre os docentes; portanto, não havia continuidade do trabalho que estava sendo desenvolvido, recomeçando-o sempre.

As críticas realizadas sobre o trabalho do professor anterior ocorriam a partir de uma determinada visão e abordagem teórica, dificultando, assim, atingir consensos. Acredita-se que os grupos de profissionais se organizavam e se organizam a partir de uma abordagem e não pela área de conhecimento e atuação, ampliando as divergências em relação à construção de uma área específica.

Em alguns casos, especificamente das professoras Matilde e Amanda, não havia nem interesse em estar coordenando a área, mas, por falta de outra pessoa, ou mesmo para cumprir a carga horária, aceitaram a responsabilidade, mesmo atuando em outra área. Dessa forma, não há mesmo motivação do docente em realizar estudos e discussões mais sistematizadas e aprofundadas sobre a Psicologia Escolar.

Na seleção de professores para a disciplina Psicologia Escolar, percebe-se falta de critérios relacionados à construção dessa área, como no caso das professoras Marta e Tânia, que assumiram a cadeira por acaso; sorte que tinham experiência na área. Esses casos são relacionados a professores efetivos; questiona-se como será a seleção de professores convidados, que ficam por apenas um ano e, muitas vezes, são recém-formados, não possuindo ainda experiência no campo, contando apenas com os conhecimentos adquiridos no curso.

Nessa situação é possível ponderar que os critérios de seleção de professores para uma determinada disciplina atendem a questões administrativas, de preenchimento do cargo, independente do envolvimento e comprometimento do profissional com a área em questão. (CUPOLILLO, 2002).

A preocupação com o corpo docente é imprescindível para a qualidade da formação profissional. Conforme o Plano Nacional de Graduação (UCG, 1999, p.21), elaborado no XII Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras:

A concretização das propostas deste Plano requer um novo perfil docente. Este docente terá, necessariamente, formação científica na sua área de conhecimento o que requer, na maior parte dos casos, pós-graduação *stricto sensu*, preferentemente no nível do doutorado, com permanente atualização. Ele precisa dar conta do complexo processo histórico de constituição de sua área. Como corolário destes domínios, este docente terá ampla e crítica compreensão dos métodos que produziram o conhecimento acumulado, de modo a introduzir todo aluno aos fundamentos e aos métodos que produziram e produzem aquela ciência específica.

Dentro dessa perspectiva, elaborada em 1999, por reitores de todo o país, pensa-se na necessidade de rever a situação e os critérios adotados pela UCG e, especificamente, pelo Departamento de Psicologia, para a distribuição de suas disciplinas. Sabe-se que a seleção de professores é criteriosa, o que se questiona é a forma como são distribuídas as disciplinas entre os profissionais, já que a Psicologia compreende uma série de áreas que exigem conhecimentos específicos.

Mesmo sabendo que a proposta do curso de Psicologia não é formar especialistas, acredita-se que as disciplinas que se referem a algumas áreas específicas de conhecimento e atuação, como a Psicologia Escolar, a Comunitária, a Hospitalar, dentre outras, devem ser trabalhadas por profissionais que possuam alguma especialização específica ou, pelo menos, que desenvolvam atividades na área. Pois, assim, será possível

trabalhar uma visão geral da área, sem correr o risco de fazer reducionismos, desvalorizando conhecimentos importantes e promovendo contradições em relação a conceitos fundamentais.

O trabalho desenvolvido na área de Psicologia Escolar, na Universidade Católica de Goiás, tem se caracterizado por projetos isolados, de professores também isolados, de forma fragmentada, sem continuidade de um projeto para outro. Como diz a professora Sophia, a área sempre existiu, porém sem alguém ou um grupo para nucleá-la, ou seja, representá-la e realizar “pontes” com outras áreas e outros profissionais; pois as atuações têm sido periódicas, no sentido de que enquanto o professor está com a disciplina ou a coordenação, ele desenvolve projetos e se envolve na defesa da área. Porém, ao mudar de área, deixa todo o trabalho para trás, sem que apareça outro professor para lhe dar continuidade.

Observa-se que a participação de grande parte dos alunos nesse contexto é passiva, cujo interesse de estar se construindo como profissional restringe-se à solicitação de um certificado que legitime a sua atuação profissional, não contribuindo para a construção do curso, através de uma postura crítica, fundamentada em estudos que ampliem sua visão de homem e da própria Psicologia. (CUPOLILLO, 2002).

Baseado na experiência da pesquisadora como professora-convidada do Departamento de Psicologia da UCG, tem-se percebido, nos dois últimos anos, uma postura mais crítica do aluno em relação à equipe docente, porém de forma confusa e contraditória; alicerçado em visões equivocadas do processo ensino-aprendizagem e do seu papel de aluno e do professor, além de, muitas vezes, estar embasado em críticas relacionadas à abordagem teórica, havendo um desrespeito para com os diferentes autores da Psicologia.

Acredita-se que é preciso repensar a relação entre os alunos, os professores e o Departamento, buscando alternativas que respeitem as necessidades de cada um, mas que priorizem a qualidade da formação que está sendo proporcionada aos futuros Psicólogos.

E a área de estágios em Psicologia Escolar apresenta-se frágil, com diversidades de atuação e pouca oferta para o estudante. A universidade precisa pensar em uma política de estágios que ofereça espaço para os alunos, uma formação sólida e de qualidade e, principalmente, que contribua para a abertura de mercado de trabalho. Essa é uma função social da universidade. Afinal, qual o sentido de um curso universitário, cuja profissão não possui espaço na sociedade?

O estágio curricular é um momento privilegiado para que se possa desenvolver trabalhos nesse sentido; pois é quando o aluno aproxima o conhecimento desenvolvido na academia com a dimensão social, segundo NOVAES (1992, p. 15): “*o lugar acadêmico é, sem dúvida, importante, pois garante uma formação mais sólida e consistente, mas o espaço da prática é imprescindível, a fim de poder contextualizar o saber adquirido em campo, interpretar situações diferenciadas e lidar com variados problemas e dificuldades.*”

Dessa forma, a universidade deveria proporcionar aos alunos mais oportunidades de contato com o campo, articulando teoria e prática constantemente, e não se restringir ao estágio curricular que ocorre no final do curso. Além de trabalhar em função da legitimação da profissão na sociedade, juntamente com seus profissionais, a universidade pode atender a comunidades, através de projetos e programas sociais, não se configurando apenas como instituição de ensino, pesquisa e extensão.

Muito se poderia discutir a partir das informações construídas nas entrevistas com as professoras que contribuíram para essa reflexão, ao se

disponibilizarem em dialogar sobre suas experiências, expondo suas opiniões para o debate de idéias. É uma discussão com o intuito de promover a abertura de reflexões sobre a necessidade de se repensar a atuação da universidade na formação do Psicólogo Escolar, não no sentido de criticá-la levemente, ou mesmo apontar soluções “mágicas” para as dificuldades.

O investimento da universidade deveria ser no sentido de formar grupos, dentro do corpo docente e discente, que se comprometessem com a construção de uma área que é tradicional no país, mas que vem passando por momentos de questionamentos, necessitando de estudos e pesquisas que embasem a formação de um Psicólogo preparado para lidar com a complexidade do contexto educacional brasileiro.

A presente pesquisa se propôs a buscar uma maior compreensão da construção do Psicólogo Escolar a partir dos processos de formação e atuação profissional. Até o momento, foram discutidas características da formação propiciada pelo curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, através da análise de sua dinâmica curricular, abrangendo as grades curriculares, as ementas da disciplina Psicologia Escolar e da ação de seus professores.

Em seguida, serão analisados alguns aspectos da atuação, a partir da participação de profissionais que se graduaram na Universidade Católica de Goiás e estão atuando no contexto educacional goianiense.

3.4 – CONVERSANDO COM AS PSICÓLOGAS ESCOLARES

As discussões proporcionadas pelos indicadores levantados no decorrer do processo da pesquisa fundamentaram a produção de conhecimentos sobre a formação do

Psicólogo Escolar, ampliando a compreensão acerca do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás.

Nesse momento, surgiu a necessidade de conhecer profissionais que passaram por essa formação, com o intuito de compreender o tipo de atuação que foi construída a partir das experiências vivenciadas na universidade. Para isso, foram contatados três Psicólogas Escolares através de entrevistas, e dez profissionais através de um debate sobre a Psicologia Escolar. A discussão das entrevistas será feita nesse capítulo, e do debate, no capítulo seguinte, para uma melhor organização das informações.

As informações construídas nesses momentos propiciaram o levantamento de uma grande variedade de indicadores sobre os processos de formação e atuação do Psicólogo Escolar e, devido à complexidade desse tema, tentou-se trabalhar com zonas de sentido que possibilitassem a produção de conhecimentos sobre o fenômeno estudado, buscando uma relação com os contextos sociais presentes no país, associados à prática em Psicologia no espaço educacional.

Segundo MALUF (2001, p. 65), *“É preciso reconhecer que a Psicologia convive, neste início de um novo século, com paradigmas diversos inspirados por diferentes concepções do real”*, e o profissional que lida com o fenômeno educacional ainda se depara com questionamentos e mudanças significativas em relação ao papel de formação do cidadão, que é delegado à Educação. O contexto social e o educacional estão vivendo momentos de transição, de mudanças de paradigmas e o Psicólogo Escolar deve se preparar para lidar com essa situação e com as diferentes visões que permeiam tais contextos.

Os cursos de Psicologia deveriam propiciar ao seu aluno oportunidades para o desenvolvimento de uma visão mais crítica em relação à formação recebida, questionando

os conhecimentos abordados e as estratégias utilizadas, identificando as concepções de homem que fundamentam o trabalho. Uma visão que deveria ser estimulada pelo corpo docente da instituição formadora. Porém, sabe-se que isso ainda não ocorre sistematicamente e a formação é alcançada, muitas vezes, de forma alienada, sem que o futuro Psicólogo domine conteúdos fundamentais para a sua prática.

Considera-se que a formação é alienada, no sentido de que poucos alunos têm consciência da concepção de homem e de mundo em que fundamentará sua atuação. Discutindo especificamente a situação do Psicólogo Escolar, percebe-se que muitos não compreendem o seu real papel no contexto educacional, preocupando-se com o conhecimento de técnicas e não refletindo sobre concepções teórico-metodológicas que devem alicerçar sua atuação.

A situação da Educação no país é complicada e cheia de dificuldades, exigindo de seus profissionais, além do preparo teórico e técnico, disponibilidade para se engajarem em um processo de reconstrução, de acordo com GUZZO (2001, p. 33), *“para se pensar nas formas de intervenção do psicólogo, neste contexto, é imprescindível que se tome como posição e papel profissional a idéia de que os homens não são puros espectadores da história, mas seus atores, de que mudar esta realidade é difícil, mas possível!”*

Uma forma de participar dessa reconstrução, é desenvolver estudos que tentem compreender a situação, para então se traçar estratégias de ação. Assim, a proposta dessa discussão é conhecer a situação dos profissionais que estão atuando na área escolar e vivenciaram a formação propiciada pela Universidade Católica de Goiás. Dentre os diferentes caminhos apontados pelos indicadores, foram selecionados dois aspectos para serem abordados, compostos por zonas de sentido que possibilitaram a construção de duas categorias:

1. a contribuição da formação para a construção da identidade do Psicólogo Escolar,
2. as incertezas que permeiam a prática do Psicólogo no contexto educacional.

A contribuição da formação para a construção da identidade do Psicólogo Escolar

Observa-se que o processo de formação profissional é construído pelas experiências do indivíduo, desenvolvendo competências e habilidades, apoiadas na aquisição de conhecimentos e técnicas específicos à sua área de formação. O indivíduo participa ativamente desse processo com todas as suas dimensões: cognitiva, afetiva, biológica, sócio-cultural, histórica e, inserido em diferentes contextos relacionais, acreditando que é constituído em suas relações sociais (VYGOTSKY_1, 2000).

Portanto, não é possível pensar em uma formação profissional somente a partir da dimensão cognitiva do indivíduo e dos conhecimentos teórico-metodológicos propiciados pelos cursos formadores. Deve-se levar em conta a história pessoal do aluno, a relação que é estabelecida com as experiências de aprendizagem e a expectativa criada a respeito da profissão desejada.

Refletindo sobre a história pessoal, observa-se que muitas pessoas interessadas na área escolar já vivenciaram algum tipo de experiência profissional no contexto educacional antes de concluir o curso de Psicologia. Esse indicador foi levantado nas informações produzidas a partir das entrevistas com as professoras da área escolar. E também foi observado nas entrevistas com as Psicólogas Escolares, que podem ser vislumbrados nos recortes a seguir.

Entrevista com a Psicóloga Thais*

O convite para participar da pesquisa ocorreu via telefone, quando a Psicóloga atendeu prontamente, mostrando-se interessada pelo assunto, logo em seguida marcou um encontro na escola. Porém, no dia marcado, a Psicóloga chegou atrasada, pois havia se esquecido da entrevista.

Após uma nova apresentação da pesquisa, a psicóloga Thais se disponibilizou a participar, relatando que já desenvolvia o trabalho de Psicologia Escolar naquela escola há aproximadamente nove anos. É uma escola particular; a qual oferece cursos de Educação Infantil ao Ensino Médio, em um bairro nobre da cidade. Ocorreu uma conversa breve que não foi possível registrar. E foi marcada uma outra entrevista para dali uma semana, pois a Psicóloga estava com horário marcado com uns pais de alunos da escola.

No segundo encontro, a Psicóloga estava pronta para receber a pesquisadora. A entrevista ocorreu de forma tranquila, com boa interação e o diálogo fluindo naturalmente, quando relatou sobre sua formação e experiência profissional.

A Psicóloga realizou sua formação na Universidade Católica de Goiás, em 1987, fez estágio na área hospitalar, trabalhando com grupos de mães adolescentes. Kursou especialização *lato sensu* em Psicopedagogia na mesma universidade e formação em Psicodrama, com alguns profissionais da área. Além da atividade desenvolvida na escola, desenvolve trabalho na área do trânsito em Goiânia.

* Psicóloga Thais

Contexto: a conversa, nesse momento, girava em torno da formação

* Serão utilizados nomes fictícios para identificar os sujeitos participantes. Antes dos recortes, será feita a identificação dos sujeitos e a apresentação do contexto da entrevista.

universitária da Psicóloga, discutindo as contribuições que esta trouxe para sua atuação na escola.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – então ...então foi uma etapa difícil Porque era ali (universidade) que você tinha que tá vendo alguma coisa, né...	era na graduação...e a minha angústia era que: eu não quero ser psicanalista! E a a universidade ela é tendenciosa mesmo...eu não queria ser psicanalista, eu não queria tá no behaviorismo...eu tinha o L. como a ...a ... o meu salvavidas, mais ou menos assim, mas não era nada disso, né? <i>eu já tinha muito interesse por escola, porque eu já estava em sala de aula como professora, quando eu entrei pra fazer psicologia, né? E...e tenho muito prazer em estar atuando nessa área...</i>
P – lá você não fez nenhuma pesquisa...nada nessa área...	não...não tinha... não tinha não...aí muitos come...eu fiz...no hospital, e eu acabei caindo no hospital...
P – sei...	N – tentava escapar de tudo que é coisa, assim...clínica...vem aqui pra atender...não, não quero...vem aplicar teste...não, eu não quero...não, então...então vem pra cá, né...então vem pros Cais...era os Ciams na época, não era isso ainda... <i>e eu fui pro hospital, onde eu poder...onde eu...tinha a oportunidade de trabalhar um pouco com a escolar, que eu acreditava, que era na prevenção...fazendo reunião com mães...né?</i> com aquelas mães que já iam...que já iam ter... os filhos pela primeira vez, mães de adolescentes...aí eu me encontrei um pouco, porque eu fiquei um pouco no Hospital Araujo Jorge, com a A. K., mas ainda não era...isso que eu tava buscando né? <i>Eu buscava escolar...e eu não tinha onde...</i>

Entrevista com as Psicólogas Valéria e Sônia

As psicólogas Valéria e Sônia atuam em uma escola pública de Goiânia, associada à Polícia Militar e, quando foram convidadas para participar da pesquisa, via telefone, atenderam com disponibilidade. A psicóloga Valéria é a coordenadora do Serviço de Psicologia da escola e ficou responsável por marcar a entrevista, convidando as outras Psicólogas da equipe para participarem dela.

No dia marcado, encontravam-se à espera da pesquisadora as psicólogas Valéria e Sônia, que haviam se esquecido de convidar a outra profissional do grupo.

Assim, a entrevista ocorreu com as duas profissionais de forma tranqüila e com boa interação, acontecendo uma discussão envolvente e rica sobre a Psicologia Escolar. As profissionais se mostraram disponíveis para reflexão, isto é, interessadas em conhecer mais sobre a área, solicitaram, inclusive, a contribuição da pesquisadora nesse sentido, após a realização da pesquisa. Queixaram-se muito sobre a dificuldade de realizar trocas com outros profissionais da área.

A psicóloga Valéria formou na Universidade Católica de Goiás, em 1987, fez estágio I na área clínica, desenvolvendo atividades com crianças com problemas de aprendizagem; e estágio II em seleção de pessoal; os dois foram apoiados na abordagem comportamental. Dedicou-se em tempo integral ao trabalho na escola.

A graduação da psicóloga Sônia também foi na UCG, em 1995, quando fez estágio curricular na área clínica, trabalhando numa equipe multidisciplinar, com alunos encaminhados por escolas públicas, com problemas de aprendizagem. Fez especialização *lato sensu* em Planejamento Educacional e atualmente cursa especialização em Psicologia Escolar. Seu tempo também é dedicado exclusivamente para a escola.

* Psicóloga Sônia

Contexto: a conversa, nesse momento, era sobre a formação das psicólogas.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – Sônia e você, como foi sua formação...	<i>Sônia – (sorrisos) Bom...eu me formei em 95/1...né...em julho de 95 e desde de 94 eu já trabalhava em escola, como professora e...no ano passado, não...foi em ...90...00, foi no ano passado...né...em julho do ano passado, desde janeiro do ano passado eu estava tentando vim pra cá, eu soube que aqui tinha psicólogas e do interesse da escola, né...por outros psicólogos, porque eu já estava em escola, né...já sabia da necessidade, já conhecia a dinâmica de professores, aluno...do aluno com a escola toda, né.. e resolvi me ingressar na Psicologia Escolar (sorrisos) apesar de que, os meus estágios não eram em Escolar, né...porque a universidade, você bem sabe, que até pouco tempo atrás não existia, Psicologia Escolar.</i>

	<i>dentro da universidade...</i>
P – você fez estágio na clínica...	<i>Sônia – eu fiz estágio na clínica...e...em hospital...e clínica...(sorrisos)...</i>
P – junto...	<i>Sônia – não, eu fiz um ano em hospital, depois eu fiz seis meses em clínica...eu fiquei um ano em clínica, né...porque eu fiz seis meses pela universidade, venceu o meu estágio pela universidade eu ainda fiquei seis meses na instituição que eu trabalhava...mas nessa instituição que eu trabalhava com clínica, atendia-se alunos, de escola pública...era na Água Viva, e lá...é...faziam um trabalho multidisciplinar, né...então lá tinha pedagogo, psiquiatra, psicólogo, prof. de educação física, fonoaudiólogo...né...então fazia um trabalho multidisciplinar lá dentro...então parece que foi me enfeitando essa coisa, né...pela escolar, e eu fui descobrindo realmente a área que eu queria atuar né...eu fiz uma pós-graduação, mas na área escolar, né...fiz Planejamento Educacional...e agora me inscrevi lá nesse curso, né...que nem sei que vai sair...(especialização em Psicologia Escolar)</i>

Na realização das entrevistas, percebeu-se que as Psicólogas, inicialmente, apresentaram um desinteresse para com a pesquisa, pois a Psicóloga Thais esqueceu-se da entrevista marcada e a Psicóloga Valéria esqueceu-se de convidar toda a equipe de Psicologia da escola para o encontro com a pesquisadora, como havia sido combinado. Tal fato pode mostrar que não deram muita importância à pesquisa, talvez pela falta de hábito de discutir essas questões ou mesmo de participar de momentos onde seja possível discutir a formação do Psicólogo Escolar.

Porém, no decorrer das entrevistas, as Psicólogas foram demonstrando interesse pelo assunto, envolvendo-se na discussão e revelando preocupação com a situação do Psicólogo Escolar. A Psicóloga Thais expôs seu trabalho com entusiasmo, mostrando como foi construindo sua prática; e as Psicólogas Valéria e Sônia apresentaram curiosidade em saber como está sendo desenvolvida a prática do Psicólogo Escolar em outros espaços.

O interesse das profissionais em discutir a atuação do Psicólogo Escolar propiciou um diálogo rico, o qual possibilitou a construção de informações acerca do

desenvolvimento da atuação do profissional a partir da formação recebida e da experiência vivenciada no contexto educacional.

Conversando com as psicólogas, pôde-se ponderar que a experiência profissional que tiveram junto à Educação motivou o interesse pela área escolar, motivação esta que sobreviveu ao curso de Psicologia; pois, além de não fornecer uma preparação adequada para atuar nesse contexto, o curso ainda prioriza outras áreas, não oferece estágio curricular suficiente, dificultando, assim, o interesse do aluno pela Psicologia Escolar.

Acredita-se que, nesses casos, as relações estabelecidas durante a experiência que tiveram como professoras do ensino fundamental contribuíram para o surgimento do desejo de estar atuando no contexto educacional, provocando interesse em compreender como o conhecimento psicológico pode auxiliar no processo ensino-aprendizagem. Desejo este que esteve presente também na escolha do curso de especialização, pois as três Psicólogas buscaram cursos que estavam, de alguma forma, relacionados com a Educação.

E mesmo fazendo estágio em outras áreas, porque acreditavam que não existia estágio na área escolar, essas profissionais se preocupavam com as dificuldades de aprendizagem e com o desenvolvimento do indivíduo. Apesar de confundirem os espaços de atuação, pois, quando a Psicóloga Thais diz que ao trabalhar no hospital pôde atender seu desejo de atuar na área escolar, apresenta um equívoco em relação ao papel do Psicólogo Escolar.

Percebem-se dificuldades na forma em que o curso de Psicologia na UCG está organizado; pois, de acordo com as informações analisadas anteriormente, a área escolar sempre ofereceu estágios e esteve apoiada pela disciplina Psicologia Escolar, desde sua

primeira grade curricular. Além da existência de alguns projetos de intervenção, supervisionados pelas professoras que participaram dessa pesquisa. Porém, parece que as psicólogas Thais e Sônia não sabiam disso, não tinham informação sobre a existência dessa área.

Questiona-se como os professores do Departamento interagem, se ocorriam trocas de informações entre eles. E, atualmente, como será que ocorre essa interação em um Departamento que excede o número de cem (100) professores.

E como era divulgada a área de Psicologia Escolar e quais critérios eram utilizados para a seleção de alunos para o estágio curricular e para compor a equipe que participava dos projetos de intervenção em escolas públicas.

Nesse sentido, chama a atenção o fato de que a disciplina Psicologia Escolar, durante treze anos, foi optativa, além de ser ministrada por professores que não tinham um envolvimento intenso e efetivo com a Educação; pois, do contrário, poderiam ser os divulgadores das atividades desenvolvidas e os “conquistadores” de adeptos para o crescimento da área, organizando grupos produtivos.

Além dessas dificuldades encontradas no curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, sabe-se que a formação do Psicólogo Escolar é permeada por dificuldades, segundo ALMEIDA (2001, p. 44),

a formação acadêmica em psicologia escolar é, de forma geral, considerada inadequada e não priorizada na grade curricular; parece dominar, ainda, o consenso de que há uma dicotomia entre teoria e prática; os estágios são realizados nas mais diferentes abordagens teórico-metodológicas e visando a objetivos muitas vezes descontextualizados da realidade sociocultural...

Os indicadores levantados até o momento também evidenciam essa realidade e,

de acordo com as informações construídas com as Psicólogas Escolares, podem-se observar alguns aspectos específicos que contribuem para essa situação.

* Psicóloga Thais

Contexto: a conversa ocorria sobre a formação da Psicóloga.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – Como foi a sua formação, o que você viu dessa área lá na faculdade...	Tá certo... <i>na escola, na universidade eu não vi nada, a única coisa que eu estudei lá era psicanálise mesmo, foi Freud mesmo, né</i> , eu comecei a me interessar por escola, porque eu era professora de jardim da infância, que chamava na época, que é a educação infantil hoje, então eu não tin, <i>não tive preparação nenhuma, eu lembro que tinha uma disciplina que chamava psicologia escolar, eu acho que era o P. que dava, eu não lembro direito como professor, mas que era assim optativa, vc fazia opc, era opcional né? E eu me lembro que eu fiz, mas ai nós ficamos estudando meio que Paulo Freire, assim uma coisa bem mais voltada para a Pedagogia do que propriamente para a atuação do psicólogo, então não me acrescentou...então quando foi ...a eu devia estar mais ou menos no no na metade do meu curso, eu acredito que estava já no quarto período...</i>
P – você começou o curso em...	o ano? Eu comecei em 82 e terminei em em 87 eu coleí grau...né
P – e foi nesse período que você fez a disciplina psicologia escolar...	foi...nesse período desse cur...eu fiz uma disciplina lá na universidade, mas que <i>era opcional, é...mais créditos...</i>
P – já ouvi falar muito nesse Prof. P., mas não conheço...	é ...foi com ele que eu fiz, né...então <i>ele tinha uma experiência de escola, mas uma visão, uma visão mais politizada, essa questão da escola, escola para todos, uma coisa assim bem Paulo Freire, na época nós vimos isso, que também foi muito importante pra tá entrando né? Mas não que me auxiliasse na minha atuação como psicóloga...na minha atuação a única coisa que eu vi mesmo foi quando a ... os testes que eu aprendi em TAP...então eu venho com esses testes, eu aplico os testes, só...</i>
P – a licenciatura não te ajudou...	N – <i>em absolutamente nada, nada... a licenciatura não me ajudou</i> porque, porque eu fui pra uma escola na época eu acho que a prof. ^a chamava C., não me lembro, M. C., uma coisa assim, e nós fomos pegar sala de aula na escola dela, que era a escola M. B., e <i>lá assumia uma sala de aula, meio ...assim, acho que pra ver nossa atuação lá dentro, mas...mas desenvolvendo um tema dentro da na época de Moral e Cívica, é...confundindo também nosso</i>

	<i>papel dentro da escola, né...então eu não fiz nada.. eu fui aprendendo...</i>
P – e as disciplinas de desenvolvimento... ajudou um pouco...	de... <i>desenvolvimento me ajudou mas muito pouco...é...porque nós não estávamos trabalhando com a questão da aprendizagem, não houve muito essa questão da aprendizagem...então assim me ajudou muito pouco, então assim, dava pra mim avaliar essa criança...ela está com esse comportamento...esse comportamento é esperado no desenvolvimento, isso não é esperado, mas assim, ele me preparou muito pouco, porque...desenvolvimento I eu fiquei trabalhando até um ano de vida, e muito em cima de Melanie Klein, o tempo inteiro em cima de Melanie Klein, não que eu tenha nada contra a teoria, é...mas ela até dava fundamentação teórica boa, né...mas não dá prática legal, tá...então tem uma teoria que...que acredita que é um processo, que é dessa forma...que acontece o desenvolvimento, tá... dentro da psicanálise e assim a gente sai preparada dessa forma entendeu? E psicopatologia nada...muito fraco, que era a psicopatologia I e II, mas ainda muito fraco, que nós também encontramos muita psicopatologia dentro da escola, né? Com os funcionários, pais e alunos...então eu não fui...a universidade ela não me preparou, não me preparou...</i>

Contexto: a conversa era sobre a atuação da Psicóloga na escola, no seu dia-a-dia, então ela mencionou a contribuição de sua formação para essa prática.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e como é o psicodiagnóstico que você falou que faz...ainda faz?	faço...o meu psicodiagnóstico é... é meio psicopedagógico... porque...é...porque...eu comecei com psicodiagnóstico na escola, porque era o que eu tinha mais segurança...porque a Prof.^a P. que ensinava e eu aprendi muito bem... né...então eu estudei muito, ela fez a gente estudar muito e aprender...mesmo...então...ficou muito forte pra mim...então e... na psicopedagogia eu tive a oportunidade de ver uma avaliação cognitiva...que eu não sabia muito bem fazer, porque eu não tinha aprendido...e aí aqui eu faço meio psicopedagógico , que é...isso...um HTP, um teste de nível de conhecimento, né...trabalho com as pranchas também...é aquele papel de cartas...o ... o carro de moça ... algumas delas eu utilizo...sempre que necessário, pra que a gente possa chegar...né...a o perfil mais próximo do aluno, com o único objetivo...de poder ajudar...de prestar o melhor atendimento, só...com esse objetivo...e...alguns dados é... neurológicos, né... com o bender... para que eu possa encaminhar pra M. G. B., eu gosto muito dela, foi minha professora né...então eu encaminho...porque tá tendo muito agora para encaixar os alunos com problemas...com problemas...especiais... a inclusão... então em alguns momentos eu preciso, até fazer... porque às vezes o aluno vem sem nada...sem nenhum...nenhum diagnóstico... nem nada e tem a suspeita de que tem alguma coisa...então às vezes eu utilizo...

* Psicóloga Valéria

Contexto: a conversa era sobre a formação da Psicóloga na UCG.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – porque você formou em 95...	<i>Valéria – o meu foi totalmente diferente...para parte de escolar principalmente...é...Psicologia Escolar eu tive uma matéria...o nome do prof. era P...</i>
P – Prof. P....	<i>Valéria – um alto, grisalho...</i>
P – eu não conheci ele não...é de nome...muitos já falaram dele...	<i>Valéria – então...passou algumas visitas em algumas escolas, a gente ia conversava com o diretor, alguma coisa assim...a gente via brevemente alguma coisa, nada sistematizado...</i>
P – vocês lembram o que estudaram, que livros leram...	<i>Valéria – nossa....eu joguei fora um dia desses as minhas apostilas...</i>
P – um autor... específico...	<i>Valéria – Paulo Freire...</i>
P – esse ninguém esquece...	<i>Valéria – é...(sorrisos)...a minha referência dele é essa...eu tinha muita coisa xerocada lá em casa....</i>

Contexto: a conversa era sobre a preparação, na UCG, para a área escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – Valéria, e você, o que acha que o curso de graduação te ajudou...	<i>Valéria – nadinha... a escolar...pelo contrário outras áreas que deram essa condição para nós estarmos aqui...principalmente área clínica e infantil...</i>
P – o que mais...	<i>Valéria – os testes....PGE....</i>
P – vocês fizeram alguma formação...de alguma linha...	<i>Valéria – não...eu tenho estado mais próxima da comportamental cognitiva...por meio...da minha terapia...que é...</i>

* Psicóloga Sônia

Contexto: a conversa era sobre a formação na UCG.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – mas...na graduação o que vocês lembram de Psicologia Escolar	<i>Sônia – no meu curso acho que teve um pouco mais coisa do que no curso da Valéria, né...eu fiz...a licenciatura, né...as didáticas e todas aquelas coisas...e na minha didática a gente..., nós fizemos um pequeno estágio numa creche onde a gente ia toda semana, tinha que apresentar plano de aula, todas aquelas coisas, né...e fiz também Psicologia Escolar, porque no meu currículo tinha, Psicologia Escolar, onde tinha oportunidade de fazer um trabalho, mais ou menos esse que vocês fazem hoje, né...de fazer uma diagnose, observava toda a dinâmica da escola</i>

Contexto: conversa sobre o que a Psicóloga estudou na disciplina Psicologia Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e você Sônia, lembra o que a prof. ^a M. trabalhava na disciplina?	<i>Sônia – é...bem...ela trabalhava muito a Maria Helena Novaes, porque ela formou em SP, né...então ela...</i>
P – então ela trouxe a Novaes, né...	<i>Sônia – é...</i>

Contexto: em outro momento da conversa, volta-se a discussão sobre a formação recebida na UCG.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – Sônia mudando um pouquinho... o que você acha...fora a disciplina Psicologia Escolar ...o que você acha que seu curso te ajudou aqui, no seu dia-a-dia, o que você acha que católica favoreceu o seu trabalho...	<i>Sônia – o meu curso favoreceu pra minha atuação na escola...eu acho que a não ser a Psicologia Escolar...nada (risos)...se não fosse o tempo em que eu estive atuando em uma escola, que eu convivi dentro de uma escola, eu não me habilitaria, não tem nada, né...não oferece nada...né...porque a Católica de certa forma, forma é ... os alunos pra clínica...</i>

Outra questão a ser levantada é a visão fragmentada que as profissionais apresentaram em relação ao conhecimento psicológico, não articulando teoria e prática,

ou melhor, não conseguindo basear sua atuação nas teorias assimiladas no curso, dizendo que o mesmo não as ajudou em nada. Mas será que poderiam estar atuando em uma escola, fazendo o que fazem, se não tivessem feito o curso? Com certeza, algum conhecimento foi adquirido, resta desenvolver habilidade para articulá-lo à sua prática.

Observa-se que as Psicólogas ressaltam que os conhecimentos e técnicas que utilizam para apoiar sua atuação advêm de disciplinas que focalizam o indivíduo, desvinculados de um contexto sócio-histórico, como a Psicometria, a Psicologia Geral e Experimental, a Psicopatologia e o Psicodiagnóstico. Tais conhecimentos apóiam uma atuação que também focaliza o indivíduo, quando fazem diagnósticos e atendimentos individuais dentro da escola, visando a uma melhor adaptação ao meio.

Os conhecimentos proporcionados pelas disciplinas da licenciatura, da Psicologia do Desenvolvimento e da própria Psicologia Escolar, em relação aos contextos sociais, culturais e educacionais, são desconsiderados, o que dificulta realmente uma atuação mais voltada para o coletivo e as relações humanas que permeiam o processo ensino-aprendizagem.

Apenas a psicóloga Sônia destacou o fato de ter aproveitado bastante os conhecimentos adquiridos em Psicologia Escolar e na licenciatura, fazendo somente uma crítica, no sentido de que a universidade prepara seu aluno para a área clínica.

Parece que a busca das profissionais, para atuar no contexto educacional, é de técnicas/receitas que facilitem a atuação, a partir de uma visão reducionista e linear do processo ensino-aprendizagem. São reverenciados os conhecimentos relacionados à prática, como os testes psicológicos, desvinculando-os da teoria, como se isso fosse possível. Uma discussão propiciada por textos de Paulo Freire, por exemplo, representa

uma perda de tempo, pois não percebem a relação entre as políticas educacionais e a ação da escola no desenvolvimento do indivíduo.

Até o conhecimento propiciado pela disciplina Psicologia do Desenvolvimento, com teorias acerca do desenvolvimento do ser humano, é visto sob o ângulo de avaliação do indivíduo, como diz a Psicóloga Thais, esse conhecimento a auxilia na avaliação do comportamento do aluno. A concepção que fundamenta sua atuação é focalizada no indivíduo que aprende, desconsiderando que essa aprendizagem ocorre inserida em diferentes contextos, a partir de experiências relacionais.

Pode-se dizer que no curso de Psicologia da UCG faltam alguns conhecimentos necessários à atuação do profissional no contexto escolar; porém, é necessário concordar com o fato de que muitos conteúdos trabalhados no curso fazem parte da formação geral do Psicólogo, sendo um equívoco descartar tudo. As Psicólogas apresentaram algumas contradições em relação à visão de homem que fundamenta sua prática e o discurso sobre o papel do Psicólogo Escolar, atribuindo à universidade falhas no processo de formação.

Existe uma concepção de que a responsabilidade pela formação profissional é muito mais da universidade do que de cada aluno; entretanto, considerando que esse processo é construído com a participação de todos, também cabe ao aluno responsabilidades nesse processo, como um investimento pessoal em estudos que fortaleçam seus conhecimentos, para que possa questionar e argumentar em prol de um curso mais qualificado.

Quando foi questionado à Psicóloga Valéria, por exemplo, sobre o que estudou na disciplina Psicologia Escolar, ela se lembrou que tinha jogado as apostilas no lixo, e a

Psicóloga Thais ponderou que as leituras sobre Paulo Freire foram desnecessárias para sua atuação na escola. Nessa situação, percebe-se que faltou um pouco mais de envolvimento do aluno no seu processo de aprendizagem, desmerecendo o conhecimento trabalhado.

Verifica-se que ocorre um movimento forte de atribuição de poder e responsabilidade aos professores do curso em relação à formação do aluno. Durante o diálogo com as Psicólogas, nos momentos em que a conversa girou em torno da formação propiciada no curso, foram citados nomes de professores, relacionando o vínculo construído entre aluno e professor e o sucesso da aprendizagem. Evidenciando a importância da relação professor-aluno, do valor do papel do professor e a falta de grupos produtivos, pois eram citados nomes isolados, sem referência a grupos.

Dentro desse sistema, com pouco envolvimento do aluno, atribuição de total responsabilidade ao corpo docente e à universidade, além da falta de um grupo comprometido com a área, acredita-se que ocorre desmotivação de todos os lados.

Em relação ao curso, pode-se dizer que a grade curricular não auxilia na formação do Psicólogo Escolar, pois só oferece uma disciplina específica da área, os campos de estágio são restritos e faltam grupos produtivos de alunos e professores. Além de possuir um investimento na área clínica, através de um maior número de disciplinas que enfocam o indivíduo e suas patologias.

Em relação ao corpo docente, percebe-se que ora são profissionais que não estão envolvidos diretamente com a Educação, ora são professores que se desmotivam pela grande resistência a ser enfrentada com os alunos em relação à área. Além da presença de um grande número de professores que são convidados; portanto, passam pelo

Departamento de Psicologia temporariamente, dificultando seu envolvimento em projetos duradouros.

E em relação aos alunos, acredita-se que são levados nessa sequência de fatores complicadores que desvalorizam a área. Além do fato de participarem de um sistema educacional, desde o ensino fundamental, que propicia uma formação “massificada”, ou seja, o investimento é feito na quantidade de conteúdos transmitidos e não na qualidade. De forma que os alunos estudam para alcançar uma nota específica, sem a consciência de sua preparação enquanto profissional. Situação que também promove desmotivação em relação ao estudo.

É necessário desenvolver uma maior consciência sobre o papel de cada um na sua própria formação, fazendo questionamentos sobre o curso realizado e tomando também a iniciativa de buscar conhecimentos dentro do curso e fora dele, senão o indivíduo se imobiliza numa situação de queixa constante e não consegue atingir transformações significativas em prol de seu crescimento profissional.

Percebe-se que esses profissionais, após a graduação, fizeram cursos de especialização em áreas próximas da Educação, como a Psicopedagogia e o Planejamento Educacional, porém parece que não conseguiram se satisfazer, já que continuam buscando alternativas de formação e atuação. Essa situação pode ser observada nos diálogos a seguir:

* Psicóloga Thais

Contexto: a pesquisadora e a Psicóloga estavam conversando sobre a formação posterior na área escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e esse tempo, <i>Thais</i> , você diz que fez o curso de Psicopedagogia...	<i>fiz o curso de Psicopedagogia...</i>
P – e acrescentou...	<i>não, não me acrescentou...Psicopedagogia não me acrescentou em...em absolutamente nada, né... porque...é...os autores que eu disse pra você que eu precisava...de estar esperando em relação a Vigotski (pronúncia errada), Bakhtin, Wallon, eu tinha estudado...então lá é um ano e meio de curso, então ele dá uma pincelada em tudo, inclusive na psicopatologia, né...então...não acrescentou, não veio me ajudar em nada na escola, sinceramente não...e também eu tava no psicodrama...e...o psicodrama sim, me acrescentou, me ajudou a trabalhar com as relações...com a questão dos grupos, fazer a leitura de um grupo...com o sociograma, né...fazer um teste sociométrico...então o psicodrama me auxiliou tremendamente... na escola...e é porque é...é uma...uma linha que... eu me identifico muito...né...por isso que ele me ajudou também...</i>

Contexto: em outro momento da entrevista, voltou a discussão sobre o investimento da Psicóloga em estudos na área escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – <i>Thais</i> , esse tempo que você está aqui... você leu alguma coisa de Psicologia Escolar? Maria Helena Novaes...	<i>nada...absolutamente nada...</i>
P – nem com o Prof. P. você leu sobre psicologia escolar...	<i>Não...o Prof. P. dava os textos para a gente trabalhar, mas em educação.....não li mesmo, de verdade... foi assim, a medida que eu vou sentindo eu ia pra supervisão, com a minha terapeuta, com o psicodrama, aí eu dividia a minha angústia...</i>

* Psicóloga Valéria

Contexto: a conversa era sobre o curso de especialização feito pela Psicóloga.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e a psicopedagogia te ajudou... te deu suporte...	<i>Valéria – me deu...a ... a notar alguma coisa mais...que...eu tava tentando entender por onde a psicopedagogia vai...pra possibilitar esse...lembra de eu te falar que ela tem um olhar diferente? Pra algo assim...do aprender....né...contribuiu com leituras diferentes...complementares... que ajudou a entender o funcionamento do outro, o raciocínio do outro.. .cognitivo...eu aproveitei muito, na prática...eu fiz estágio na área clínica, com problemas de criança, com problemas de aprendizagem...foi com o M....o estágio II foi na área de seleção...eu comecei a fazer estágio é ... no 3.º ano de faculdade, numa época que não existia...pude ter experiências lá fora... eu fui convidada para fazer uma viagem com a polícia...como voluntária...é...participando...depois eu comecei a receber por esse trabalho...receber diária...e depois peguei monitoria...e assim foi até o fim do curso...estágio e monitoria...</i>

* Psicóloga Sônia

Contexto: a conversa era sobre a formação da Psicóloga.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – junto...	<i>Sônia – não, eu fiz um ano em hospital, depois eu fiz seis meses em clínica...eu fiquei um ano em clínica, né...porque eu fiz seis meses pela universidade, venceu o meu estágio pela universidade eu ainda fiquei seis meses na instituição que eu trabalhava...mas nessa instituição que eu trabalhava com clínica, atendia-se alunos, de escola pública...era na Água Viva, e lá...é...faziam um trabalho multidisciplinar, né...então lá tinha pedagogo, psiquiatra, psicólogo, prof. de educação física, fonoaudiólogo...né...então fazia um trabalho multidisciplinar lá dentro...então parece que foi me enfeitando essa coisa, né...pela escolar, e eu fui descobrindo realmente a área que eu queria atuar né...eu fiz uma pós-graduação, mas na área escolar, né...fiz Planejamento Educacional...e agora me inscrevi lá nesse curso, né...que nem sei que vai sair...(especialização em Psicologia Escolar)</i>

A psicóloga Thais pontua que fazer Psicopedagogia não acrescentou nada em sua formação, a especialização em Psicodrama é que ajudou. Acredita-se que essa percepção foi construída devido a alguns fatores que podem ser analisados.

Um primeiro aspecto a ser pensado é em relação ao curso de Psicopedagogia, que pode propiciar alguns conhecimentos sobre questões pedagógicas, as quais não são abordadas no curso de Psicologia. Esses conhecimentos, sem dúvida, são necessários ao profissional que atua nesse contexto. Mas uma profissional que atua há algum tempo na Educação, como é o caso dessa Psicóloga, talvez já tenha adquirido tais conhecimentos. E os conteúdos relacionados à Psicologia, provavelmente, foram vistos com maior profundidade na graduação. Porém, em um outro momento da conversa, essa Psicóloga comenta que na Psicopedagogia aprendeu a fazer avaliação cognitiva e que isso a auxiliava muito na prática.

Outro aspecto se refere à formação que a Psicóloga Thais fez em Psicodrama, que discute os processos relacionais envolvidos no funcionamento de grupos, podendo contribuir para a formação do Psicólogo Escolar, que lida com contextos grupais em seu cotidiano. Também é ressaltado por essa profissional que o teste sóciométrico ajuda bastante na escola.

Acredita-se que a visão de homem que fundamenta a atuação dessa profissional dificulta a articulação dos conhecimentos adquiridos com o contexto educacional, fragmentando os conhecimentos e focalizando o seu olhar apenas nas técnicas, desvinculadas de uma fundamentação teórica consistente.

O movimento percebido na atuação dessa Psicóloga é de utilizar os conhecimentos psicológicos para analisar o aluno, avaliando-o, com o objetivo de melhor adaptá-lo à escola. Quando pontua sobre sua atuação, relaciona atividades de psicodiagnóstico com avaliação cognitiva, neurológica e das psicopatologias. Por isso, acredita-se que sua visão de homem não considera os contextos nos quais o indivíduo está inserido.

Falando das outras profissionais, percebe-se interesse em investir na formação em Psicologia Escolar, através da realização de cursos especializados. Todas, de forma geral, demonstram interesse pela área e estão insistindo em investir nessa direção. Expressam expectativas de propiciar contribuições à escola e aos alunos, porém falta uma preparação teórico-metodológica adequada e uma maior consciência sobre as concepções de homem e de mundo em que estão apoiadas.

Durante a graduação, essas profissionais parecem ter valorizado mais as técnicas psicológicas, faltando uma discussão sobre os diferentes paradigmas presentes na Psicologia, que são fundamentados por visões de homem e de mundo; visto que não existe uma teoria ou técnica neutra de valores, que possa ser considerada como verdade universal. Quando a Psicóloga Thais se refere à Psicanálise, ao Behaviorismo e ao Psicodrama, não fala do homem presente em cada linha de pensamento, mas parece que está se dirigindo à técnica que é usada em cada uma.

Refletindo sobre a formação dessas profissionais, é importante ressaltar que as Psicólogas Thais e Valéria participaram da grade curricular de 1982-1984. Nessa grade existia ainda a disciplina Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem, que era optativa e que, desde 1983, apresentava uma ementa que promovia, a partir de seu conteúdo programático, maiores discussões sobre o papel do Psicólogo Escolar, valorizava muito a utilização dos testes na escola e apresentava poucas questões sobre os problemas de aprendizagem e sobre os contextos sócio-políticos presentes na Educação.

Esse fato motiva a idéia de que o processo de formação propiciado pela graduação participa ativamente da atuação profissional. Acredita-se que a subjetividade

de cada profissional leva-o a se identificar com algumas questões específicas do curso e, nesses casos, a identificação foi com as técnicas psicológicas, que também parece que eram discutidas de forma desarticulada da teoria.

Portanto, pensa-se que é essencial um maior investimento no curso de Psicologia em relação à articulação entre teoria e prática, proporcionando ao aluno espaços e reflexões para que construa sua visão de homem e do objeto da Psicologia. O atual contexto social exige um profissional que esteja alicerçado em uma fundamentação teórica sólida.

Contudo, é importante ressaltar que as dificuldades encontram-se não apenas no processo de formação, mas também na atuação dos profissionais, segundo GUZZO (1996, p. 81) “... *os profissionais que estão hoje atuando como Psicólogos Escolares reclamam da formação recebida e sentem falta de modelos mais adequados para o exercício profissional, modelos estes que garantam a especificidade de atuações em diferentes níveis e tipos de instituição de ensino*”.

A Psicologia Escolar é uma área que carece de referenciais de atuação; desde a década de 1970, vem vivenciando momentos de questionamentos e conflitos, numa ação coletiva de busca de novas alternativas de ação. Com o intuito de conhecer melhor essa situação, foi analisado um conjunto de indicadores sobre a atuação das Psicólogas que participaram da pesquisa.

As incertezas que permeiam a prática do Psicólogo no contexto educacional.

Muitos estudos (YAZLLE, 1990; MALUF, 1994; ROSSI, 1996; TANAMACHI, 2000; GUZZO, 2001) discutem sobre a atuação do Psicólogo Escolar, identificando

práticas fundamentadas em diferentes paradigmas, misturando visões presentes em tempos diferentes da história da Psicologia Escolar no país.

Conforme discutido anteriormente o desenvolvimento da atuação do Psicólogo Escolar no Brasil contemplou diferentes momentos e, atualmente, percebe-se que a ação desse profissional, é composta por uma variedade de concepções, oriundas desses momentos, que foram desenvolvidas em diferentes tempos e contextos.

Essa situação pode ser vislumbrada nas informações construídas nas entrevistas com as Psicólogas:

* Psicóloga Thais

Contexto: a conversa era sobre as primeiras experiências da Psicóloga atuando na escola.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e quando você formou... você ainda estava dando aula na escola...	<i>eu estava dando aula na escola e aí formei decidida a não ser mais psicóloga, né...aí eu montei uma escola junto com a minha irmã...e comecei a trabalhar nessa escola...foi onde eu pude ousar com a psicologia sozinha, quando...aí eu comecei a fazer reuniões com as mães, de acordo com o tema solicitado: vamos falar sobre disciplina...vamos falar sobre birra, e...eu comecei a ousar dessa forma...inclusive a fazer avaliações, diagnósticos...bem...bem sem rumo assim...é...às vezes pegando uma supervisão ou outra... mas foi lá na escola que eu fui vendo que tinha essa possibilidade, que as mães tinham essa necessidade, na minha escolinha, que era uma escola de maternal à 4.ª série... a minha irmã que era a pedagoga, na época...aí eu deixei a escola e fui convidada pra vir pra cá...mesmo porque só fui convidada...acredito que só fui convidada, porque um irmão meu entrou como sócio...da escola...aí eu vim como...pra fazer orientação vocacional...e aí...logo que eu cheguei aqui...como...o trabalho de psicologia na escola...ele é periódico, por períodos, as pessoas tem a idéias que a gente fica ociosa...e...é exatamente por isso...e a gente também fica com essa idéia, não é só o pessoal da escola, né...</i>

Contexto: a conversa era sobre a disciplina Piaget, que trabalha com a teoria piagetiana sobre o desenvolvimento cognitivo.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – agora você sabe que tem a matéria...	sei...quando eu sai ...aí...aí...agora já...eu sei que já tem, né...porque eu já tive contato com outras colegas e eu sei que agora eles vem Piaget detalhado...e eu não vi, né...eu vi em alguma matéria e tal, Vigotski, Bakhtin, <i>então eu tive que estudar muito, e mais isso, pra mim tá aqui e entendendo o que eles tão falando, e poder inclusive questionar, pra que eu tivesse credibilidade</i> , também...seria essa parte, né...bem depois dessas entrevistas <i>eu começo então orientação vocacional com o 3.º ano...e eu estou na no período da manhã recebendo a 5.ª série, porque eu fiz um trabalho no final do ano com a 4.ª série, pra passar pra 5.ª...que é um atendimento de dois meses, então eu fico nesse período no corredor, recebendo os meninos...e ouvindo e conversando, com aquele objetivo da de redução da ansiedade, né... da expectativa do outro...enfim...</i>

Contexto: a conversa era sobre o prazer da Psicóloga em estar na escola, mesmo com as dificuldades que encontra.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – é ótimo esse trabalho, né...	<i>só que não é fácil, igual eu te falei...essa confusão da função é muito difícil...todas as vezes que a escola tem um problema com qualquer funcionário...da equipe...que é coordenação e direção, você é a ...a ... primeira indicada pra assumir... no meu caso... isso de alguma forma pra mim é bom, me conforta...porque...é uma confiança, né...mas por outro lado vai confundindo o papel...né...é difícil, mas...mas tem que ter jogo de cintura</i> , esse ano foi o primeiro ano que eu consegui uma estagiária...na escola... uma menina, de psicologia, que me acompanhava nos trabalhos, e eles me viram mais disponível pra eles, porque muitas vezes: <i>Thais</i> não sei o que...olha eu não posso, eu tô com um grupo, eu tenho um grupo duas horas, eu tenho um grupo três horas...e eu nunca podia atendê-los...

Contexto: a conversa era sobre o trabalho de Orientação Vocacional desenvolvido pela Psicóloga na escola.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – pois é ...eles terminam...como eles saem processo...	<i>... eles chegam a me dizer nossa Thais, tô bem mais tranquilo...tô legal, que bom, tô aliviado...mas eu também escuto: ah, Thais, tô mais confuso ainda (sorrisos)...então a gente não escuta só...né...porque esse tô mais confuso ainda, muitas vezes é não me deixa não...fica mais um pouco comigo, né...e...os casos que são necessários eu encaminho para o atendimento...é o que eu te digo que eu não faço clínica...então eu começo a encaminhar para os colegas...é...converso com os pais sobre a necessidade, da importância da psicoterapia... e encaminho...</i>
P – é...pareço que você falou que faz um laudo...	faço...
P – e o que que você põe no laudo...	<i>...no laudo nada de muito...é...o Warteg por exemplo... eu não coloco...no laudo...nós conversamos sobre o Warteg...mas assim...é...o teste...o HTM...que é o teste de habilidade mental...ele tem pontuações e eles ficam loucos pra saber...então eu apresento aquele gráfico...o LIP... o LIP...que eu apresento aquele...aquele...gráfico...e eles adoram e eles levam e eu...escrevo uma mensagem também e eles levam...</i>

Contexto: a conversa era sobre o trabalho de Psicodiagnóstico que a Psicóloga faz na escola.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e no final o que você faz com isso...passa para os pais...	<i>faço a devolução pros pais...fica na escola...faço encaminhamento com os pais a fono...a ...neurologista e isso fica arquivado na pasta do aluno em questão...porque eu tenho a ficha de todos os alunos...né...então aí fica arquivado e eu vou agora...o que eu faço agora...é... ir para a intervenção, para a linha de ação...tudo bem, ele tem essas dificuldades e agora...faço o que com isso...aí é por isso que eu vou participar das reuniões, das preparações das atividades, vou participar dos conselhos...e...do desenvolvimento do aluno...</i>

Percebe-se, na discussão com a psicóloga Thais, que o início de trabalho em uma escola é um pouco angustiante, pois as expectativas são muitas, tanto da escola quanto da própria profissional, que sente a necessidade de estudar sobre o contexto para se aproximar dessa nova realidade, que é distante do que foi estudado no curso de graduação.

As tentativas iniciais de atuação são isoladas do contexto, carecem de uma fundamentação teórico-metodológica que dê suporte para a elaboração de projetos que possam contribuir com a escola no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Aliás, o trabalho vai se estruturando sem o apoio de um projeto, vai somente atendendo à demanda da escola ou da própria Psicóloga, que se restringe a trabalhar os focos conflituosos.

No primeiro Congresso Nacional de Psicologia Escolar, ocorrido em 1991, BOCK (1992) já questionava a falta de projetos, *“é inegável hoje, a falta de projetos de atuação construídos pela categoria. A falta de uma visão de trabalho institucional, a falta da habilidade de planejar um trabalho acoplado demanda, finalidade, meios, procedimentos...”*

Porém, à medida que o trabalho foi sendo construído, a psicóloga Thais foi encontrando formas de atuação, fundamentadas em concepções diferentes, que propiciaram intervenções que focalizavam ora o indivíduo, isoladamente, ora o grupo. E nos momentos de dúvida, recorria à supervisão clínica ou à sua terapeuta.

Quando realiza atividades com os alunos de 4.^a série do ensino fundamental, preparando-os para uma nova etapa em sua formação escolar, Thais trabalha o grupo, procurando amenizar as ansiedades de forma coletiva. Contudo, quando utiliza os testes psicológicos, através de psicodiagnósticos e orientação vocacional, enfoca o indivíduo, centrando nele a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso do processo ensino-aprendizagem.

Mesmo em sua tentativa de trabalhar grupos, como a atividade feita com os alunos de 4.^a série, ou nas dinâmicas aplicadas na orientação vocacional, a psicóloga

Thais focaliza sua atenção no aluno e não nas relações presentes no contexto educacional, incluindo a escola, os professores, a família.

Quando a Psicóloga pontua que a atuação do profissional no contexto educacional é periódica, pois desenvolve trabalhos que ocorrem em momentos específicos da dinâmica escolar, dando a impressão de que o profissional fica ocioso em outros momentos, deixa transparecer que não está inserida nos processos que constituem as relações de ensino-aprendizagem.

A atuação dessa Psicóloga fica focalizada em questões isoladas, a partir do olhar da Psicologia, como a Orientação Vocacional e os diagnósticos de alunos com problemas de aprendizagem ou de comportamento, desconsiderando a realidade da escola e das diferentes questões relacionadas à prática educativa, com seus processos relacionais entre alunos, professores, equipe técnica, família e comunidade, além das influências dos contextos em que a escola está inserida.

É interessante ressaltar que a formação dessa profissional ocorreu em 1987, na Universidade Católica de Goiás, quando a disciplina Psicologia Escolar ainda era optativa e, sua ementa, que provavelmente foi a de 1983, não abrangia uma discussão sobre uma postura crítica-transformadora do Psicólogo Escolar. Apesar da prática do Psicólogo Escolar em outros espaços do país, a partir da década de 1980, já apresentar uma visão mais crítica e mais voltada para as questões relacionais do processo educacional.

A formação propiciada pelo curso de Psicologia na UCG contribuiu, portanto, para uma atuação reducionista, fundamentada em conhecimentos fragmentados dos processos psicológicos e da Psicologia Escolar. E os modelos de atuação vigentes no resto do país, ainda não são amplamente divulgados no contexto goianiense.

Observando a conversa com as psicólogas Valéria e Sônia, percebe-se alguns fatores em comum com a atuação da Thais; porém, existem pontuações sobre a necessidade de rever a prática.

* Psicólogas Valéria e Sônia

Contexto: início da conversa sobre a Psicologia Escolar.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – ...	<i>Valéria</i> - você vê a Psicologia Escolar crescendo...ou...
P – crescendo...	<i>Valéria</i> – porque eu vejo esse movimento da Psicopedagogia muito forte, principalmente porque a maior parte dos alunos de psicopedagogia são de pedagogos, então imagina...será que os pedagogos, psicopedagogos vem pra escola com uma proposta que vai substituir o Psicólogo Escolar?
P – ai já acho que depende bem da proposta do Psicólogo Escolar.... o que ele está fazendo...	<i>Valéria</i> – <i>o que os outros estão fazendo? Porque já surgiu aqui a idéia de nós irmos visitar outras escolas que tem psicólogo, mesmo que seja particular, para gente estar vendo o que pode aproveitar ou tentar também fazer mais ou menos a mesma coisa...</i>
P – na verdade <i>Valéria</i> , o pessoal que está na escola particular tem a mesma curiosidade...é um querendo saber o que o outro está fazendo...	<i>Valéria</i> – tentando fazer trocas...
P – ficam todos perdidos, será que o que estou fazendo tá legal, será que é por aqui...	<i>Sônia</i> – <i>a gente não tem referencial, na verdade, né...</i>

Contexto: a conversa era sobre a estruturação do Serviço de Psicologia na Escola.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – porque vocês fizeram a graduação na Católica...né...as duas	<p><i>Valéria - ...eu formei em janeiro de 1987...aí...fiz concurso na Polícia Militar e entrei...eu comecei na Seleção de Pessoal...em 96, final de 95, fui convidada para ir para a Academia da Polícia Militar, e aceitei o convite, então lá eu comecei a pensar: o que fazer? Dentro de uma instituição, escola, né...então eu comecei, né...e...tentar traçar algum caminho...e depois de alguns anos fui convidada pra vir para o Colégio M. e eu aceitei de novo, fui aceitando, né...sem pensar qual... o que vai acontecer na frente...mas preocupada com o que ia acontecer, por ser um ambiente novo, totalmente inespiciente, né...eu entrei na Psicopedagogia, para me atualizar... da mesma forma que entrei na Academia, entrei no Colégio M., só que eu já encontrei a C., ela foi remodelada, saiu da sala de aula e foi para psicologia...e a gente começou as observações e também... tentamos atender a demanda do Colégio que era...muito encaminhamento para nós de...de alunos com problemas de aprendizagem, e outros problemas que apresentam em sala de aula e fora de sala também...então são encaminhados e a gente vai atendendo, de uma certa forma, o modelo clínico é ainda muito...usado pelo psicólogo... a gente faz atendimento individual...depois de algum tempo não...hoje já tem condição de atender de atender um grupo...e a nossa proposta para o ano que vem...ainda não está pronta...está amadurecendo...</i></p>
P – está ainda nas idéias...	<p><i>Valéria – é... é de estruturarmos grupos para Orientação Vocacional...propriamente...porque hoje já existe...até a Sônia está à frente à noite...coordenando a parte de palestras...para os alunos...adquirir o material é muito custoso...</i></p>
P – os testes....	<p><i>Valéria – é...a gente já adquiriu um pouco...falta um tanto...a gente ainda pensa em comprar mais alguns pra ver se complementa...</i></p> <p><i>Sônia – é tudo muito caro...</i></p>
P – caro...	<p><i>Valéria – apesar que a gente não vai ficar só na avaliação escrita, nós vamos fazer dinâmica também...então tem isso...tem a Escola de Pais...que nós fizemos contato...só que ...eles deixam agendado, quando surgir uma vaga eles vem...mas dentro disso a gente agrupar esses pais que precisam...ouvir alguma coisa...principalmente daqueles alunos que...tem algum probleminha, né...com o aprender...trazê-los para encontro mensais, para podermos fazer alguma coisa diferente...porque eles não integram, né...</i></p>

Contexto: a conversa era sobre o tipo de atendimento que as Psicólogas fazem aos alunos encaminhados.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P - ... é uma escuta... mas vocês acabam tendo que falar alguma coisa, né...	<i>Valéria – é uma escuta...mas não deixa de ter intervenção...né...porque a própria escuta já interfere...porque é outro ouvindo, né...é diferente, né...e a técnica, que às vezes a gente tenta passar...é...mais na comportamental cognitiva...porque lida mais com comportamentos...</i> <i>Sônia – às vezes faz um relaxamento, né...quando tá muito nervoso...porque é muita tarefa...a gente ainda está aprendendo... (sorrisos)</i> <i>E – é...</i>

Contexto: conversa sobre a forma que atuam na escola como Psicólogas Escolares.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – ah....	<i>Valéria – e conforme a problemática...pode ser até...um...uma questão de ir em médico, né...encaminhar para pediatra, já aconteceu...de ir em neurologista, psiquiatra...encaminhei e não só, já participei de algumas consultas...como junta médica....é...psicólogos, fonoaudiólogo, psicopedagogo, conforme o plano de saúde que a pessoa dispõe...se não dispõe a gente procura onde ele tem condição de ser atendido...</i> <i>Sônia – porque dentro da escola, não...</i> <i>Valéria – é...porque dentro da escola fazer tratamento, a nosso ver não é o mais adequado...</i>
P – é mais uma conversa mesmo...	<i>Valéria – é amenizar as ansiedades, né...porque às vezes o problema não é nada da dor de cabeça, não é o estômago...né...é a prova que vai acontecer...é a avaliação...é apresentar um trabalho...é estar a frente da turma dando uma ordem... porque a gente fica muito na “dessensibilização” também...</i> <i>Sônia – é....</i>

Contexto: em outro momento da entrevista, a conversa gira em torno do trabalho junto com os professores da escola.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – e professor tem autorização para passar direto para vocês...	<i>Valéria – tem...muitas vezes eles vêm pessoalmente aqui...às vezes para conversar...não sabe que isso existe...mas ai...a gente passa a ficha para ficar registrado...porque é uma maneira de estar sistematizando o nosso trabalho...(mostra a ficha)</i>
P – fala de comportamento...	<i>Valéria – é...tem até essa aqui...é pra funcionário... pra funcionário e professores...nós já inserimos essa...</i>
P – e já teve procura....	<i>Valéria – hum...só um caso nesse semestre.. da tarde...que veio à noite... pediu orientação para lidar com a sala...</i>

Contexto: continuação da conversa sobre o trabalho junto a equipe de professores.

PESQUISADORA	SUJEITO PARTICIPANTE
P – tem espaço para vocês falarem disso em reunião de prof... ou reunião só de coordenação...	<i>Valéria – já pensamos em uma reunião aqui conosco...que é uma das nossas idéias...a idéia...quem deu a idéia foi a psicopedagoga...de nós estarmos abrindo um grupo de estudo...colocar em aberto para os interessados...coordenação de turno, pedagógica, prof., para ver quem vem...e...poderia acontecer aqui no colégio...para estar conversando sobre disciplina...ao invés de ter reunião onde eu vou falar didaticamente...de punir, né...ou elogiar, que acontece...é o modelo daqui de dentro...poderia ser um pouco diferente...levar a pessoa a pensar, fazendo dinâmicas...né...</i>
P – na reunião vocês têm espaço...	<i>Valéria – hum (sorrisos da Sônia) é...nunca me convidaram...nem a C... nem a Sônia, nem a B...(menciona as outras psicólogas da equipe).</i> <i>Sônia – eu acho que isso não existe...aquela reunião de prof. que se promovia na escola que eu trabalhava...aqui eu nunca participei...</i> <i>Valéria – aqui eu já vi eles conversando na hora do recreio...fecham a porta e começam com a coordenadora, passa...oh...hoje assim...assim...se tem um recado amanhã, amanhã eles fecham a porta e conversam...</i>

Novamente, é possível perceber que, ao se inserir no contexto educacional, o Psicólogo fica meio sem rumo, “atolado” pela demanda da escola que, nesse caso específico, é muito grande, pois a escola atende três mil alunos, divididos nos três turnos.

Então, o primeiro caminho a ser seguido é o de atendimento, conforme diz a psicóloga Valéria, dentro do modelo clínico mesmo.

Pode-se dizer que existe uma confusão entre o que venha a ser atendimento clínico; pois, quando são questionadas sobre como é esse atendimento, as psicólogas Valéria e Sônia dizem que é apenas uma escuta, no sentido de dar uma atenção ao aluno que está carente. Então elas utilizam, às vezes, alguma técnica de relaxamento para acalmá-lo.

Essa atuação não representa um processo psicoterápico, talvez se aproxime do aconselhamento psicológico; porém, percebe-se que faltam subsídios teórico-metodológicos para essa prática, dando a impressão de que essas profissionais vão realizando suas ações sem rumo, sem planejamento, sem uma visão de homem consciente e crítica.

Mas também é possível detectar sentimentos de angústia, já que percebem que a sua atuação não é apropriada para o contexto educacional. Por isso, queixam-se de que não possuem referenciais e estão buscando alternativas de ação. Sua prática remete à atuação presente no país, na década de 1960, aproximadamente, quando o Psicólogo atendia os indivíduos visando compreendê-los melhor, para então ajudá-los a se adaptar ao meio. E para isso, realizava orientação vocacional, a partir dos testes psicológicos.

Observam-se semelhanças na atuação dessas Psicólogas e na atuação da Psicóloga Thais. Elas realizam uma prática sem apoio teórico-metodológico, isolada do contexto educacional, apresentando, inclusive, desconhecimento de algumas questões referentes à dinâmica da própria escola, pois não sabem dizer se existe reunião da equipe de professores de forma sistematizada.

Quando destacam o trabalho interdisciplinar que realizam, referem-se a profissionais da saúde que estão fora do contexto escolar e lidam com as patologias do indivíduo. E elas evidenciam o referencial médico que apóia a sua atuação quando ressaltam que usam uniforme branco por opção própria e argumentam que o serviço de saúde da Polícia Militar veste-se de branco.

Percebe-se que falta, a essas Psicólogas uma visão do trabalho interdisciplinar que devem desempenhar dentro do contexto escolar junto com os outros profissionais que compõem a equipe da escola e que participam do processo ensino-aprendizagem. É delegado ao Psicólogo o “poder” de solucionar, sozinho, os problemas escolares, desconsiderando que a busca da qualidade de vida e das relações interpessoais, nesse contexto, depende da participação e esforço de todos que nele estão inseridos.

Buscando uma compreensão dessa situação na formação das profissionais que participaram da pesquisa, destaca-se que a psicóloga Valéria graduou-se na mesma época que a psicóloga Thais, e a psicóloga Sônia graduou-se em 1995, vivenciando, portanto, um currículo mais recente; porém, com a mesma ementa da disciplina Psicologia Escolar que tanto a Thais quanto a Valéria estudaram. Entretanto, nessa época, a psicóloga Sônia cursou essa disciplina com uma professora que, segundo ela, tinha uma visão mais crítica da área e disponibilizou uma literatura mais atualizada.

Dessa forma, percebe-se a importância da ação do professor na formação do profissional; já que a ementa de uma disciplina pode se desenvolver em direções diferentes e até opostas, de acordo com as estratégias utilizadas e as concepções do docente.

Observou-se que, a partir da experiência da pesquisadora como professora convidada desse Departamento entre 2000 e 2001, algumas alterações estão sendo feitas

nesse sentido com as coordenações pedagógica e de área; uma vez que foram promovidas reuniões com as equipes, por área, visando à construção de uma prática interdisciplinar, respeitando as diretrizes das ementas das disciplinas e do próprio curso.

Por outro lado, analisando os referenciais de atuação do Psicólogo Escolar, percebem-se confusões e contradições em relação ao objeto da Psicologia Escolar e à identidade desse profissional, além da falta de organização de um grupo que trabalhe coletivamente na construção dessa área.

As informações construídas junto com as Psicólogas participantes da pesquisa mostram as dificuldades presentes na atuação do Psicólogo Escolar. E essas dificuldades coincidem com as conclusões de uma pesquisa realizada por MALUF (1994, p. 164) de que:

uma certa inovação parece estar ocorrendo, na direção de atuações junto ao corpo docente das escolas; de consultorias e assessorias exercidas dentro da unidade escolar; de análises institucionais; de formação de grupos operativos para atuação interdisciplinar no enfrentamento dos problemas; de renovação dos conteúdos das disciplinas de Psicologia Escolar e da qualidade dos estágios que os cursos oferecem.

Contudo, essa inovação precisa passar tanto pela formação quanto pela atuação em Psicologia Escolar, necessitando, para isso, da participação de grupos oriundos das Instituições formadoras e de Associações da categoria; pois só unindo, através do diálogo, esses profissionais é que será possível pensar na construção de um Psicólogo que apresente uma fundamentação teórico-metodológica consistente, a partir de uma postura crítica-transformadora da realidade.

3.5 – DEBATE ENTRE PSICÓLOGOS ESCOLARES

Após a realização das entrevistas com as Psicólogas Escolares e análise das

informações construídas, pensou-se na possibilidade de reunir um grupo de profissionais para discutir a Psicologia Escolar, acreditando que um momento de debate pode propiciar uma rica produção de idéias, a partir da diversidade de concepções e experiências pessoais.

A oportunidade surgiu quando a coordenadora do curso de especialização em Psicologia Escolar convidou a pesquisadora para participar de sua aula inaugural. No início dessa aula, foi proposto aos participantes a realização de um debate sobre a Psicologia Escolar e o convite para que participassem da presente pesquisa, motivando-os a partir da idéia de que uma troca de informações possibilita o esclarecimento de conceitos, favorecendo a construção de um grupo produtivo. Todos concordaram prontamente, autorizando, inclusive, a filmagem do debate.

Participaram do debate onze profissionais, sendo duas coordenadoras do curso, oito estudantes da especialização e a pesquisadora. O contexto foi informal, com o diálogo fluindo tranquilamente e todos os participantes contribuindo com suas opiniões sobre a Psicologia Escolar. Todos pareciam interessados em ampliar a discussão na área e investir na formação de um grupo comprometido com a construção da identidade desse profissional.

Será feita uma breve apresentação de cada profissional, discutindo sua participação durante o debate:

- *Psicóloga Patrícia* – é uma das coordenadoras dos curso de especialização em Psicologia Escolar, formou-se na década de 1970, em outro estado, e desenvolve atividades em escolas de Goiânia desde a década de 1980. Realizou mestrado em Educação e doutorado em Psicologia. Atualmente

realiza trabalhos na clínica e em docência universitária, na Universidade Federal de Goiás. Participou ativamente do debate, relatando sua rica experiência na área escolar e levantando questionamentos sobre a atuação desse profissional.

- *Psicóloga Clarice* – é a outra coordenadora do curso, formou-se também na década de 1970, em outro estado e, desde então, atua na área de Psicologia do Desenvolvimento, em creches e escolas. Realizou mestrado e doutorado no exterior, nessa área. É professora e pesquisadora da Universidade Católica de Goiás desde 1997, quando trouxe discussões sobre a Psicologia do Desenvolvimento, a partir de novos paradigmas. É a orientadora dessa pesquisa. Conduziu o debate, propiciou a todos os participantes a oportunidade de relatar suas experiências e fez questionamentos acerca da formação e atuação do profissional.
- *Psicóloga Catarina* – desenvolve atividades na área clínica, junto a crianças e é coordenadora pedagógica de uma instituição de ensino superior da rede privada. Participou pouco do debate, não relatou sua experiência, pois teve que sair mais cedo.
- *Psicóloga Clotilde* – terminou sua formação em 1997, na UCG. Desenvolveu alguns trabalhos em berçário e atualmente está afastada da Psicologia. Mostrou-se mais calada, ouvindo atentamente a discussão.
- *Psicóloga Sônia* – é a mesma profissional entrevistada na escola da Polícia Militar. Participou ativamente do debate, relatando sua experiência, fazendo questionamentos e ressaltando a vontade de ampliar sua visão sobre a Psicologia Escolar.

- *Psicóloga Sílvia* – é recém formada pela UCG, onde desenvolveu estágio curricular na área escolar. Realiza um trabalho em uma escola pública de Goiânia. Relatou sua experiência tanto no estágio quanto na escola onde está atualmente, fazendo questionamentos sobre o papel da escola no contexto atual.
- *Psicóloga Kelly* – também recém-formada pela UCG, fez estágio curricular na área escolar e vem tentando desenvolver um trabalho de assessoria junto a escolas particulares de Goiânia. Falou com empolgação sobre a Psicologia Escolar, relatando, com satisfação, o estágio que desenvolveu. Mostrou-se disposta a investir no crescimento dessa área.
- *Psicóloga Margarida* – colega de turma da Kelly, fizeram estágio juntas e também estão juntas nesse trabalho de assessoria a escolas particulares. Também participou ativamente, relatando sua experiência de estágio.
- *Psicóloga Claudia* – recém formada pela UCG, fez pesquisa e estágio curricular na área escolar e atualmente desenvolve um trabalho voluntário em uma escola pública de Goiânia. Mostrou-se disposta a investir em sua formação nessa área, visando atuar junto à Educação, considerando que a Psicologia Escolar pode contribuir muito com o processo de transformação social.
- *Psicóloga Ana* – já terminou o bacharelado em Psicologia, mas ainda cursa o estágio curricular II, que faz na área clínica, com Terapia Familiar, além do estágio não-obrigatório que faz na área escolar. Relatou as experiências vivenciadas durante os estágios, mostrando preocupação com a escola e seus professores, destacando a necessidade de se investir de maneira abrangente na formação do Psicólogo Escolar.

- *Pesquisadora* – terminou Psicologia em 1992, na UCG, quando fez estágio na área escolar, especificamente com orientação vocacional, além de estágio não-obrigatório na área clínica. Realizou especialização em Psicopedagogia e, atualmente faz mestrado em Psicologia do Desenvolvimento na mesma universidade. Desenvolve atividades no contexto educacional desde 1987, como professora e coordenadora pedagógica do ensino fundamental, além de alguns projetos de Psicologia Escolar e supervisão de estágios na área. Participou ativamente do debate, trocando experiências, falando da pesquisa e fazendo questionamentos sobre a formação do Psicólogo Escolar.

Percebe-se a presença de Psicólogos recém-graduados interessados em investir na sua formação profissional, acreditando na possibilidade de crescimento da Psicologia Escolar, apesar das dificuldades presentes em relação à inserção desse profissional no contexto educacional.

As informações construídas nesse debate levaram a indicadores que propiciaram a produção de conhecimentos a partir de zonas de sentido sobre a construção do Psicólogo Escolar. Percebem-se esses indicadores nas análises das discussões sobre os processos de formação e atuação dos profissionais, os quais podem ser vislumbrados nos recortes a seguir:

* Debate entre as Psicólogas Escolares

Contexto: um momento do debate em que a conversa era sobre a disposição e interesse dos alunos que fazem a disciplina Psicologia Escolar no curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás.

SUJEITOS PARTICIPANTES	CONTEXTO
<p>Clarice – aí é interessante uma outra coisa, porque <i>apesar do número, do grande número de alunos que nós temos as opções ainda para a atuação em escolar são muito restritas...</i></p> <p><i>Pesquisadora</i> – hum...para atuação...</p> <p><i>Clarice</i> – ora...mais da metade da minha turma de hoje...estão fazendo um seminário sobre relação médico-paciente...</p> <p><i>Pesquisadora</i> – hum, hum...da minha turma também...</p> <p>Clarice – <i>eles optam por vários seminários sobre hospitalar, sobre relação médico-paciente, clínica, sobre tudo...mas eles não optam por uma discussão...que é gratuita...eles foram...todos foram convidados...para vir aqui</i></p> <p><i>Pesquisadora</i> – todos...</p> <p>Clarice – <i>mas eles não fazem essa opção, ainda não fazem essa opção...</i></p> <p>Kelly – <i>tem um grande número de alunos porque é obrigatória...</i></p> <p>Clarice – é...para a minha turma ainda é optativa, é obrigatória porque...<i>de certa forma é obrigatória porque tem que optar por alguma coisa...eles acabam optando por escolar até porque acham que é uma disciplina light...</i></p> <p><i>Pesquisadora</i> – se bem que é o primeiro semestre que tem esse tanto de turma, né...</p> <p><i>Clarice</i> – é...porque agora passou a ser obrigatória, né...algumas dessas turmas já é do currículo em que a disciplina é obrigatória...</p> <p><i>Pesquisadora</i> – é...de repente nós vamos ver o resultado disso só mais pra frente, né...</p> <p>Clarice – <i>pois é, mas mesmo assim é um número muito restrito, porque a gente trabalha muito a questão...né, é uma disciplina que a gente leva pro campo...onde a gente...que todo mundo faz observação na escola...acho que todos que fizeram aqui.. pelo menos os cursos mais recentes, né... atuaram mais ou menos assim, mas eles não optam por isso, eles não conseguem perceber é... a riqueza e a necessidade do psicólogo no espaço institucional, isso eles não conseguem perceber, né...eles entendem muito que o psicólogo deve ser um psicólogo clínico...</i></p> <p>Patrícia – <i>é a coisa da valorização das clínicas, né...precisa quebrar isso, para construir outra coisa, né...</i></p> <p><i>Clarice</i> – é...mistificaram muito essa coisa de psicólogo clínico, né...</p> <p><i>Pesquisadora</i> – então a questão assim, a gente até percebe que o aluno vê essa matéria nos períodos finais do curso ...ele até desperta para a área...mas, fala ah não, mas agora eu já optei...</p>	<p>Todos ouviam atentamente a discussão e participavam com suas opiniões.</p>

A grade curricular do curso estava organizada de tal forma, que a disciplina Psicologia Escolar era cursada no oitavo ou nono período e era optativa. Assim, muitos alunos faziam a matéria para contabilizar mais créditos de disciplinas optativas, sem um interesse específico pela área. A situação dessa disciplina só se alterou na grade nova, de 1999, quando é oferecida no quinto período e é obrigatória.

E percebe-se que, pela experiência da pesquisadora, ministrando essa disciplina, como professora-convidada, muitos alunos apresentam uma visão equivocada da área, achando que é uma matéria fácil, pois não exige muitos estudos e esforços. Contudo, quando se deparam com situações novas, as quais necessitam de mais dedicação e leituras diferenciadas, mostram-se resistentes a elas.

Sabe-se que essa situação não é geral, alguns alunos se interessam e se dedicam, descobrindo a área com prazer. Mas é exigida do professor muita disponibilidade para lidar com as resistências que surgem. O aluno se queixa da quantidade de leituras, da observação que tem de fazer nas escolas e do projeto de Psicologia Escolar que tem de elaborar, acha que é uma matéria que exige muito, principalmente por ser uma área que não é de interesse da maioria. Acredita-se que essa situação gera desmotivação também no professor.

Mesmo vivenciando experiências no campo e participando de aulas com metodologias criativas, muitos alunos não se interessam. Acredita-se que o fato de a disciplina ocorrer no final do curso, pode dificultar ainda mais a situação, pois o aluno chega à disciplina com sua opção definida, não estando aberto para conhecer outras formas de atuação do Psicólogo.

Também essa situação provoca questionamentos em relação ao curso de Psicologia como um todo; como um aluno, em final de curso, pode-se “fechar” para o

conhecimento das diferentes áreas de atuação do Psicólogo? Pois, se mesmo depois de formado, o profissional se depara com oportunidades em áreas diferentes de atuação.

Pensa-se que essas concepções e valores vão sendo passados, no decorrer do curso, pelo currículo oculto, e propiciam a construção de visões equivocadas em relação ao profissional que é formado. De acordo com NOVAES (1992, p. 12):

é na universidade, ‘fórum’ permanente de debate intelectual e de desenvolvimento cultural, que o conhecimento deve ser abordado com a preocupação de uma produção de saber inovador e criativo. Contudo, o que se observa é que, de certa forma, houve a dicotomização do discurso teórico/prático, sendo a teoria enfatizada e veiculada pelos mestres, consagrando o monopólio da palavra escrita, e a prática, uma simples decorrência da aplicação da teoria, cujo percurso é determinado e determinante.

O aluno, quando entra em contato com o campo, que pode ser no final do curso, durante o estágio curricular, ou através de alguma pesquisa, apresenta dificuldades de articular teoria e prática, reproduzindo o conhecimento fragmentado e desvinculado da realidade que recebeu, através de atuações reducionistas, sem um caráter criativo e com pouca disponibilidade para lidar com o imprevisto.

A forma como a Psicologia Escolar estava estruturada no curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás contribuiu para as dificuldades já existentes no contexto escolar em relação a essa área, promovendo preocupações com técnicas e “receitas” para “tratar” das dificuldades de aprendizagem dos alunos, desconsiderando os determinantes sociais, ideológicos e econômicos no processo ensino-aprendizagem.

As alterações provocadas na grade curricular do curso, como: a obrigatoriedade da disciplina Psicologia Escolar, a mudança na ementa e a inserção de professores com novos paradigmas, têm propiciado, aparentemente, aos alunos maior interesse em conhecer a atuação do Psicólogo Escolar, mesmo sendo um número ainda

reduzido, diante da quantidade de alunos matriculados no curso. Essa situação pôde ser vislumbrada em algumas discussões ocorridas no debate:

* Debate com as Psicólogas Escolares

Contexto: nesse momento do debate, cada participante relatou o motivo que o levou a participar do curso de especialização.

SUJEITOS PARTICIPANTES	CONTEXTO
<p><i>Catarina – Catarina... sou psicóloga...eu trabalho com crianças na clínica e também trabalho com professores e esse ano eu estou na coordenação pedagógica da Faculdade A... eu tive interesse pelo curso porque também estou trabalhando na escola, né ... e na faculdade também tem o colégio de 1.º e 2.º grau e a gente acaba tb, dando alguma contribuição...então ...eu estou aqui por estar trabalhando em escola...</i></p> <p><i>Clotilde – meu nome é Clotilde e eu sou psicóloga...formada em 97... e a experiência que eu tenho na área é muito pouca...foram 6 meses só trabalhando num berçário, berçário de escola...e...eu tô aqui mais pra conhecer um pouco da Psicologia Escolar e pra tá realmente tentando me atualizar e começar...</i></p> <p><i>agora....recomeçar a carreira como psicóloga...é isso...</i></p> <p><i>Sônia – meu nome é Sônia....e eu sou psicóloga e trabalho no colégio da polícia militar e eu estou aqui para fundamentar minha prática lá...porque lá nós desen...já desenvolvemos um trabalho...só que nós ainda estamos buscando né...a fundamentação teórica pra desenvolver o trabalho, então quando eu fiquei sabendo do curso foi uma grande oportunidade...é lá que eu vou encontrar o que tanto procuramos, né...e assim como os militares estão aprendendo, né a ... trabalhar com a educação ...nós também estamos aprendendo a trabalhar com a psicologia dentro de uma instituição militar... então é pra isso que eu estou aqui...</i></p> <p><i>Silvia – meu nome é Silvia....sou estudante de psicologia, tô terminando o curso agora, faço parte de uma escola e eu tenho interesse de trabalhar na área escolar então eu... vi eu li sobre esse curso e fiquei interessada...</i></p> <p><i>(.....)</i></p> <p><i>Kelly – meu nome é Kelly, eu me formei agora no meio do ano, né... e... sempre gostei muito dessa área, meu estágio foi na área escolar... e ... eu e a Margarida estamos tentando montar uma consultoria agora nessa área, né...estamos trabalhando nessa área...e por isso que eu me</i></p>	<p>C – cada participante ouvia atentamente o que o outro dizia, na sua apresentação.</p>

<p><i>interessei pelo curso...vamos ver se vai dá pra mim eu fazer...</i></p> <p>(.....)</p> <p><i>Margarida – meu nome é Margarida, eu me formei agora em agosto, e...eu fiz o estágio todo, dentro de um ano, na área escolar também...e...eu achei muito interessante e...a escola precisa muito de Psicólogo Escolar ... e eu estou aqui pra aprender mais... foi uma área que me interessou e eu quero atuar nela...</i></p> <p><i>Patrícia– você vai atuar nela...</i></p> <p><i>Margarida – isso...</i></p> <p><i>Claudia – bom meu nome é Claudia, eu me formei agora em agosto, né...e trabalhei com a Clarice na área de pesquisa em Psicologia Escolar, durante 2 anos e... e fiz meu estágio também na área escolar, né e...meu sonho realmente é trabalhar em... na educação... então...é...no sentido de realmente de tá...enfim, aprendendo mais assim... a teoria a ... da Psicologia Escolar... para estar atuando em escola, né...e enfim...para trabalhar nessa área mesmo...meu sonho é estar...enfim tá contribuindo com a educação...</i></p>	
---	--

Nesse diálogo entre as profissionais, percebe-se interesse em investir na formação em Psicologia Escolar, através da realização de cursos especializados. Destacando que a maior parte dessas Psicólogas se formaram há pouco tempo, a partir de 1995, quando a ementa da disciplina Psicologia Escolar sofreu alterações significativas em relação à visão de homem e de Educação, trabalhando uma postura mais crítica do profissional, fundamentada no conhecimento das questões sociais, políticas e ideológicas que permeiam sua atuação.

É importante ressaltar que esse interesse pela área coincide com a organização do curso de especialização, que proporciona um espaço que, anteriormente, era ocupado por especializações próximas à Educação, como a Psicopedagogia e o Planejamento Educacional, em que a Psicologia Escolar não é discutida especificamente. Situação que podia provocar confusões e equívocos em relação ao papel do Psicólogo Escolar. (CUPOLILLO, 2002).

Todavia, sabe-se que a formação do Psicólogo Escolar se inicia na graduação, segundo YAZLLE (1990, p. 233):

não se pode almejar um profissional competente, crítico, identificado e comprometido com o seu tempo e as relações sociais que aí se estabelecem, enquanto no âmbito dos cursos superiores não se criarem condições para que lhe esteja assegurada a aquisição de conhecimentos psicológicos sistematizados cientificamente. Enquanto não se constituírem espaços que permitam o estabelecimento de relações críticas entre tais conhecimentos e o saber em construção.

A discussão realizada no debate por profissionais recém-graduados sobre as atividades que realizaram no estágio curricular mostra a importância dessa formação na construção de um Psicólogo Escolar mais comprometido com a Educação, considerando o processo ensino-aprendizagem a partir de todos os seus componentes.

* Debate com as Psicólogas Escolares

Contexto: recortes da apresentação das psicólogas *Margarida e Silvia* sobre as atividades que desenvolveu no estágio curricular

SUJEITOS PARTICIPANTES	CONTEXTO
<p><i>Margarida</i> – bom nós na época que nós fizemos estágio foi no C.C. <i>e lá nós fazíamos assim... de tudo um pouco, nós trabalhávamos com professores, a gente tinha um grupo de estudo que a gente coordenava com os professores, então a gente discutia vários temas, em relação a desenvolvimento infantil e... entre outros temas que eles mesmos levantavam, trabalhava também com grupos de alunos...</i></p> <p>(.....)</p> <p><i>Margarida</i>- ...bom, é...<i>nós também fazíamos trabalho com alunos, grupo de alunos, em sala de aula, eu e a Kelly íamos pra sala de aula e.... de integração entre alunos e professor com aluno...fizemos esse trabalho, usavamos dinâmica... é...e o que ficou faltando foi um trabalho com os pais sabe...foi isso que faltou...eu senti falta mas acho que ficou faltando isso aí...</i></p> <p><i>Clarice</i> – mas trabalho com pais é difícil mesmo....</p> <p><i>Kelly</i> - ...mesmo a escola não tinha tanto relação assim com os pais, né...</p>	<p>C – todos escutavam atentamente.</p>

<p><i>Clarice</i> – com os pais, né...</p> <p><i>Kelly</i> – não tinha abertura...</p> <p><i>Margarida</i> – <i>orientação sexual, a gente fez um trabalho com alunos...a gente fez um trabalho tb com educação inclusiva. Fizemos um trabalho com os professores, sobre educação inclusiva...no final foi muita coisa interessante, sabe...só ficou faltando mesmo esse trabalho com os pais...</i></p> <p>(.....)</p> <p><i>Silvia</i> – <i>lá na na escola nós já até tentamos, o psicólogo pra levar os pais pra pra escola pra fazer uma reunião e tal...</i>alguns pais foram e já disseram assim: pode falar, pode falar...mas falar o que...não...pode falar mal dele</p>	
---	--

Contexto: recorte da apresentação da psicóloga *Ana* sobre as atividades desenvolvidas no estágio não obrigatório.

SUJEITOS PARTICIPANTES	CONTEXTO
<p><i>Ana</i> – na verdade...<i>a gente percebe que a escola é um espaço, que...tem trabalho pra tudo...tem trabalho com os pais</i>, né...eu fiz estágio durante um ano...e durante esse ano todo eu não tive contato nenhum com os pais, não consegui...nem...nem um encontro, nem nada...porque <i>a escola tem tanta coisa pra ser trabalhada, parece que quando a gente entra em uma escola, a dinâmica dela se resume a prof. e aluno, né...em especial se a gente está numa escola que nunca teve psicólogo, numa escola que tem um número grande de alunos, um número grande de professores, que tem uma expectativa muito grande, em relação a esse papel desse psicólogo, então até que a gente entra, que a gente acalma todo mundo, que a gente fala, mostra pelo menos, assim: olha, o psicólogo escolar, tá aqui sim, mas não sou eu que vou fazer o seu trabalho, vocês também vão estar fazendo, vocês também vão estar participando, o aluno também vai estar construindo</i>, né...essa escola que ele quer, o que que tá...qual é a dificuldade dessa escola, <i>primeiro tem que ver o que que está difícil, né... pra depois a escola começar a encontrar ...saídas pra aquilo que está acontecendo, mas todo mundo tem que tá participando</i>, e assim no meu estágio, eu percebi que voou, né...começou em março e...nós já estamos em novembro e praticamente acabou, né...e a ..a ...gente pensa assim, o que que aconteceu, né...o que que a gente fez, né... a gente conheceu uma realidade, da escola, a realidade né... e tem tanta coisa... <i>tem tanta coisa que precisa ser trabalhada</i>, né... e e a gente faz o que...como é essa escola, faz um diagnóstico dessa escola, não dá pra fazer muita coisa, né...e é isso aí que <i>a gente precisa estar mostrando pras pessoas, né...o que...que que o psicólogo pode fazer nesse lugar, sozinho nada...agora com a equipe, com um grupo participando, muita coisa</i>, né...então eu acho assim, que foi uma experiência muito boa, né...mas fica aquela, até pra gente, né...<i>aquela vontade de ter feito mais</i>, né...mas aquela esperança algo pode ser feito também, né...</p>	<p>C – todas estavam ouvindo atentamente.</p>

Contexto: recorte da apresentação da psicóloga *Claudia* sobre as atividades que desenvolveu no estágio curricular.

SUJEITOS PARTICIPANTES	CONTEXTO
<p><i>Claudia</i> – e...e...e assim... é porque muitas vezes o psicólogo ele fica lá...mas...assim...ele não fica lá constantemente, ele só vai uma vez por semana, e tal...é interessante essa questão do estagiário, porque o estagiário pode estar desenvolvendo mais atividades, lá, né...porque acaba que ... quer dizer, o psicólogo estando lá um dia, quer dizer...ele desenvolve alguma coisa sim...claro, né...mas fica restrito, né...tendo um estagiário pode fazer um trabalho muito mais amplo, né...é...no meu estágio, né...tinha...4...é...4 estagiárias, né...2 na parte da tarde, né...e 2 na parte da manhã, né...nós desenvolvemos um trabalho, né...nós fazíamos uma reunião mensal com os pais, né...e essa reunião ela já existia, lá...no período anterior, duas estagiárias, tinham feito um trabalho lá, também...então já tinha esse trabalho, o grupo com pais, né...fizemos um trabalho, também, um trabalho mensal com os professores, né...desenvolvemos um trabalho com o recreio programado, né... trabalhamos a questão da é... da socialização da criança, mesmo, através de várias brincadeiras, né...tentando intervir na questão da socialização, né...enfim...enfim...pra tá...para está melhorando a socialização da criança, né...e também...que mais...e trabalhamos também com um grupo assim, de criança que apresentavam algum tipo dificuldade, e aí eram grupos menores, né...e aí fazíamos reuniões quinzenais com os pais, né... a reunião com essas crianças era semanal, né, e com os pais, com os pais dessas crianças era quinzenal, né...e...e assim...essa reunião com os pais, assim...é... eu ...eu agora estava até comparando, né...(sorrisos)...mas...é...é assim... no início tinha menos pessoas, mas chegou assim no meio do estágio...teve um dia que teve tanto pai lá que até...eu fiquei até...nós até assustamos, sabe...de tanto pai, de pai que tinha...e...(sorrisos – todos riram muito)...e agora...e agora...tinha tanto pais que eu fiquei assustada...mas foi bom...</p>	<p>C – todos ouviam atentamente.</p>

A partir dessas informações, percebe-se a presença de uma visão de Psicologia Escolar mais contextualizada, ou seja, mais voltada para a instituição e o processo ensino-aprendizagem, considerando todos os indivíduos que compõem esse espaço. Desenvolvendo atividades apoiadas em um enfoque interdisciplinar, onde o Psicólogo não trabalha sozinho, mas em parceria com os outros profissionais da escola.

Parece que a prioridade, nessas atuações, foi o trabalho com o coletivo,

investindo nas relações estabelecidas pelo grupo, com uma concepção de que todos participam do processo educacional; assim, as ações devem envolver alunos, professores, família, numa construção coletiva.

Ana, bacharel em Psicologia, demonstra uma atitude consciente das dificuldades presentes no contexto educacional, relacionadas com as expectativas criadas em torno do Psicólogo; destacando a necessidade de clarificar o papel de cada um, principalmente do Psicólogo Escolar. Percebe-se que conseguiu construir uma visão ampla do papel desse profissional, enaltecendo a riqueza desse espaço de atuação.

Baseado na perspectiva de que o homem se constrói nas relações sociais que vivencia, é de fundamental importância considerar as visões que foram construídas acerca do papel do Psicólogo Escolar. Afinal, foram visões construídas a partir de relações estabelecidas entre o contexto educacional e os Psicólogos. Cabe a esses profissionais esclarecer sua função, apoiados em um referencial teórico sólido.

As supervisoras de campo que acompanharam o estágio curricular dessas profissionais, não possuem vínculo empregatício com a universidade, desenvolvendo esse trabalho voluntariamente. Logo, não participam oficialmente do corpo docente do curso de Psicologia, o trabalho de supervisão é acompanhado pela coordenação da área escolar, vinculada à clínica-escola do Departamento de Psicologia.

Essas supervisoras participam de forma sistemática da formação de Psicólogos Escolares. E percebe-se que desenvolvem uma Psicologia Escolar mais crítica e transformadora, sob uma visão mais ampla da Educação; como elas não participaram da pesquisa, não se pode dizer nada sobre a formação que tiveram; mas, através da observação de suas estagiárias, pode-se falar de sua atuação.

Durante o estágio, o aluno tem condições de entrar em contato com a realidade, confrontando o que foi estudado na universidade, possibilitando a desmistificação das teorias psicológicas, através da construção de uma prática aliada aos contextos sociais e educacionais.

Dessa forma, pensa-se na necessidade de um maior investimento por parte da universidade nesse momento da formação, assegurando-se de que o aluno receba orientações e desenvolva atividades e estudos que propiciem uma fundamentação teórico-metodológica abrangente.

Frente à situação da Psicologia Escolar, observada no curso de Psicologia da UCG, através de suas grades curriculares, das ementas, do diálogo realizado com professores e profissionais que ali se formaram, acredita-se que existem muitas dificuldades e questões a serem revistas, mas também existem aspectos positivos, pois à medida que são introduzidas algumas alterações, são percebidas mudanças qualitativas na visão dos alunos e profissionais.

De acordo com as informações construídas no debate, pensa-se na viabilidade de propiciar a formação de um Psicólogo Escolar comprometido com sua função social, contribuindo com uma Educação mais crítica. Concluindo com NOVAES (1992, p. 20):

é responsabilidade da universidade preparar recursos humanos e desenvolver projetos e programas que efetivamente atendam às necessidades sociais com o aperfeiçoamento de futuros profissionais que irão trabalhar no meio educacional (...) sua função social estará sempre e diretamente relacionada ao compromisso ético-político-cultural subjacente à prática educativa, ao envolvimento autêntico com a transformação da realidade social e à efetiva articulação de seus programas e projetos com as necessidades e demandas da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo que promove discussões sobre o ser humano em sua relação com o outro, inserido em um contexto complexo, como o educacional, não tem a pretensão de chegar a conclusões fechadas. As reflexões suscitadas pelos indicadores levantados no percurso do processo investigativo possibilitaram a produção de conhecimentos sobre a realidade estudada e assinalaram caminhos que podem ser percorridos em outros momentos.

O processo de pesquisa construído favoreceu o levantamento de vários indicadores que deram sentido a espaços relacionados à formação e atuação do Psicólogo Escolar em Goiânia, atendendo ao problema estabelecido inicialmente. Porém, conforme REY (1999), durante a construção de uma pesquisa, ocorre o aparecimento de um conjunto imprevisível de informações que sempre estão além do objetivo explícito do pesquisador. Portanto, devem-se manter abertura e flexibilidade frente a essa diversidade e complexidade de informações que são geradas, cuidando para que o problema inicial não se torne uma camisa-de-força.

Dentro dessa perspectiva, foi necessário fazer uma seleção dos conjuntos de indicadores que, através de uma análise construtiva-interpretativa, permitiram tecer uma rede de conhecimentos integrados entre si acerca do fenômeno estudado. Acredita-se que outros indicadores levantados no processo investigativo permitiriam a produção de outros conhecimentos, dependendo da postura e da interpretação do pesquisador.

O caminho escolhido nesse estudo propiciou discussões sobre a situação da Psicologia Escolar dentro do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, relacionando a formação fornecida com a atuação desenvolvida por alguns profissionais em escolas de Goiânia, embasado na crença de que a construção de um profissional passa pela história pessoal do indivíduo, isto é, a formação desenvolvida no curso de graduação e a prática posterior, quando os modelos de atuação sinalizam as direções.

Conforme foi discutido anteriormente, a formação em Psicologia no Brasil e, especificamente em Psicologia Escolar, ocorreu permeada por diferentes paradigmas. O desenvolvimento dos cursos de graduação foi decorrente de um movimento lento e constante de ruptura desses paradigmas, a partir de discussões baseadas em novas concepções acerca do homem e dos contextos em que está inserido.

A trajetória da atuação do Psicólogo Escolar no país refletiu esse desenvolvimento vivenciado no processo de formação. A fragilidade na formação do profissional e as críticas oriundas dos contextos social e educacional provocaram questionamentos sobre a prática do Psicólogo junto à Educação.

Desde a década de 1990, existem publicações no país que ressaltam a importância de revisões e questionamentos acerca da Psicologia Escolar, relatando pesquisas e experiências de intervenção, no sentido de construir uma prática que contribua significativamente para o processo educacional (YAZLLE, 1990; MALUF, 1992; GUZZO, 1993; NOVAES, 1996; MACHADO e SOUZA, 1997).

Em Goiânia, observou-se que os processos de formação e atuação do Psicólogo Escolar também vivenciaram esses momentos de desenvolvimento; porém, através de mudanças lentas e pouco visíveis.

De acordo com as informações construídas no contexto educacional goianiense, durante o processo de pesquisa, percebeu-se que o Psicólogo Escolar ainda não está presente nas escolas, pois o psicólogo que foi apresentado nas discussões corresponde a um profissional que atende a um modelo de atuação distante das propostas atuais.

Acredita-se que as escolas buscam um profissional que focaliza o problema no aluno, livrando-as de qualquer responsabilidade. Em muitas situações, preferem colocar o Psicólogo em outras funções, como coordenador e diretor; pois a instituição quer o conhecimento da Psicologia, mas não quer o Psicólogo Escolar, para não ter que se comprometer com os problemas que ocorrem no processo ensino-aprendizagem.

E muitos Psicólogos atendem a essas expectativas equivocadas da escola, desenvolvendo uma atuação reducionista, não conseguindo realizar um trabalho em grupo, apresentando-se fragilizado frente às dificuldades que encontra nesse contexto.

A universidade também atende às expectativas dessa escola, quando propicia uma formação frágil ao Psicólogo Escolar. Essa área se configurou de forma isolada dentro do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, não realizando um trabalho interdisciplinar com as demais áreas, devido à organização do currículo, à elaboração das ementas da disciplina Psicologia Escolar e, principalmente, à ação efetiva do corpo docente, responsável pela condução de todo o curso.

As ementas da disciplina Psicologia Escolar sofreram alterações desde a fundação do curso de Psicologia na UCG, partindo de uma visão de homem abstrato, focalizando os problemas escolares no indivíduo e, chegando a uma concepção mais crítica, que considera as questões ideológicas e político-sociais presentes no contexto educacional e que permeiam a constituição de um homem concreto e histórico.

As alterações ocorridas nas grades curriculares foram mais lentas, pois somente na grade de 1998 que a disciplina Psicologia Escolar se tornou obrigatória e na grade de 1999 ela foi transferida para o quinto período, ou seja, o aluno entra em contato com a área escolar na metade do curso, não deixando para o seu final, como ocorria nas grades anteriores. A demora na realização de tais procedimentos podem indicar que as mudanças nessa área envolviam discussões complexas e conflituosas.

Na Universidade Católica de Goiás, acredita-se que o aluno percebe a história do curso de Psicologia através do currículo oculto, que é levado para a sala de aula pelos seus professores, evidenciando conflitos entre visões e paradigmas diferentes em relação ao conhecimento psicológico. Nesse contexto, a produtividade acadêmica desaparece, não sendo privilegiada, permanecendo uma situação de tensão entre os grupos que pertencem a paradigmas diferentes, impedindo a formação de grupos produtivos.

A área de Psicologia Escolar foi prejudicada nesse sentido, porque não se construiu um grupo produtivo. Alguns professores mais capacitados ou interessados na área passaram pelo Departamento como “convidados”, não fazendo parte do corpo efetivo, indo embora logo. Os professores efetivos, como não conseguiram formar um grupo de discussão, desistiram da área e se voltaram para outros espaços, onde a pressão e a tensão podem ter provocado tal comportamento.

Sabendo-se que o curso de Psicologia na UCG possui apenas vinte e nove anos de existência, é necessário considerar que muitas questões ainda precisam de discussões e estudos, para que se alcance um nível de desenvolvimento presente nas instituições que apresentam um Psicólogo Escolar mais crítico, alicerçado em fundamentos teórico-metodológicos firmes.

E esse desenvolvimento só poderá ser alcançado baseado na ação de seu corpo

docente, que possui o privilégio e a responsabilidade de participar efetivamente da construção do curso de formação e, conseqüentemente, da qualidade da atuação dos profissionais; pois, os indicadores levantados apontam que o processo de formação participa ativamente da construção da atuação e as práticas observadas em Goiânia refletem o movimento realizado no curso de Psicologia da UCG.

As categorias construídas a partir das entrevistas com as professoras da área escolar relacionam-se com as informações produzidas durante as entrevistas com as profissionais. O conjunto desses indicadores propiciou a percepção de zonas de sentido que deram significados a aspectos que participam da construção dos processos de formação e atuação.

A observação da história pessoal de cada profissional mostrou que, de acordo com a experiência realizada junto à Educação, o Psicólogo se motivou para o investimento em estudos e pesquisas com o intuito de conhecer melhor o processo educacional. Contudo, a consciência sobre a importância desse conhecimento foi propiciada pela experiência profissional ocorrida antes da graduação, pois o curso não contribuiu de forma efetiva para tal.

Os indicadores relacionados com o sentimento dos professores da área escolar, de desvalorização em relação à Educação e à Psicologia Escolar, assinalam a dificuldade de conquistar adeptos para investir no crescimento da área e na formação de um grupo coeso que invista no desenvolvimento de pesquisas, com o intuito de ampliar os conhecimentos acerca das contribuições da Psicologia ao processo ensino-aprendizagem.

Pode-se dizer que o discurso e a ação do professor de Psicologia Escolar tende a participar da formação de profissionais que acreditam na importância da atuação do

Psicólogo Escolar, mas que não se arriscam nessa área, devido às dificuldades que irão encontrar, ficando iludidos de que a situação na área clínica ou em qualquer outra área é melhor, desconsiderando a situação econômica do país, que complica a atuação de qualquer profissional, porém não a inviabiliza.

As contradições presentes nos discursos dos professores do curso de Psicologia em relação ao Psicólogo Escolar promovem também dificuldades na formação de grupos na área, além de ampliar os equívocos nas formas de atuação, observadas nos relatos dos profissionais. Situação esta que intensifica a falta de referenciais de atuação, criando um círculo vicioso que precisa ser quebrado, visto que as contradições na formação podem promover contradições na atuação e vice-versa.

Na trajetória da Psicologia Escolar no curso de Psicologia da UCG, percebeu-se a existência de professores isolados, desenvolvendo atividades na área sem o estabelecimento de parcerias com o restante do corpo docente. Não houve a formação de um grupo que se envolvesse efetivamente com as questões educacionais, pelo contrário, a entrada de um professor na área era decorrente da saída de outro. Portanto, não havia trabalho em equipe.

Em alguns casos, um professor não dava continuidade para as atividades e projetos desenvolvidos pelo professor anterior, devido à falta de comunicação e a dificuldades atribuídas aos paradigmas que fundamentavam os trabalhos. A diversidade de questões pessoais e de linhas de pensamento presentes no curso dificulta o diálogo entre seus profissionais.

Os paradigmas estabelecem os marcos teóricos-metodológicos de interpretação dos fenômenos estudados, reunindo grupos de estudiosos que compartilham as mesmas

visões e não apóiam as visões dos outros grupos (KUNH, 1982), tornando, assim, complexa a proposta de organizar grupos que trabalhem em conjunto em prol de uma mesma área de atuação.

Na organização da Psicologia Escolar na UCG, é possível perceber a presença de diferentes paradigmas, fundamentados em ideologias que legitimavam a área como participante do processo educativo, no sentido de adaptar os comportamentos inadequados.

Os professores que participaram da construção da área apresentavam visões diferentes do fenômeno educacional e psicológico e, por outro lado, sofriam resistência de professores de outras áreas que não apoiavam, ou melhor, não consideravam a área escolar importante.

Parece que a ação dos professores da área escolar era movida por uma busca de um ideal de autonomia profissional, pois existia um sentimento de onipotência, a partir da crença de que poderiam construir sozinhos a Psicologia Escolar na UCG. Algumas das professoras que participaram da pesquisa se apresentaram como pioneiras da área, desconsiderando o trabalho construído pelo restante da equipe.

Dessa forma, não houve a organização de um grupo de professores comprometidos com o desenvolvimento da área escolar. Sendo necessário ressaltar que a organização do currículo de um curso e das ementas de suas disciplinas é feita a partir da organização do corpo docente da instituição formadora. Segundo DIAS (2001, p. 37),

é possível perceber que muitas das grades curriculares se organizam como uma colcha de retalhos, revelando muito mais os diversos níveis de força política que gozam os profissionais que compõem o corpo docente, que uma política institucional preocupada com o ambiente socio-cultural em que está inserida. Nesse contexto, cada profissional, a partir de sua

experiência ou interesse, diz que disciplinas são importantes ou que poderiam tornar o currículo pleno especialmente interessante.

Por isso é necessário considerar a atuação dos professores que compõem o curso, pois são esses profissionais que irão participar da construção da formação oferecida, através de suas concepções e posturas frente ao conhecimento trabalhado com os alunos. Dessa forma, a área escolar se mostrou carente de um grupo que a defendesse, afinal, por mais que um indivíduo se envolva em uma causa, ele não terá forças suficientes para promover transformações significativas, sozinho.

Assim, a universidade necessita rever os critérios usados na distribuição das disciplinas entre o seu corpo docente, além de repensar a forma de trabalhar pedagogicamente com sua equipe, acompanhando o desenvolvimento das ementas.

Verifica-se que ao se discutir uma situação como essa pela primeira vez, muitas contradições são detectadas; mas a partir do momento em que se tornar uma prática comum, em se organizar grupos de discussão, a tendência é encontrar caminhos que qualifiquem o processo de formação. A universidade já realiza trabalhos nesse sentido. Então, a proposta é que sejam dirigidos esforços também a área de Psicologia Escolar.

A formação propiciada pela UCG concebe a Psicologia Escolar desligada da Educação, como ciência pura, prejudicando uma área que é basicamente interdisciplinar. E essa situação não está presente somente no Departamento de Psicologia, é uma questão interdepartamental, porque o Departamento de Educação também apresenta visões equivocadas em relação à Psicologia Escolar, apoiando-se em concepções referentes a uma figura de Psicólogo Escolar de décadas anteriores.

É necessário que todos os profissionais envolvidos com o contexto

educacional, dentre eles, o Pedagogo e o Psicólogo, repensem suas concepções e se disponibilizem para realizar discussões que promovam a construção de uma área interdisciplinar, a qual possa contribuir com teorias e atuações significativas em prol de uma Educação mais humanizada e transformadora.

A prática apresentada pelas Psicólogas Escolares que participaram da pesquisa refletem o processo de formação que vivenciaram e a falta de referenciais de atuação que vivenciam. As fragilidades presentes tanto na formação quanto na atuação resultam em uma grande dificuldade para lidar com os problemas que surgem no dia-a-dia da escola.

Todavia, foi evidenciada por duas, das três psicólogas entrevistadas, uma insatisfação com a própria prática e o desejo de buscar conhecimentos que fortaleçam sua ação.

Por outro lado, de acordo com os indicadores levantados na análise do debate realizado com o grupo de Psicólogas ligadas ao atual curso de especialização em Psicologia Escolar, percebeu-se que as profissionais graduadas recentemente participaram de uma formação mais atualizada, onde o contexto educacional foi valorizado e o processo ensino-aprendizagem considerado a partir de seus diferentes componentes, favorecendo a constituição de um Psicólogo Escolar mais crítico e vinculado às demandas sociais.

Portanto, acredita-se que as mudanças que ocorreram no processo de formação do Psicólogo Escolar foram devidas à motivação de professores, que desenvolveram projetos apoiando-se em grupos de alunos interessados na Educação. Observando a situação da Psicologia Escolar em outras instituições formadoras, percebeu-se um movimento semelhante.

De acordo com experiência vivenciada pela pesquisadora, em outubro de 2001, na XXXI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, pôde-se conhecer um pouco sobre a situação dessa área em outros contextos, através da participação em uma reunião com professores e supervisores de Psicologia Escolar.

Participaram da reunião seis profissionais ligados à Psicologia Escolar, oriundos da PUC/RJ de Duque de Caxias, PUC/RJ de Macaé, PUC/SP, UERJ e UNICSUL/SP. A proposta era discutir a formação em Psicologia Escolar nessas instituições*. No início da reunião, a pesquisadora solicitou autorização para registrar a discussão, visando participar da construção de informações no processo investigativo que estava realizando sobre a formação e a atuação do Psicólogo Escolar em Goiânia. Todos concordaram com a participação interessados em ampliar a compreensão desses processos. E se propuseram, inclusive, a contribuir posteriormente com mais informações.

De modo geral, percebeu-se que a área escolar está em pleno desenvolvimento, pois a produção aumentou, houve um maior investimento na prática. A presença de trabalhos e pesquisas desenvolvidas na área educacional foi muito grande nesse encontro nacional, contribuindo para uma maior discussão e trocas de experiências.

Os professores relataram trajetórias semelhantes na área escolar, dentro de suas instituições, uns ainda estão iniciando o caminho e outros, como as PUC do Rio de Janeiro, já se organizaram em Institutos, com núcleos de pesquisa em Psicologia Escolar e uma formação mais significativa, composta por mais disciplinas optativas, relacionadas ao contexto educacional e estágios curriculares mais sistematizados.

O discurso mais frequente, defendido por todos, é de que os profissionais ligados à área escolar precisam se comprometer com a construção de uma identidade

* Encontra-se em anexo um resumo das idéias discutidas nessa reunião.

própria da Psicologia Escolar, deixando a visão clínica e buscando a visão institucional. A professora Marisa Lopes, ligada à UERJ e à PUC/RJ, ressaltou com veemência a necessidade de desenvolver um trabalho interdisciplinar com a equipe de profissionais que compõem a escola, tirando a exclusividade e o poder do Psicólogo Escolar de resolver sozinho os problemas educacionais.

A partir dessas discussões é possível ponderar que ocorre em muitas instituições do país questionamentos e ações visando a uma reconstrução da área escolar, buscando caminhos que promovam uma atuação mais crítica.

Atualmente, existe, em Goiânia, um movimento de formação de um grupo de profissionais interessados no desenvolvimento da área, composto por Psicólogos que estão realizando a pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* na Universidade Católica de Goiás. Inicialmente, estão tentando organizar um núcleo da ABRAPEE (Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional), visando promover discussões e desenvolver pesquisas que ampliem a compreensão da Psicologia Escolar e do papel do Psicólogo Escolar e, permitam, posteriormente, a socialização desse conhecimento, trabalhando o contexto social e educacional em relação às expectativas existentes quanto à ação desse profissional.

Pois, percebe-se que a inserção do Psicólogo no contexto educacional estará comprometida, enquanto os outros profissionais da Educação não compreenderem a contribuição e o papel que pode ser desempenhado por esse profissional nesse contexto.

Sabe-se que as demandas atuais à Educação estão levando as escolas a repensar sua prática e a buscar estratégias diferenciadas para lidar com a formação do indivíduo para o novo século. Essa situação possibilita, de certa forma, alguma abertura para outros profissionais, como o Psicólogo. Porém, se as pessoas da escola não

entenderem que contribuição o Psicólogo Escolar pode trazer ao contexto educacional, não irão procurá-lo.

Nesse sentido, acredita-se que essa necessidade de mudanças no contexto educacional favorece as discussões sobre a inserção do Psicólogo na escola e, cabe a esse profissional investir no esclarecimento de seu papel, fundamentado-se em concepções teórico-metodológicas consistentes, para que sua atuação seja legitimada por uma postura crítica-transformadora.

Porém, ressalta-se a necessidade de desenvolver pesquisas que busquem compreender a situação do contexto educacional goianiense, esclarecendo que tipo de escola existe, quais são suas propostas de ensino e quais são as expectativas da família em relação à esse ensino. Essas questões são fundamentais para se pensar na inserção do Psicólogo Escolar, pois se referem ao contexto em que deverá atuar, que apresenta características específicas que devem ser consideradas, para que não ocorra uma atuação desvinculada da realidade.

O papel do Psicólogo Escolar só será legitimado pela sociedade, na medida em que encontrar alternativas de atuação que auxiliem o ser humano e as instituições educacionais a lidar com os novos contextos; passíveis de transformações e incertezas constantes, no século vigente; em função de uma tecnologia avançada, a qual propicia uma avalanche de informações e uma globalização de conhecimentos, atitudes e valores. O século XXI delinea uma nova sociedade, a qual exige novos olhares e novas atuações, sobretudo no que se refere à Psicologia Escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. F. C. de. O psicólogo no cotidiano da escola: re-significando a atuação profissional. In: GUZZO, R. S. L.(org). **Psicologia escolar: LDB e educação hoje**. Campinas: Alínea, 1999.

_____. O psicólogo escolar e os impasses da educação: Implicações da(s) teorias(s) na atuação profissional. In: DEL PRETTE, Z. A. P. (org.). **Psicologia escolar e educacional, saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras**. Campinas: Alínea, 2001.

ALMEIDA, L.S; GUZZO, R. S. L. A relação psicologia e educação. **Estudos de psicologia**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 117-131, 1992.

BARDON, J. I.; BENNETT, V. C. **Psicologia escolar**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Propostas de diretrizes curriculares para o curso de graduação em psicologia**. Brasília: 1999.

BOCK, A. M. B. Palestra proferida no I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. In: Congresso Nacional de Psicologia Escolar, 1. 1991, Valinhos. **Anais...** Campinas: Átomo,1992. p. 158-159.

_____. **Aventuras do Barão de Münchhausen na psicologia**. São Paulo: EDUC e Cortez, 1999.

_____. As influências do Barão de Münchhausen na psicologia da educação. In: TANAMACHI, E., PROENÇA, M.; ROCHA, M. (orgs). **Psicologia e educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BOCK GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, O. (orgs). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

BRANCO, M. T. C. Que profissional queremos formar? **Psicologia ciência e profissão**, Brasília, ano 18, n. 3, p. 28-35, 1998.

CATHARINO, T. R. Formação de psicólogos, currículos e subjetividade. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 9-19, 1998.

CHARLOT, B. **A Mistificação pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro: Zahar. 1986.

COLL, C. S. (org.). **Psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1999.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Pesquisa sobre a realidade profissional**. (2001). Disponível em: <http://www.psicologia-online.org.br>. Acesso em: 24 jun.2002.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA (CRP). **Manual do psicólogo**. Goiânia: CRP – 9.^a região, 1998. 34p.

COUTINHO JUNIOR, W. História da Psicologia no Brasil. **Estudos**, Goiânia, v. 12, n. 3 / 4, p. 291-302, 1985.

CUPOLILLO, M. V. (Coord.). O processo de comunicação no cotidiano de atividades educacionais. 2001. In: _____. (org.). **A Psicologia em diálogo com a educação**. Goiânia. No prelo.

_____. Orientações de supervisão. Goiânia, 2002.

DEL PRETTE; Z. A. P.; Del Prette, A. Habilidades envolvidas na atuação do psicólogo escolar/educacional. In: WECHSLER, S. M.(org.). **Psicologia escolar**: pesquisa, formação e prática. Campinas: Alínea. 1996.

_____. Psicologia, educação e LDB: novos desafios para velhas questões? In: GUZZO, Raquel S. L. (org). **Psicologia escolar**: LDB e educação hoje. Campinas: Alínea, 1999.

DIAS, C. A. **Considerações sobre elaboração de currículos para formação de psicólogos**: a partir de uma perspectiva didática. **Psicologia ciência e profissão**. Brasília, ano 21, n. 3, p. 36-49. 2001.

ELIAS, Nobert. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GAMBOA, S. S. A Dialética na pesquisa em Educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1985.

GEBRIM, V. S. Psicologia e Educação no Brasil: uma história contada pela revista brasileira de estudos pedagógicos. **Educ Ativa**, Goiânia, v.1. n. 1, p. 179-188, 1997.

GOIÂNIA (capital). Projeto de Lei n.º 004, de 06 de março de 2001. Dispõe sobre a obrigatoriedade dos estabelecimentos de ensino a contratar psicólogos. **Câmara Municipal de Goiânia**, protocolo de entrada 0236/01, 2001.

GOMES, V. L. T. A formação do psicólogo e os impasses entre a teoria e a prática. In: GUZZO, Raquel S. L. (org.). **Psicologia escolar: LDB e educação hoje**. Campinas: Alínea, 1999.

GONÇALVES, C. L. C. Formação em psicologia escolar no exterior e no Brasil. In: WITTER, C. (org.) **Ensino de psicologia**. Campinas: Alínea, 1999.

GOULART, I. B. **Psicologia da educação – Fundamentos teóricos – Aplicações à prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUZZO, R. S. L. Formando psicólogos escolares no Brasil: dificuldades e perspectivas. In: WECHSLER, S.M. (org.). **Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática**. Campinas: Alínea, 1996.

_____. Novo paradigma para a formação e atuação do Psicólogo Escolar no cenário educacional brasileiro. In: GUZZO, Raquel S. L. (org.). **Psicologia escolar: LDB e educação hoje**. Campinas: Alínea, 1999.

_____. Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: Desafios do novo milênio para a psicologia escolar. In: DEL PRETTE, S. A. P. (org.). **Psicologia escolar e educacional, saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras**. Campinas: Alínea, 2001.

GUZZO, R. S. L.; WECHSLER, S. M. O Psicólogo Escolar no Brasil: padrões, práticas e perspectivas. In: GUZZO, R. S. L. (org.). **Psicologia escolar: padrões e práticas em países de língua espanhola e portuguesa**. Campinas: Átomo, 1993.

HOFF, M. S. A Proposta de Diretrizes Curriculares para os Cursos de Psicologia: uma perspectiva de avanços? **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, ano 19, n. 3, p. 12-31, 1999.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

LEITE, S. A. S. **Do plano curricular ao currículo em ação. Temas em psicologia**. Ribeirão Preto, v. 6, n.1, p. 51-57, 1998.

LEONTIEV, A. N. (s.d.). *El hombre y la cultura*. Havana: Juan Gualbo, 40 p.

LIBÂNEO, J. C. Psicologia educacional: uma avaliação crítica. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. O. **Psicologia social** – O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Organização e gestão da escola** – Teoria e Prática. Goiânia, 2000.

LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen** – Marxismo e Positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1998.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa** – Uma introdução – Elementos para uma análise metodológica. São Paulo: Educ, 1997.

MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R. (orgs.). **Psicologia escolar**: em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MALUF, M. R. Psicologia e Educação: paradoxos e horizontes de uma difícil relação. I CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR. **Anais...** São Paulo: ABRAPEE/PUCCAMP, 1992. p. 170-176.

_____. Formação e Atuação do Psicólogo na Educação: dinâmica de transformação. In: CFP. **Psicólogo brasileiro**: práticas emergentes e desafios para a formação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p. 157-200.

_____. A formação profissional do psicólogo brasileiro. **Interações – estudos e pesquisas em psicologia**. São Paulo, v.1, n. 1, p. 31-45, jan./jun.1996.

_____. O psicólogo escolar e a educação: uma prática em questão. In: DEL PRETTE; ZILDA A. P. (org.). **Psicologia escolar e educacional, saúde e qualidade de vida**. Campinas: Alínea, 2001.

MEIRA, M. E. M. Psicologia Escolar: Pensamento Crítico e Práticas Profissionais. In: TANAMACHI, E., PROENÇA, M. e ROCHA, M. (orgs). **Psicologia e educação** – desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

NOVAES, M. H. **Psicologia da educação e prática profissional**. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. Perspectivas para o futuro da Psicologia Escolar. In: WECHSLER, S. M. (org.). **Psicologia escolar**: pesquisa, formação e prática. Campinas: Alínea, 1996.

_____. A convivência em novos espaços e tempos educativos. In: GUZZO, R. S. L. **Psicologia escolar**: LDB e educação hoje. Campinas: Alínea. 1999.

OAKLAND, T.; STEMBERG, A. Psicologia escolar: uma visão internacional. In: GUZZO, R. S. L. **Psicologia escolar**: padrões e práticas em países de língua espanhola e portuguesa. Campinas: Átomo, 1993.

OLMOS, M. D. **Contribuição para a história da psicologia no Brasil**: uma comparação das dissertações de mestrado em psicologia escolar da USP e em psicologia da educação da PUC/SP no período de 1970 – 80. São Paulo, 1998. Dissertação de Mestrado, PUC/SP.

PATTO, M. H. S. (org.). **Introdução à psicologia escolar**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. **A produção do fracasso escolar** – Histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PFROMM NETTO, S. As origens e o desenvolvimento da Psicologia Escolar. In: WECHSLER, S. M. (org.). **Psicologia escolar**: pesquisa, formação e prática. Campinas: Alínea, 1996.

REY, F. G. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: EDUC, 1997.

_____. *La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos*. São Paulo: EDUC, 1999.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 2000.

ROSSI, G. **Psicólogo escolar**: atuação na opinião de professores e diretores de escolas públicas. São Paulo: 1996. Dissertação de Mestrado, PUCCAMP.

SEVERINO, A. J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU. 1986.

SILVA_1, R. C. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: PARADIGMAS que informam nossas práticas de pesquisas. In: ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVES, Zélia M. M., (org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

SILVA_2, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, M. P. R. A Queixa escolar na formação de psicólogos: desafios e perspectivas. In: TANAMACHI, E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. (orgs). **Psicologia e educação** – desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

TANAMACHI, E. R. Mediações teórico-práticas de uma visão crítica em psicologia escolar. In: TANAMACHI, E., PROENÇA, M.; ROCHA, M. (orgs). **Psicologia e educação** – desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2000.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE GRADUAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS, 12, 1999, Ilhéus. **Plano nacional de graduação** – Um projeto em construção. Goiânia: Universidade Católica de Goiás (UCG), 1999. 31 p.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **1. Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **2. Psicologia concreta do homem. Educação & Sociedade**. Campinas: Cedes, número especial. 2000.

YAZLLE, E. G. **A formação do psicólogo escolar no Estado de São Paulo**: subsídios para uma ação necessária. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado) – PUC/SP.

WITTER, G. P. et al. **1. Atuação do Psicólogo Escolar e Educacional no Brasil: Perspectivas através de textos (1980-1992)**. In: Conselho Federal de Psicologia (CFP). **Psicólogo brasileiro**: construção de novos espaços. Campinas: Átomo, 1992. Cap. 2.

_____. **2. Atuação do psicólogo: espaços e movimentos**. In: Conselho Federal de Psicologia (CFP). **Psicólogo brasileiro**: construção de novos espaços. Campinas: Editora Átomo, 1992. Cap. 5.

WITTER, G. P. Entrevista com o Prof. Dr. Arrigo Leonardo Angeline. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 2, n.1, p. 55-62, 1998.

_____. **1. Psicólogo escolar no ensino superior e a Lei de Diretrizes e Bases**. In: GUZZO, R. S. L. **Psicologia escolar**: LDB e educação hoje. Campinas: Alínea, 1999.

WITTER, C. **2. Formação e atuação do psicólogo escolar**. In: WITTER, C. (org.). **Ensino de psicologia**. Campinas: Alínea, 1999.